SHOW BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ABRIL • ANO 13 / Nº 06 • EDIÇÃO 142 / MAIO • R$ 5,00

BOMBA!

o caderno perdido de RENATO RUSSO

- a descoberta de 11 letras inéditas
- as primeiras versões de 7 grandes clássicos
- a juventude do poeta em Brasília
- a verdadeira história do Aborto Elétrico

00142

+ U2 em Las Vegas, Kid Abelha, Seattle pós-Cobain, Gil & Nando Reis, Abril Pro Rock

alcatrão: 14 mg nicotina: 1,0 mg monóxido de carbono: 15 mg

**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
QUEM FUMA ADOECE MAIS
DE ÚLCERA DO ESTÔMAGO.**

hollywood
RIO 400
Hollywood
Official Sponsor

hollywoo

holly

GP
hollywood
RIO
400

Dias 9, 10 e 11 de maio.

TÊNIS FUTSAL UMBRO.
MAIS AGILIDADE NAS QUADRAS.

Resultado do solado em látex antiderrapante,
que proporciona muito mais aderência e adaptabilidade
aos diversos tipos de piso, e do processo de vulcanização,
que garante acabamento perfeito e maior resistência
nas áreas emborrachadas.

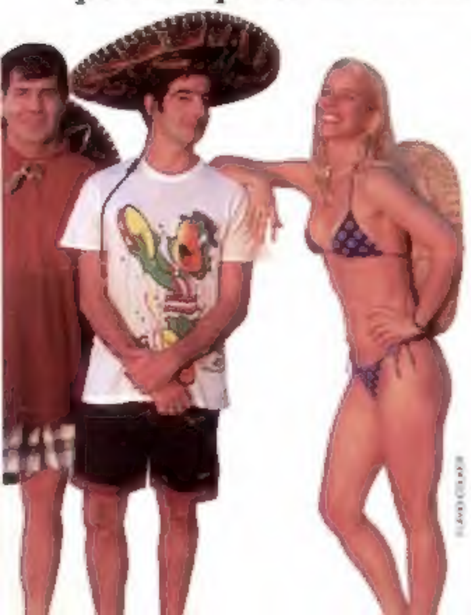
UMBRO
Only Football

UMBRO®

Pauta

36 SEATTLE
Como a capital do grunge sobreviveu à morte de Kurt Cobain

52 KID ABELHA
Paula Toller chega *caliente* para conquistar os latinos



42 GIL & NANDO
O titã entrevista seu ídolo em busca de segredos de grandes discos

20 ABRIL PRO ROCK
O maior festival de música jovem do Brasil

48 SURF MUSIC
Rock australiano o cacete! Aqui mora o verdadeiro som do surf

72 RAP DA FAVELA NAVAL
A poesia nascida em meio à violência policial de Diadema

SEMPRE EM SHOWBIZZ

06 CANAL BIZZ
Música baiana na berlinda

10 BIZZES
Foo Fighters: Planet Hemp

34 PLAY
Supergrass, Chemical Brothers, Aerosmith, Social Distortion

66 REPLAY
Al Green, Santana, Troggs

72 ENJOY IT
Discos de vinil inéditos em CD

74 LETRAS TRADUZIDAS
"Clones", um Alice Cooper new wave revisitado pelos Smashing Pumpkins

76 TESTE
Enverede pelos segredos do ska

78 ONZE PERGUNTAS
Stewart Copeland quer o retorno do Police

80 AO VIVO
Novos Baianos, Kula Shaker e Skank

82 +BIZZES
Democracia em dose dupla

84 PIPOCA MODERNA
Rolling Stones compõem com rei da baba

90 DAILY MICHA
Elton John solta a franga em Londres

90 DISCOTECA BÁSICA
O funk-samba brasileiro de *Maria Fumaça*, discão da Banda Black Rio

17 U2
Direto de Las Vegas, a estréia de *PopMart*

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Skank – *Feel The Noise*
Fafá – *Beautiful Freak*
Sem Pelos Five – *Whatever And Ever Amen*
Paula Toller – *X*
Legião Urbana – *Dois*
Various – *The Sugarhill Records History*
Falcão – *A Um Passo Do MPB*

ON

Um amigo convida você para almoçar. Na hora da sobremesa, comenta casualmente: "Sabe, existe um caderno com letras inéditas do Renato Russo, dos tempos de Brasília, antes da Legião."

Aconteceu comigo no dia 11 de março. O amigo em questão é o jornalista Hugo Studart. Ele me deu o telefone do produtor Luiz Fernando Artigas. Foi Artigas quem me levou a Felipe Lemos, baterista do Capital Inicial e dono do caderno. Os três conheceram Renato Russo em Brasília, nos anos 70 e início dos 80.

Fê Lemos e Fernado Artigas na Colina, em Brasília, relembrando...

Felipe Lemos queria segredo máximo. Primeiro, porque nem a família de Renato sabia da existência do caderno. Segundo, porque Felipe sabia bem o valor do que tinha nas mãos.

No dia 25 de março, depois de duas reuniões com Luiz Fernando e Felipe Lemos, vi pela primeira vez o caderno. Nesse dia tiramos as fotos em que Felipe encobriu as letras inéditas com a mão. Por mais que eu insistisse, ele não quis que elas fossem fotografadas. Três dias depois embarquei para Brasília com Luiz Fernando e Felipe Lemos. Visitamos, com o gravador ligado, todos os lugares que fizeram parte da juventude deles e de Renato. Foi quase uma peregrinação.

Fê e Fernando na redação do SHOWBIZZ, com o caderno e a carta do *Melody Maker*

Antes de escrever, reli duas entrevistas fundamentais de Renato: uma, cedida a Sônia Maia, da BIZZ, em 1989; outra, publicada no livro *Letra, Música e Outras Conversas*, do Leoni. Através delas, Renato ressuscitou para dar sua versão dos acontecimentos.

Se tirei alguma conclusão de tudo isso? Tirei, sim: Renato Russo era um gênio, teve grandes amigos, morreu cedo demais, mas não vai ser esquecido.

FELIPE ZOBARAN

Fê Lemos, ontem e hoje: no Aborto Elétrico, 1981, e no seu estúdio, 1997

26
O CADERNO PERDIDO
As letras inéditas e a juventude de Renato Russo em Brasília

FOTO CAPA: MARCOS PRADO

Canal Bizz

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligada. Faça contato:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

SELEÇÃO DO REGGAE

Seguindo a linha antes-tarde-do-que-nunca, publicamos a lista dos dez melhores CDs de reggae segundo os leitores. A enquete foi proposta na SHOWBIZZ Especial de Reggae, que esteve nas bancas em janeiro e fevereiro.

1º *Legend I* – Bob Marley
2º *One Love* – Bob Marley & The Wailers
Sobre Todas As Forças – Cidade Negra
The Gold Collection – Peter Tosh
The Upsetter Record Shop
Part I And II – Bob Marley & The Wailers
6º *Lute Para Viver* – Cidade Negra
Natty Dread – Bob Marley
UB40 II – UB40
9º *Cocody Rock!* – Alpha Blondy
Night Nurse – Gregory Isaacs

Fã-clubes

Justify Madonna Fan Club
Madonna
A/C Josué B. de Albuquerque
Rua Pitiguary, 23
Lot. N. S. da Conceição
CEP 53600-000
Igarassu, PE

The Show Must Go On
Queen
Rua Cambuquira, 15
CEP 09181-330
Santo André, SP

Fã-clube Highway
Engenheiros do Hawaii & Gessinger Trio
Rua Padre Mororó, 952
CEP 60015-220
Fortaleza, CE

Turma Fu Fã-clube
Pato Fu
A/C Waléria Fu
Rua 01, 73
CEP 60761-150
Fortaleza, CE

Silvia mostra as graças da Bahia

AAAH, A BAHIA!

Não tem coisa que me irrite mais do que ouvir falarem mal da minha terra. Fiquei ofendida com os comentários de Claudia Grechi sobre discos da Bahia (*edição 140*). Tudo bem, as letras não são lá essas coisas, mas seria muito difícil dar o braço a torcer e admitir que o ritmo é contagiante? Tá difícil encontrar algum elogio que não seja para a bunda da Carla Perez?
Não dá pra agüentar tanta foto de mulher! Vocês precisam entender que nós, mulheres, também lemos a SHOWBIZZ e não suportamos esse machismo todo!!
Silvia R. de Oliveira – Salvador, BA
Você pode discordar, Silvia. Existem axés e axés, gostos e gostos, fotos das Spice Girls e pôster do Daniel Johns... A gente tenta acertar e sabe que a Bahia tem coisas bem melhores do que a Carla Perez. Você, que mandou esta carta bem escrita, com certeza, é uma delas. Só esperamos que nos perdoe por publicarmos uma outra foto de mulher: mas a sua (aí em cima) estava maravilhosa e não deu pra resistir.

A REDAÇÃO OBEDECE

Mesmo sem saber o que vocês andam tomando na redação, por favor, não parem. Em 1997, três edições, 30 pontos. *Alien* é informação radical e o destaque para o tecno foi preciso. Sigam a trilha!
Renato Henrique Almeida – Brasília, DF

COMPARAÇÕES

Acho importante a revista se tornar mais abrangente e diversificada. Sem dúvida, o formato atual é o mais ágil que ela já teve; e talvez esse seja o maior "problema" da SHOWBIZZ: até pouco tempo atrás eu pensava que isso acontecia porque as matérias estavam ficando muito superficiais, mas isso foi antes de ler outras revistas.
Sandra Soares – Paulista, PE

MARÉ BRABA

Sou locutor de uma rádio comunitária no Rio de Janeiro, a Rádio Maré FM – 105,9 MHz, onde apresento o programa Maré do Rock, de segunda sexta, das 12h às 14h. No programa, toco rock & roll, de Jerry Lee Lewis a Sepultura. Para quem quiser mandar demos para o programa, aí vai o endereço da rádio:
Rua Pacheco Jordão, 155
Higienópolis – CEP 21050-530
Rio de Janeiro, RJ
César David – Rio de Janeiro, RJ

BECK DE ROÇA

Eu acho o Beck muito legal. Até a minha ovelha gosta.
João Clemente A. O. de Moura – Nova Friburgo, RJ

PENSADOR DO MÊS

"Qualquer semelhança entre o novo disco do Pearl Jam e um velho disco de Ron Wood é mera coincidência."
Walter – Contagem, MG

Caro Walter,
Entre em contato com a redação da **SHOWBIZZ** pelo telefone **0800-139-138**. Precisamos do seu endereço completo para mandar a camiseta.

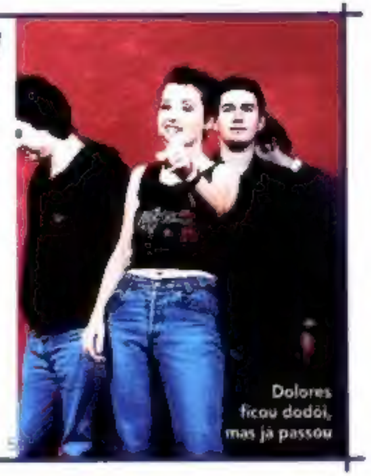
Quer uma camiseta da SHOWBIZZ?
Mande sua foto e um pensamento inteligente sobre música. A melhor frase leva uma camiseta!

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05315-970, SÃO PAULO – SP

ENFIM, CRANBERRIES!

Dolores O'Riordan está grávida (o bebê nasce em novembro), ainda fazendo fisioterapia para o joelho bichado que a obrigou a interromper a turnê. O cranberries deve entrar em estúdio em junho. Aos fãs felizardos que participaram de nossa promoção (lembra?), aí vão dez kits do cranberries com livro, vídeo, foto, camiseta, single e CD-ROM. Procure seu nome:

Antonio Celso A. Braniuso – Jacarei, SP
Elio Júnior – São Paulo, SP
Fernando Oliveira – Jaboatão, PE
Gabriela de Almeida – Barreiras, BA
Leandro Lourenço Rosas – Osasco, SP
Patricia Arrais – Carapicuíba, SP
Raul Peixoto Albuquerque – Rio de Janeiro, RJ
Sérgio Diniz Júnior – Cotia, SP
Sônia Maria dos Santos Oliveira – Osasco, SP
Xênia Hansen Almeida – Porto Alegre, RS



Dolores ficou dodói, mas já passou

A pedidos, o Love. Arthur Lee é o último, da esquerda para a direita

LOVE TO LOVE

Queria que vocês pulicassem o sonho que tive com o Lou Reed. Foi assim: (...) eu ganhei um beijo na boca do velho mais tesudo que existe. Queria também a discografia da banda Love, se possível com uma foto do vocalista Arthur Lee.
Tatiana Lemos Holtz – Mafra, SC
Impossível publicar seu sonho na íntegra, Tatiana. Falta de espaço. Mas parabéns pelo bom gosto (só no que diz respeito ao Love, claro, porque sonho erótico com o Lou Reed a essa altura é pesadelo). Segue discografia do grupo californiano. Pt saudações, love.
1966 – Love
1967 – Da Capo
1968 – Forever Changes
1969 – Four Sail
Out Here
1970 – False Start
1974 – Reel To Real
1980 – Best Of Love
1982 – Love Live/Studio
1995 – Love Story (coletânea)

ABOBORAIS

Vou fazer um pedido, espero obter resposta. Curta e grossa:
1. Quantos clips o Smashing Pumpkins já fez e quais?
2. Qual o verdadeiro nome do vocalista Billy Corgan e sua data de aniversário?
3. Qual o melhor disco do Pantera? Quando eles vêm para o Brasil?
Cintia Flecher – Caxias do Sul, RS
Uma resposta curta, grossa e dura:
1. A banda tem mais de dez clips, entre eles "Thirty Tree", "Tonight, Tonight", "Zero", "1979", "Bullets With Butterfly Wings", "Disarm", "Today".
2. Billy Corgan nasceu em 17 de março de 1967, em Chicago, Illinois. O nome verdadeiro dele e William Patrick Corgan.
3. Os dois melhores discos do Pantera são: Vulgar Display Of Power e Cowboys From Hell. Ainda não há previsão de shows do Pantera no Brasil.
O também leitor da SHOWBIZZ Bruno Galera mantém uma página sobre o Pumpkins na Internet: http://www.plug-in.com.br/~galera/pump.htm.

SEM BEIJO

Afinal, o Kiss vem para tocar no Brasil ou não? Desde outubro a data já mudou umas dez vezes. Era pra ser em março, depois passou para abril, ainda ouvi falar que a banda viria para o Monsters Of Rock 97. Vocês poderiam confirmar alguma coisa?
Renato Carvalho – Guarulhos, SP
Renato e demais fãs da banda: o Kiss cancelou as apresentações que faria no Brasil por problemas contratuais (falta de grana para bancar o show dos caras).

TUDO POR AMOR

Eu quero saber se vocês podem me dar o endereço do fã-clube do Silverchair. Eu amo eles (sic).
Roberta Coube Ferriche – Rio de Janeiro, RJ
Roberta, veja como uma mulher que ama tem sorte. Existe um fã-clube do Silverchair aí no Rio, pertinho do seu coração apaixonado. Lá vai:
Silverchair Brazilian Fan Club
c/ Carla e Priscila Johns
Rua Souza Franco, 852/303
CEP 20551-120
Rio de Janeiro, RJ

FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h.
Este é o seu canal na SHOWBIZZ.
Sugestões, críticas, dúvidas...

EDITORA AZUL

Fundador: Victor Civita (1907-1990)
Diretoria: Angelo Rossi, Roberto Civita
Diretor Superintendente: Angelo Rossi
Superintendente Comercial: Carlos R. Bertinoti
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Harbour e Sérgio Martins
Editor-Assistente de Arte: Jonnson Veiga
Repórter: Leticia Caiman
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) Alvaro De Costa E Silva, André Luis Barros, Antônio Carlos Miguel, Arthur G. Couto Duarte, Bruno Zeni, Carlos Eduardo Oliveira, Fernando Luna, Ivan Mizanzuk, Leonardo Rivera, Luis Antônio Giron, Marcelo Ferla, Marcio Pinheiro, Marisa Adán Gil, Michael Koellreutter, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Pedro Alexandre Sanches, Ronaldo Soares, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Zeca Camargo (Fotos) Dario Zalis, Flávio Colker, Gustavo Caldas, João Rapaso, Jorge Rosenberg, Marcos Muzi (Revisão) Mônia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretária Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Enio Vergueiro
Gerente de Publicidade: Afonso Palomares
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Marot
Contatos de Agência: Marcelo Catarde Nádia Leppos
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenador - Rafael Militello

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amaro
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos
Assistente de Produto: Wagner Pinheiro

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponson
Gerente de Propaganda: Vavi Zada

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649, edição 142, maio de 1997). São Paulo – Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 5777, tel (011) 887-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05478-900, telex (011) 83178, fax (011) 887-3300. Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 – sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel (021) 532-0313, fax (021) 532-1883/1468, CP 4816. Distribuição em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Azenhaga dos Fetais, 2845, Corroeira, Lisboa. Assinaturas: você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – Serviço aos Assinantes: tel (011) 823-9222. Números atrasados: os seis últimos edições encontram-se disponíveis mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco – SP – fax (011) 868-3018, fone (011) 810-4800 (Dinap). E-mail: dinap.na@email.abril.com.br, pagando com os cartões Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% do valor do pedido para despesas de postagem.

ANER Produzido no Bureau da Editora Azul IVC

Falando do Rio e horrorizando, D2 e cia estão "Queimando Tudo"

Fumando demais

Planet Hemp volta skankarando em novo disco

Os Cães Ladram Mas A Caravana Não Pára, o próximo tapa de D2 e sua esquadrilha da fumaça, sai até julho e vai fumegar em todas as direções. A principal delas não é preciso nem escrever aqui. "Queimando Tudo", já desberlotada nas rádios, vem precedida por um clássico *sample* da versão dublada de um filme da dupla americana/cucaracha Cheech & Chong: "Essa galera tá fumando demais, hein?" Outras faixas vão surpreender: "021", pop como o Planet nunca foi, é a seqüência perfeita para "Rio 40 Graus", de Fernanda Abreu. "Hip Hop Rio" tem cuica e tamborim sampleados, uma vinheta bossa-nova é interrompida por uma tosse seca (sutil...); "Malandragem Dá Um Tempo" reaparece, depois que o Barão já fez a sua releitura... E, para não dizerem que eles não falaram de horrores, rolam três porradas. Uma delas, "100% Hardcore", avisa: "Hardcore, quem não gosta vai se foder."

AMÉM, TIA RITA, AMÉM!!!

Raimundos Lucinha está no novo disco de Rita Lee

Toda zen, Rita Lee finaliza *Santa Rita De Sampa*, seu novo disco, que sai no início do segundo semestre. O álbum é pontuado por mantras, idéia que surgiu depois que Rita sofreu um acidente doméstico em outubro do ano passado, teve traumatismo craniano, passou por uma cirurgia e fez voto de silêncio "para me concentrar na cura". Mas, Rita Lee, você sabe, é rock'n'roll. E, entre as baladas, também há porradas. Uma delas é a regravação de "Ando Jururu", com a participação dos Raimundos nos vocais. Os paraíbas – pra variar – barbarizaram durante a gravação no estúdio A&R, no Rio: "Rita Lee é do caralho!!!", urraram.

Cada um por si

Depois de doze anos juntos, o Soundgarden já era

O Soundgarden acabou. Mas os ex-integrantes da banda já estão se arranjando. O vocalista Chris Cornell produz material pra dar o *start* na sua carreira solo. O baterista Matt Cameron acertou participação no novo disco do Prodigy e junta com o baixista Ben Shepherd preparam o segundo trabalho do seu projeto paralelo, a banda Hater. Kim Thayil, guitarrista, por enquanto foge da imprensa e pensa na vida. Muito produtivo...

BIG MAC

Sem rumores: Mick Fleetwood e Stevie Nicks estão juntos novamente

O Fleetwood Mac está de volta em sua formação clássica. O grupo faz, até julho, um show acústico para TV e o especial vai virar disco, que deve ser lançado lá pelo fim de setembro. O repertório incluirá os grandes sucessos do grupo e ainda três músicas inéditas. Depois o grupo sai em turnê mundial.

"São canções de ninar e rock'n' roll neandertalesco"

Noel Gallagher, adiantando o que vem por aí no novo disco do Oasis

O FUTURO DA NAÇÃO

Conforme provou a quinta edição do Abril Pro Rock, a lama está mais sólida do que nunca. Mas e a Nação Zumbi, qual será seu futuro, órfã de Chico Science? O empresário Paulo André tem boas notícias: o terceiro disco do grupo sai, provavelmente, em julho ou agosto e traz faixas ao vivo e alguns remixes. Do material de show entram "Mr. Motto", cover para um velho surf hit instrumental do grupo The Lively Ones, "A Hora E A Vez Do Cabelo Crescer" (Mutantes), "Sophis-ticated Bitch", com Jorge Du Peixe cantando, "Lixo Do Mangue", que era instrumental e Chico letrou depois, além de "Macô" e "Maracatu Atômico", levadas por Gilberto Gil no Abril Pro Rock do ano passado. O repertório deve incluir também "Anjicos", jungle instrumental feito para a trilha do filme *Baile Perfumado*, e remixes muito especiais: "Sangue De Bairro", retrabalhado por Max Cavalera, outras faixas mexidas por Mario Caldato e Aphex Twin e – se tudo der certo – alguma coisa by Beck, com quem Chico chegou a cruzar em suas andanças pela Bélgica.

Nação lança disco com Max Cavalera, Aphex Twin e Beck

quem quer Nirvana?

Kurt deixou músicas inéditas. Quer gravar?

O espólio musical de Kurt Cobain parece não ter fim. Dave Grohl, ex-baterista do Nirvana, garante novos lançamentos. "Existem algumas gravações de faixas nunca ouvidas", revela. Entre elas estão "Talk To Me", "Opinion" e outra sem título, registradas por Kurt só com voz e violão num pequeno gravador de quatro canais. Como a qualidade não é nenhuma Brastemp, as canções devem ser regravadas com novos intérpretes. Courtney Love pensa em convidar Mark Lanegan, vocalista do Screaming Trees e amigo pessoal de Cobain, para regravar "Opinion" e Iggy Pop para interpretar "Talk to Me". Grohl e Novoselic têm outros planos para as músicas e a briga entre eles e a viúva já começou.

Alien

notícias de outros mundos

FOTOS: REPRODUÇÃO

Só Pelados

• Tá a fim de ver seu ídolo peladinho? É só procurar na Internet. Tem pra todos os gostos, até uns cuecas como o Swarza. Liv Tyler - http://www.celebnude.pics/liv_tyle.jpg • Gabriela Sabatini - http://celbnude.com/pics/sabatini.jpg • Jenny McCarthy *(foto)* - http://www.insolvency.co.uk/adult/jenny5.html • Mira Sorvino - http://www.magicone.com/celebrities/msorvi21.jpg. • Arnold Swarzenegger - http://www.ancas.com/males1/pix/arnold.jpg

Muito Estranho

• O livro *Crash!*, que virou filme homônimo, de David Cronnenberg, está saindo pela Editora Record. Só tem bizarrice. Relatos de transas sadomasô em leve-rápidos, sexo com aleijados e outras atrocidades. Aí, meu Deus!

Mamãe Eu Quero

• A dona dos peitinhos é Ione Skye, a ama-de-leite de capa de *Mother's Milk*, dos Chili Peppers. Agora, ele é a namorada do beastie boy Adam Horovitz.

EXPERIMENTE O NOVO DORITOS

COISA FINA

"Cansei de ter atitude. O povo do rock quer ser bacana e acaba ficando cínico. Eu quero fazer parte do *establishment*, ser igual à porra da Barbra Streisand." Esta é Courtney Love, fina mesmo só no visual. Depois de se dar o maior trato, ela mostra toda a sua exuberância na edição de abril da chiquíssima revista *Vogue* (italiana, viu?). "Fiz muito esforço para ficar gostosinha. Um *personal-trainer* me fez perder quase 15 quilos em três semanas... Não é estranho?" Nada que se compare ao novo disco do Hole, que sai ano que vem, produzido por Billy Corgan. "Quero alguém que me desafie musicalmente", explica Courtney. E promete muita piração. "Vai rolar uma viagem doente pela Califórnia. De Fleetwood Mac a Nine Inch Nails."

Courtney na capa da *Vogue* (acima) e em uma das fotos do belíssimo ensaio de 20 (!) páginas da revista

REPRODUÇÃO

"Nunca fui boiola"

Henry Rollins, defendendo sua masculinidade, embora tenha declarado que não tem namorada desde 1988

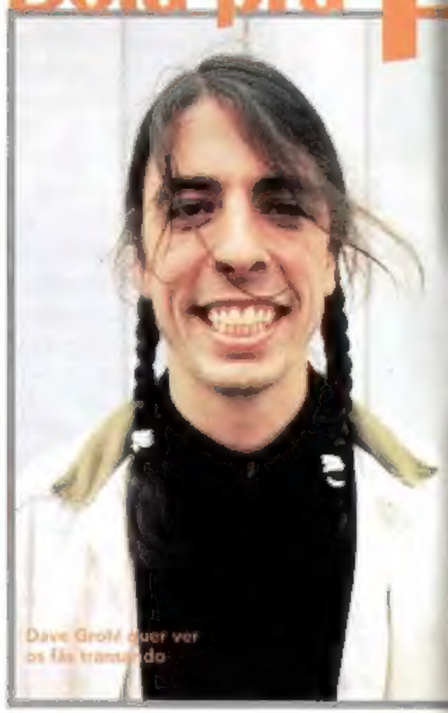
"...bem que ela podia dá pra nós, né?"

Henrique, dos Virguloides, está de olho na Angélica

MARCOS HIDE

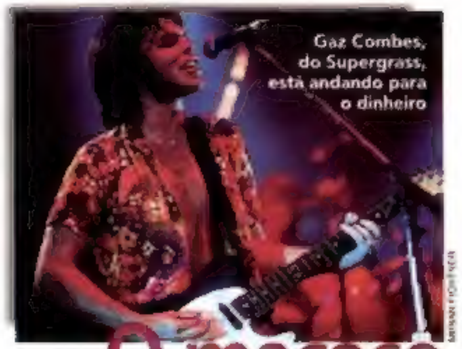
Já houve roqueiro brasileiro querendo comer a Madonna (lembra da música do Léo Jaime, sucesso em 90?)... Os Virguloides, sambistas, malaqueiros... sonham com uma loura mais jovem e, digamos, mais (a)palpável... Indo participar do programa da Angélica, no Rio, o vocalista e guitarrista Henrique não esconde a tara: "Oh, delícia! Vou investir nessa lourinha, bem que ela podia dar pra nós, né?", diz, sem um pingo de sutileza. Com o sucesso, o grupo faz um exaustivo trabalho de promoção. "Estamos participando de tudo quanto é programa brega de TV." O resultado compensa. Nunca uma banda de rock nacional vendeu tanto disco em tão pouco tempo. Impulsionados pelo hit "Bagulho No Bumba", os Virguloides, em pouco mais de um mês após a data de lançamento, já venderam mais de 60 mil cópias do seu disco de estréia e não param de trabalhar. "Já tô cansado, sou vagabundo, né?"

Bota pra FOO***!!!



Dave Grohl quer ver os fãs transando

Dave Grohl, líder dos Foo Fighters, está em tempo de virada. Cortou os cabelos, se separou da mulher, chamou o ex-baterista da Alanis Morissette, Taylor Hawkins, para o lugar de William Goldsmith e gravou até balada em *The Colour & The Shape*, o novo disco do grupo, cheio de letras confessionais. "Depois que me separei, passei a levar as letras mais a sério. Este é um disco muito pessoal. Estava num momento meio difícil, precisei agitar a minha vida e resolvi fazer algumas mudanças. Comecei pelo cabelo, comprido desde os meus 17 anos. Enchi o saco." Com uma pegada punk mais forte, o novo álbum tem aquele pique roqueiro, perfeito para fazer festa e... transar. É o caso da música "Everlong". "O ritmo é perfeito! Este disco está saindo agora pouco antes do verão *(no hemisfério norte)* e estou ansioso para ver a molecada fazendo suas travessuras na praia."



Gaz Combes, do Supergrass, está andando para o dinheiro

PETRA

O macaco está certo

Primeiro o Supergrass recusou o convite de Steven Spilberg para estrelar uma série de TV norte-americana ("Não podíamos largar tudo e ir viver nos Estados Unidos por seis meses como astros de TV, só pela grana"), depois o trio feio se entocou numa serraria abandonada na Inglaterra para gravar o segundo disco, ironicamente intitulado *In It For The Money*. Elogiadíssimo por toda a crítica européia, o álbum é mais psicodélico (e menos acessível) que o primeiro, *I Should Coco*. "A questão é se você quer fazer um disco que venda milhões ou um disco de que você goste e se orgulhe."

PETRA

SAPO SAI DO BREJO

John Fogerty, ex-Creedence, volta com tudo

Nos anos 70, o Creedence Clearwater Revival fazia a chamada música do pântano, com letras bicho-grilo sobre rios, montanhas e outras cascatas. Hoje, aos 51 anos, John Fogerty, ex-líder do grupo, está tentando sair da lama. Para isso, pegou o carro e rodou pelo Delta do Mississippi, terra do bom blues. O resultado é *Blue Moon Swamp*, seu primeiro álbum em onze anos (!). A toada, competente, ainda faz a linha Creedence, com Fogerty, cheio de gás, caprichando no violão dobro (aquele todo de metal). "Vou sair em uma longa turnê e tocar novamente os sucessos do Creedence", avisa o músico-heremita.

Alien

notícias de outros mundos

Haja Peito

Ah, "Gente de verdade" tem muito mais graça... Tá cheio de maluco pelado colocando as próprias fotos na Internet. É só dar um giro e você pode se juntar a festinhas e conhecer gente de todos os tipos. Todo mundo pelado. Essa aí, da foto acima, é Tina, conhecida como a "mulher do Ralph". Ela conta as suas aventuras sexuais e distribui imagens (nua, é claro) à vontade (http://www.amateur-pix.com/tira). Girando um pouco mais, você chega ao site dos mamilos (www.thoughtport.com/spinnweb/nipple.html). É um servidor só de imagens de peitinhos em superclose. Você pode tirar uma foto do seu e colocar lá também (!).

Do Outro Mundo

Quer conferir os peitões de Gillian Anderson, a agente Scully, de *Arquivo X*? Eles estão magníficos em *The Turning*, filme de 1992, em que ela protagoniza uma cena de sexo no chão da cozinha. Ai, ai, ai...

Vale tudo para ganhar, menos colocar meleca no controller dos outros.

Você pode jogar bananas para seu adversário derrapar.

MARIO KART 64

Você pode ficar invisível para detonar mais facilmente os outros.

Você pode jogar com mais três pessoas, e ver quem fica para trás. Você só não pode vacilar.

4-players

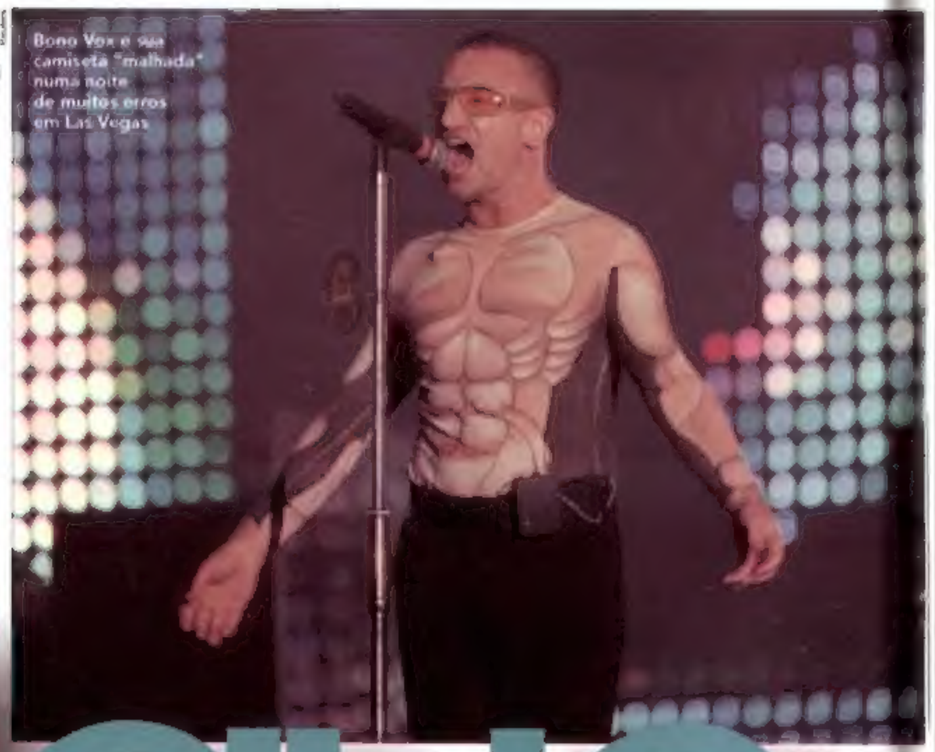
Mario Kart para NINTENDO 64

Bobeou, crau.

É Nintendo.

Nintendo

Ou nada.


Bono Vox e sua camiseta "malhada" numa noite de muitos erros em Las Vegas

Pique no lugar

Mesmo fora de forma, o U2 impressiona na estréia da turnê PopMart em Las Vegas

por JOSÉ EMILIO RONDEAU, de Las Vegas

Estádio Sam Boyd, Las Vegas, 25 de abril. Quase quarenta mil pessoas aguardam a estréia do espetáculo mais esperado do semestre: a turnê PopMart.
Como convém ao badalado acontecimento musical, o supershow do U2 atraiu várias celebridades a Vegas, todas reunidas na tenda preparada pelo U2 nos fundos do estádio. Lá estavam, entre outros, Robert De Niro, Mike Mills e Billy Berry (R.E.M.), Billy Corgan, Bruce Willis, Demi Moore, Winona Ryder, Sigourney Weaver e James Caan.
Daqui a 14 meses, 80 cidades ao redor do mundo terão sentido a ironia de PopMart, turnê que pretende investigar as implicações do rock como puro consumismo.
No palco, o U2 foi mais irônico ainda, com frieza e postura de produto, vendendo a sua imagem melhor do que tocou sua música.

Os méritos exclusivamente auditivos do espetáculo mostraram-se selvagemente desiguais, quando não sofríveis. Os elementos visuais, em vez de servir de complemento artístico, funcionam como distrativos eficientíssimos.

A banda, enquanto isso, apesar de dez dias seguidos de ensaios em Las Vegas, ainda está muito enferrujada, errando e até parando e recomeçando a mesma música como no caso de "Staring At The Sun", em que Bono se desculpa pela banda estar tendo uma "briga de família".

Assim, o U2, que já embolsou 70 milhões de dólares em ingressos antecipadamente vendidos, acaba parecendo o convidado muito especial do Show do Palco. Desenhado por Willie Williams e pelo mesmo Mark Fisher que trabalhou com os Rolling Stones nas últimas duas turnês da banda, o gigante iluminado do U2 é uma obra-prima de arquitetura e de bolação visual, que ganhou ainda mais dramaticidade quando contrastado com o Deserto de Nevada.

No cenário – fora a bateria, alguns amplificadores, um teclado e os microfones –, só cinco elementos. No centro, um arco amarelo de 30 metros, idêntico ao que se vê na entrada de um McDonald's, com todas as caixas de som do P.A. penduradas no alto, pintadas de abóbora. No lado direito, um limão gigante, medindo 12 metros de altura; acima dele, uma imensa azeitona "atômica" (com círculos vermelhos e verdes ao seu redor) enterrada num palito das mesmas proporções. Atrás de tudo, um telão de LED transparente (o único do gênero em todo o mundo), 52 metros por 17 metros, cercado por uma moldura roxa. Nascendo no palco, uma passarela de 30 metros que leva a um palco menor, erguido no centro do estádio.

O baterista Larry Mullen Jr. é projetado através de um enorme telão de lâmpadas transparentes

Sem efeitos visuais, o Rage Against The Machine levanta a galera das primeiras filas durante seu set de quarenta minutos, aquecendo para o U2. Fácil de entender: grande parte dos carros que entupiram a Rodovia 15, elo de ligação da Califórnia com o estado de Nevada – onde fica Las Vegas –, trazia a garotada de Los Angeles. »

U2 POPMART

O SOM QUE ROLA NO SHOW

1. "Mofo" (Pop)
2. "I Will Follow" (Boy)
3. "Even Better Than The Real Thing" (Achtung Baby)
4. "Do You Feel Loved" (Pop)
5. "Pride" (The Unforgettable Fire)
6. "I Still Haven't Found..." (The Joshua Tree)
7. "Last Night On Earth" (Pop)
8. "Gone" (Pop)
9. "Until The End Of The World" (Achtung Baby)
10. "If God Will Send His Angels" (Pop)
11. "Staring At The Sun" (Pop)
12. "Daydream Believer" (dos Monkees)
13. "Miami" (Pop)
14. "Bullet The Blue Sky" (The Joshua Tree)
15. "Please" (Pop)
16. "Where The Streets Have No Name" (The Joshua Tree)
17. "Lemon" (Zooropa)
18. "Discothèque" (Pop)
19. "If You Wear That Velvet Dress" (Pop)
20. "With Or Without You" (The Joshua Tree)
21. "Hold Me Thrill Me Kiss Me Kill Me" (de Batman Forever)
22. "One" (Achtung Baby)

O público enlouquece quando reconhece Bono cantando "I Will Follow", no segundo quarto do show

Uma nave espacial flutua e abre uma porta: é o U2

Terminada a apresentação do RATM, ainda há uma nova atração preliminar: o DJ Howie B, um dos produtores de *Pop*, transforma o estádio em discoteca. Com boas doses de tecno, ele faz a festa dos mais animados e põe a galera pra dançar. Seu show pessoal, porém, dura pouco. Precisamente às 21h15, o DJ é despejado do palco e o estádio é invadido pelo conhecido refrão de "PopMusik", o sucesso do grupo M, nos anos 80.

Com a multidão assanhada, um único canhão de luz abre seu foco sobre o final da passarela. Surgem, do meio da platéia, os quatro músicos do U2: Edge, com chapéu negro de caubói e botas combinando; Larry Mullen, vestindo um conjunto de colete e calça também pretos; Adam Clayton, num berrante macacão abóbora com direito a capacete e máscara antipoluição brancos e Bono, com um roupão branco, de capuz, movimentando-se ao estilo de um lutador de boxe, dando piques no lugar e ensaiando alguns cruzados e jabs de direita. Só mais tarde se verá que todos os quatro estão usando por baixo da roupa um colant de malha, imitando os contornos de um tórax musculoso.

Sob a saudação da platéia, os quatro músicos cruzam a passarela, quase passeando, e, uma vez no palco, abrem o show com "Mofo", de *Pop*. As luzes realçam o colorido e a geografia esparsa do palco. O som potente e claro, como prometido na letra da música, engole tudo à sua volta.

Um urro coletivo explode quando a multidão reconhece a segunda música: "I Will Follow", do álbum de estréia do U2. A banda dispara em velocidade de decolagem. São três minutos divinos. O telão é posto em pleno funcionamento: um paredão de imagens cristalinas (uma definição realmente impressionante), que serve de cenário atrás dos músicos focalizados em *close-up*.

Chegue!: baixista Adam Clayton exibe seu discretíssimo uniforme. Touca, máscara cirúrgica, macacão abóbora e instrumento verde-limão. Muito criativo...

Bono saúda o público com um sonoro "Viva Las Vegas!" – uma referência ao clássico de Elvis Presley – e "Even Better Than The Real Thing" vem em seguida, auxiliada por imagens de uma mulher de desenho animado fazendo compras num supermercado. Com menos de quinze minutos de show, a voz de Bono falha. Ele não esconde a frustração e abana a cabeça.

Breve pausa para o grupo se refrescar. "Calor demais para um irlandês", explica o cantor, entre goles de água. Pinta uma citação de "Into The Groove", o sucesso de Madonna, seguida de "Do You Feel Loved", de *Pop*. A música é acompanhada do desabrochar contínuo de flores no telão, enfatizando o romantismo da música. De imediato, percebe-se uma mudança sutil na platéia: agora ela parece levemente anestesiada. E assim se comportará, com raras exceções, toda vez que o U2 recorrer ao repertório de *Pop*. Começa uma montanha-russa de altos memoráveis, com a banda e o público dançando a mil as músicas antigas contra uma certa apatia com as novas canções. Dessa forma, o show nunca chega a deslanchar cem por cento. Vez por outra, a coisa esquenta. Em "I Still Haven't Found What I'm Looking For", Bono comenta: "Que igreja...", referindo-se ao coro de 38 mil vozes.

Show só comparado ao do telão, que começa a mostrar imagens de variados trabalhos de artes plásticas. Paisagens abstratas (cortesia de Brian Eno), manipulações da Marilyn Monroe, de Andy Warhol (em "With Or Without You"), desenhos de Keith Haring (para ambientar "One"), pop-quadrinhos pontilhados de Roy Lichenstein ("Bullet The Blue Sky") e a performance de uma dançarina transexual ("Perfecto Mix").

O palco de PopMart mede 52 metros de altura por 17 metros de largura; comporta um limão gigante e até um disco-voador

se entrosam, a guitarra de Edge falha, o ritmo não engrena e Bono tenta salvar o barco, pedindo aos colegas para acelerar. Tudo em vão. E o que era para ser um clímax acaba virando um fracasso melancólico.

O quadro piora mais ainda em "If You Wear That Velvet Dress": o público parece ter caído no sono. Ninguém aplaude, vaia... Nada.

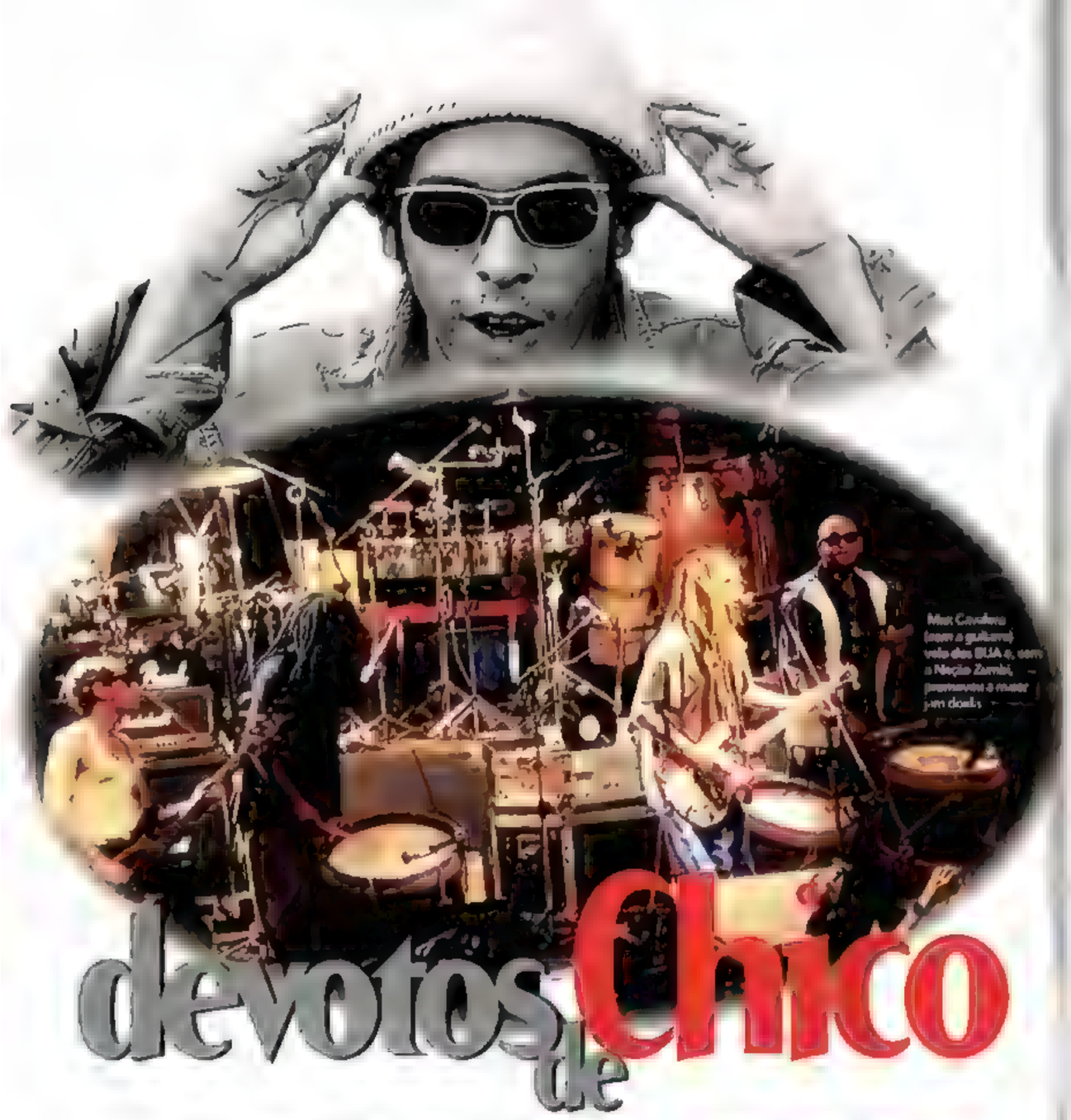
O torpor é quebrado quando a banda mistura "Hold Me Thrill Me Kiss Me Kill Me" com "Mysterious Ways"

Com quase quinze minutos de show, Bono desafina e pede água: "Aqui faz calor demais para um irlandês"

O telão serve também para passar a letra de "Daydream Believer", que The Edge apresenta como "minha música favorita de Bob Dylan". Na verdade, um antigo sucesso do quarteto americano Monkees, que todo mundo no lugar sabe de cor. Então a banda tenta um momento quase unplugged, mas, outra vez, uma canção de *Pop* – e olha que era "Staring At The Sun", tocada direto nas rádios – desanda o troço todo.

Depois de "Where The Streets Have No Name", às 22h45, a banda se despede e cinco minutos mais tarde, após um disco voador cruzar o telão, cai a casca do limão. No lugar da fruta, surge uma espécie de nave gigantesca, recoberta de quadrados espelhados. Cercada de fumaça e gelo seco, ela move-se até chegar ao final da passarela. Lá, ela revela o que há no seu interior: U2. E a banda tenta tocar "Discothèque". "Tenta" é o verbo apropriado: os músicos não (com Bono tentando ensaiar uma dança do ventre). "One", a última música da noite, vem carregada de drama, mas não chega a proporcionar um final apoteótico. E Bono comenta antes de ir embora: "Nos fodemos. Vocês ainda nos amam?"

Na saída do palco, às 23h30, diante das câmeras da rede de televisão ABC – que gravava o show para um especial –, Bono reforça sua dúvida, perguntando a Dennis Hopper – apresentador do programa – se "nós ganhamos?" "Claro que ganharam" é a resposta de Hopper, dando tapinhas nas costas de Bono. Na verdade, o U2 não ganhou nada: visualmente espetacular, o show ainda precisa evoluir. Mas, com o tempo, o U2 deve se reencontrar ao vivo e, nas apresentações marcadas (e divulgadas pela Internet) inicialmente para o Brasil, dias 28 de janeiro, no Rio e 31, em São Paulo, deve fazer um show redondinho. Pode crer...

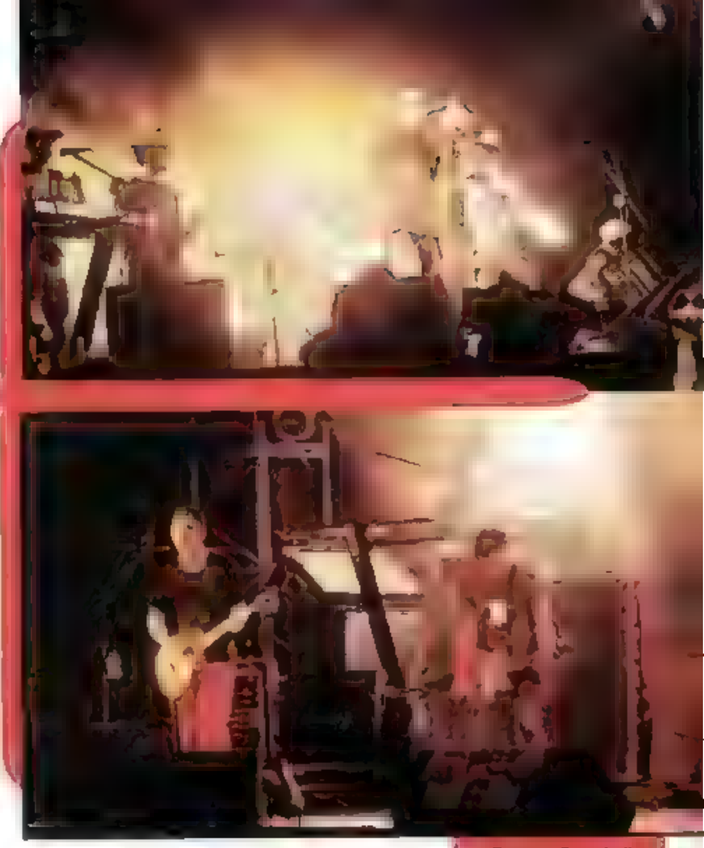


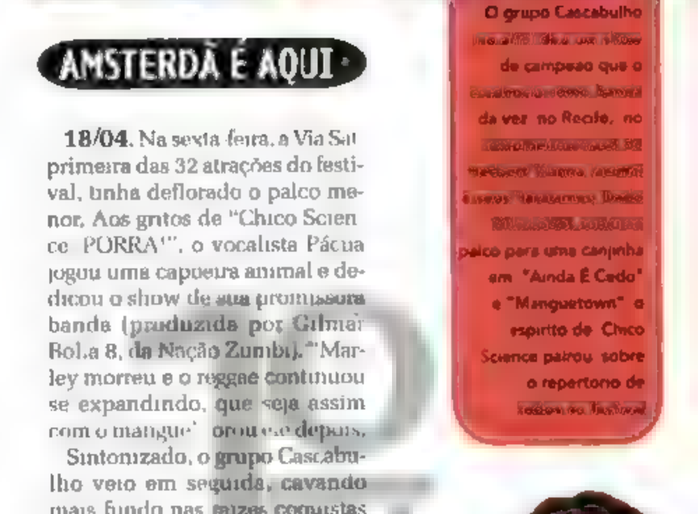
devotos de Chico

O Abril Pro Rock se consolida como o maior festival de música jovem do Brasil, revelando mais uma vez a exuberância da cena pernambucana

por PEDRO SÓ, de Olinda · fotos GUSTAVO CALDAS

"É do caralho!" O grito desboca do ecoou pelo Centro de Convenções de Pernambuco, cuspido com gosto por oito mil fiéis (muitos com o chapéu de palha do ídolo Chico Science) que acompanha vam o show do Devotos do Ódio. Estimula do pelos versos de "Punk Rock Hardcore Alto José do Pinho", esse gospel from hell definiu com perfeição a quinta edição do Abril Pro Rock, estabelecidíssimo como o mais importante festival de música jovem brasileira. "Devotos foi do caralho, do cara lho", repetia Max Cavalera, num dos camarotes, depois da heróica apresentação do trio favelado do Recife, em 19 de abril Dia do Índio. Na noite seguinte, recuperado de uma moqueca assassina que havia transformado seu intestino em plataforma de lançamento para mísseis de guerra bacteriológica, o ex líder do Sepultura encerrou a pajelança. Pediu um minuto de silêncio em homenagem a Francisco de Assis França, os quatro mil presentes obe deceram. Com a Nação Zumbi, anfitriã chamando seus tambores, Max emendou o "Monólogo Ao Pé Do Ouvido", "Da Lama Ao Caos", um naco de "Territory" e "A Hora E A Vez Do Cabelo Crescer" (Mutantes), antes da coisa desembestar numa jam doida com todo mundo de quase todas as ban das pulando no palco. Devidamente home nageado, o fantasma camarada de Chico Science, desencarnado num poste bem ali pertinho, no dia 2 de fevereiro, ia descan sar após três dias de doce assombro.



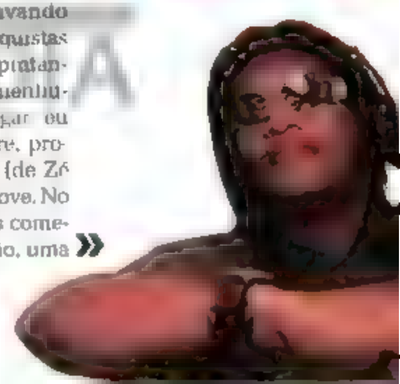


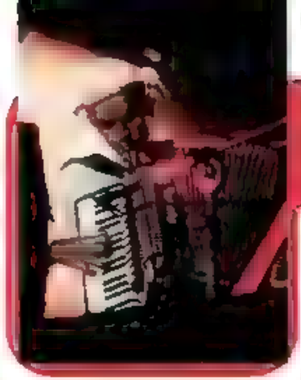
O grupo Cascabulho [illegible] de campeão que o [illegible] da vez no Recife, no [illegible] palco para uma canjinha em "Ainda É Cedo" e "Manguetown" o espírito de Chico Science pairou sobre o repertório de [illegible]

AMSTERDÃ É AQUI

18/04. Na sexta feira, a Via Sul primeira das 32 atrações do festival, tinha deflorado o palco me nor. Aos gritos de "Chico Scien ce PORRA!", o vocalista Pácua jogou uma capoeira animal e de dicou o show de sua promissora banda (produzida por Gilmar Bol.a 8, da Nação Zumbi). "Mar ley morreu e o reggae continuou se expandindo, que seja assim com o mangue", orou ele depois.

Sintonizado, o grupo Cascabu lho veio em seguida, cavando mais fundo nas raízes coquistas de Jackson do Pandeiro e pintan do como bola da vez. "Se nenhu ma gravadora grande pegar o lançou", avisa Paulo André, pro dutor do festival e sócio (de Zé Da Flauta) no selo Mangroove. No camarim, enquanto todos come moravam o show campeão, uma »





Nido do Acordeom, que faz o contraponto sanfônico entre Gonzagão e os grunges pernambucanos

rena linda' Nido do Acordeom musi co que acompanha o grupo e ja tocou com Luis Gonzaga, 49 anos de carreira, lia a Bíblia. "Eu já fui muito agitado. Muito mesmo... Assim fico melhor '

Houve métodos de relaxamento mais populares O abrolhos era carburado por toda parte, liberex. Deu para sentir que a influencia holandesa em Pernambuco ainda é (co!!) forte

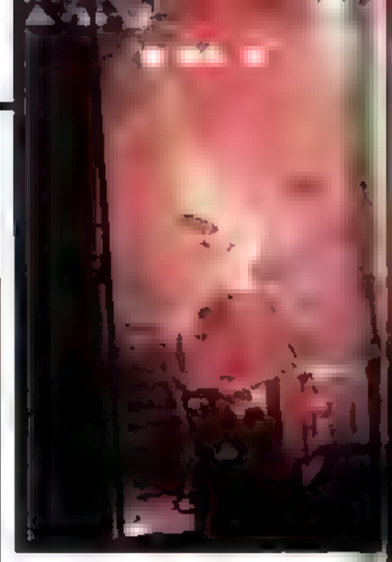
No fundo do Centro de Convenções, uma barraca oferecia até salinha de reuniões anexa para quem quisesse ficar mais à vontade. Camiseta com Roberto Carlos no peito, o dono do agradável covil, Roger de Renor (citado em "Macô" de Chico Science: "Cadê Roger?"), esclarecia que aquilo era uma filial da Soparia, reduto da boemia mangue no bairro do Pina. "Não é tradicional, existe há cinco anos, sempre fora de moda." Uma versão local do Mercado Mundo Mix de Rio e Sampa, o Mercado Pop, dava vazão aos impulsos consumistas da tribo.

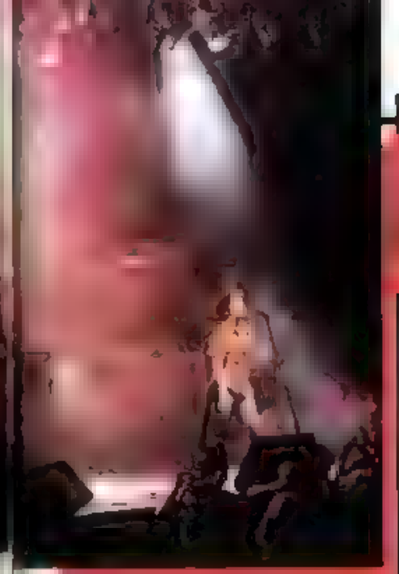
Nada, porém, capaz de desviar a atenção do belo show de Arnaldo Antunes, primeiro no palco grande. A participação de Jorge Du Peixe, da Nação Zumbi, em "Inclassificável" (música que o ex-titã gravou com Chico), deu uma emoção a mais. Querosene Jacaré veio em seguida, mantendo o alto nível. Seu repertório é consistente e — aleluia! — muito pop ' Legalize O Bob" e "Meu Corpo Tá Maluco" têm tudo para tocar no rádio. Naquela mesma sexta-feira, os sem-terra haviam invadido o INCRA do Recife com foices, facões, enxadas e porretes. Ver o clip que Raul Machado fez para "Macô", de Chico Science, e pensar que, como todas as outras musicas que ele compôs, essa também não tinha batido nas FMs... Teve gente que ficou cheia de idéias. "Juntar esse povo todo daqui e fazer igual nas Jovem Pan e Transamérica da vida seria bacana", arquitetava o irado universitário, Alberto Cavalcanti

O áudio de "Macô" foi rudemente interrompido, mas não houve rebelião. Estava começando o show do Paralamas. Ao arrasa de sempre, vitaminado por uma imgualavel versao de "Eu Quero Ver O Oco" foi acrescentado set acústico. Com Toca e Pupilo (da NZ) e Dado Villa-Lobos canjando, rolaram "Ainda É Cedo" e "Manguetown '

No almoço, num restaurante em Olinda, Herbert tinha avisado que já estava com a letra que herdou de Chico, "Scream Poetry", "É tão boa que acho que não vou traduzir para o inglês como ele queria." Antes de deixar uma dica de sobremesa — queijo-de-coalho com melado —, o paraiba revelou um programa inspirador de sua estadia. "Andei no carro de Chico (*um Landau 79 cujo aparelho de som vale mais do que a maquina*) e ouvi as fitas que ele estava escutando, jungle."

Cascabulho, Dona Margarida Pereira, Eddie e Querosene Jacaré devem emergir da cena pernambucana





Pop contra ressaca: o Pato Fu fez um show impressionante no terceiro dia

TROGLO TRANQÜILO

19/04. O segundo dia foi uma maratona. Os tímpanos sofreram quase sem refresco — pagaram esse ingrato Ki-Suco, a banda local Lara Hanouska e Pin Ups. III Mundo, vizinho do Devotos na favela Alto José do Pinho, ligou a britadeira. Os veteranos candangos do Detrito Federal não disseram muito a que voltaram: coisas tipo "só namora Margarete quem tiver Chevette Hatch" podem ser feitas melhor lá mesmo em Brasília. E foi o que o Peter Perfeito provou, com um set boçal (no bom sentido) que detonou a pogaria e mostrou bem mais do que o hit asqueroso (no péssimo sentido) emplacado numa FM carioca.

O público troglo não teve paladar para apreciar uma grande banda, Maria Bacana, que contou com uma forcinha do "irmão mais velho" Dado Villa-Lobos. Mas os jornalistas que não conheciam morderam a isca de punk melódico desses novíssimos baianos.

Eddie mostrou a força de seus demo-hits: a galera pulou muito "Falta De Sol" e "Quando A Mare Encher", faixas incluídas na coletânea *Brasil Compacto*

Mesmo com problemas técnicos no som, ficou uma ótima impressão — "Eu Só Poderia Crer', letrada por Fred 04, é genial Fábio Massari recomenda

Em matéria de prata da casa, a turma preferiu o chumbo. Nem os heróicos Inocentes foram p r rada o suficiente. A volta do Câmbio Negro local (nada a ver com o de Brasília) bateu mais forte. Treze anos de carreira hardcore dois discos gravados, o grupo entrou com a secura de dois anos sem shows. O vocalista Pesado, sósia oxigenado do prefeito carioca Luís Paulo Conde, comemorava depois: "Foi da porra."

Por mais eletrizante que tenha sido a apresentação do Planet Hemp (com participação de Tiger e J Brown, rappers do grupo local Faces Do Suburbio), nada superou a energia das rodas de pogo deflagradas pelo Devotos do Ódio. Aproveitando a para gravar um clip e lançar seu primeiro álbum, *Agora Tá Valendo*, o trio arregaçou. Depois Cannibal, baixista e vocalista, revelou por que o Alto José do Pinho é tão do caralho. "Eu moro lá e, graças a Deus, não me lembro da última vez que vi violência."

A bela comissão de frente da Penélope Charmosa (à esquerda), Otto (abaixo) com B-Negão (ainda com o Planet Hemp) fazendo jungle de maluco

CIRANDA DE MALUCO

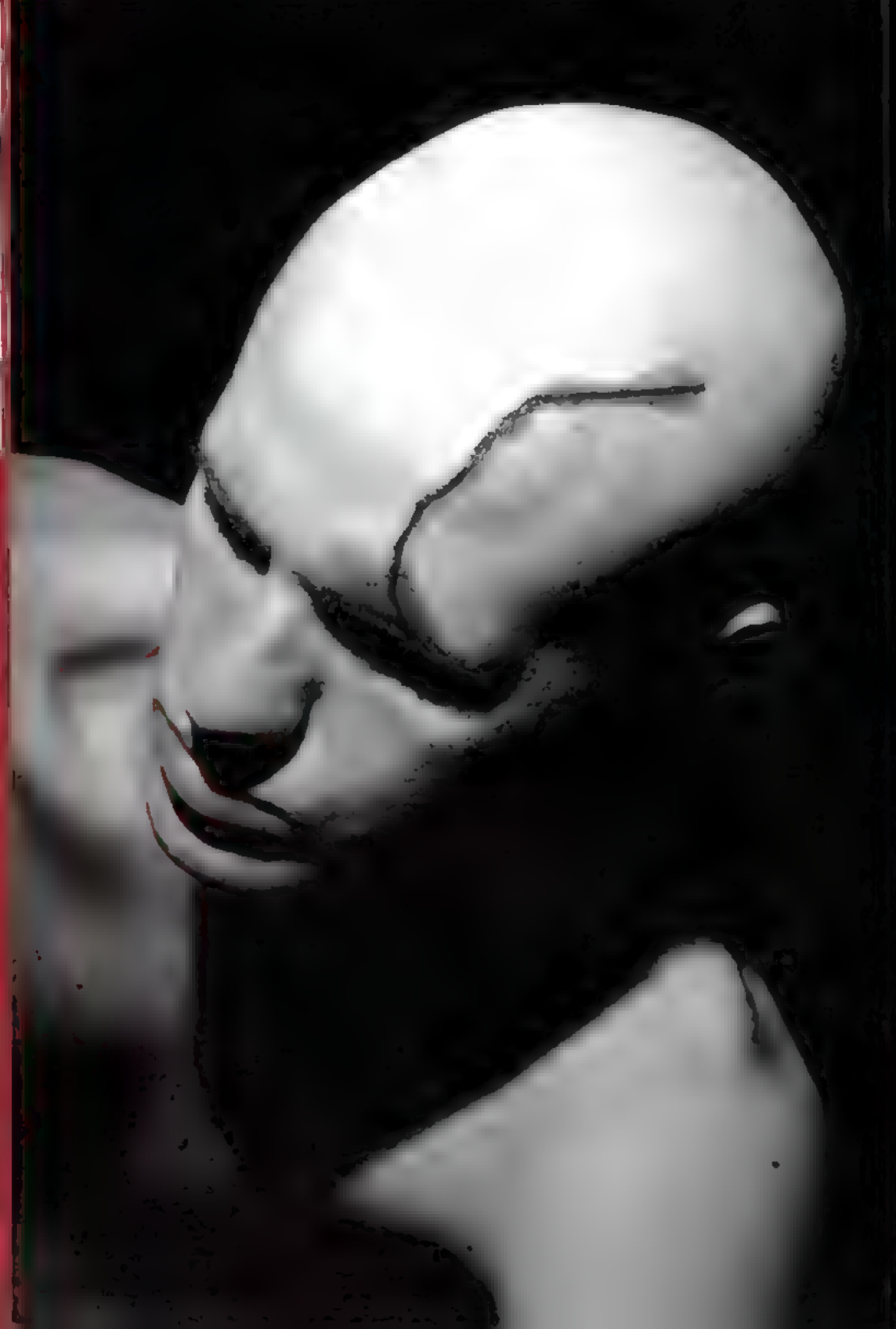
20/04 O último dia teve de tudo. Jorge Cabeleira, Virna Lisi, o bravo Rappa, Zé Da Flauta e Paulo Rafael, o rockabilly de Os Baratas Tontas (de BH) e The Dead Billies (BA). Pato Fu mandou um show excelente (delicia ouvir pop depois da escovada da vespera) com direito a cover de "Eu Sei", da Legião. Dona Selma do Coco, viúva de Olinda, 62 anos, um reluzente dente de ouro na arcada superior ("está aí há 17 anos"), fez a apresentação mais *roots* do festival. Esperta, no camarim ela cobrava 10 reais por fita demo; até nego de gravadora teve de pagar

O rock *bubblegum* do Penélope Charmosa dividiu opiniões. Houve quem dissesse que, com três quilos menos da vocalista, as baianas serão sucesso. Maldade com Erica. A tecladista (e flautista e guitarrista) Constanza tambem se queixou: "Foi meio ingrato. Nossa guitarrista saiu da banda e eu tive que encarar uma maratona de instrumentos." Tiro mais certo é a banda Dona Margarida Pereira & Os Fulanos, local, com groovaços e prontinha. Tanto que já tem contrato e disco pronto

E houve Otto, ex-percussionista do mundo livre, e sua intervenção. Sem ensaio, com DJs, flauta, tudo improvisado ousadíssimo. Podia ter sido um desastre. Não foi. Misturando Cantiga Do Sapo", de Jackson e Buco do Pandeiro, com jungle, Otto fez dançar. Depois, a brilhante "Ciranda De Maluco" segurou. Um festival desses precisa de transgressão.

O Abril Pro Rock cresceu, teve produção orçada em 250 mil reais e contou com nomes consagrados, mas ainda é basicamente uma vitrine para revelações. Paulo André, produtor do evento, conta que já avisou Eddie e Jorge Cabeleira: ano que vem, os dois estão fora. "Essas bandas agora precisam correr atrás no Rio ou em São Paulo O mundo livre s/a, lamentavel ausencia, nao tocou por que Paulo exigiu que a banda optasse entre o Abril e um show de aniversário do Recife, que rolaria dia 12 de março (e acabou acontecendo sem o grupo de Fred 04). "Eles ficaram de fora por causa da visão do seu empresário (*Guti*). Eu disse a 04 'Mais vale um na mão do que dois voando...'" Fred minimiza ' Se o Chico estivesse vivo, também não teria tocado lá. Iria fazer parte do Heineken Concerts. Nós já participamos três vezes, é legal dar espaço pro pessoal novo." Brigas e futricas à parte, todo mundo há de concordar: o que vale é oxigenar o mangue e seguir renovando. E isso valeu.

SKITTER



A NOVA GERAÇÃO DO ESPORTE

Try On

MAIS REFORÇADO. PORQUE EM TÊNIS NÃO ADIANTA FAZER CURATIVO.

Cabedal em camurça importada, solado Rubber Force e costura blaqueada com reforço na frente, garantindo muito mais performance.

CONFIDENCIAL

O Descobrimento do Poeta

O caderno do Aborto Elétrico,
com letras inéditas compostas por
Renato Russo,
ficou esquecido numa caixa
de papelão por doze anos. Agora, a juventude
e a genialidade do poeta e toda a história
de uma época efervescente do rock nacional
voltam à tona nessa descoberta

por FELIPE ZOBARAN

ABORTO
ELÉTRICO

Numa tarde de janeiro de 1991, Renato Russo alugou uma suíte do Hotel Sheraton, um dos mais caros do Rio de Janeiro, com vista para o mar e a praia de Ipanema. Ele ainda morava com a família na suburbana Ilha do Governador e alugar um quarto de hotel era habitual quando queria ficar sozinho. Dinheiro não era problema para um grande astro como Renato Russo.

Ele pegou o telefone e ligou para o escritório de Luís Fernando Artigas, produtor dos primeiros shows da Legião Urbana e velho amigo dos tempos de Brasília. "Tô no Sheraton, vem pra cá", pediu.

Na suíte, Renato coordenava uma festa particular com muitos estimulantes, num estado de hiperatividade que Luís Fernando já conhecia. Renato não estava bem de cabeça e procurava fugir da depressão. Ele descobrira que era soropositivo.

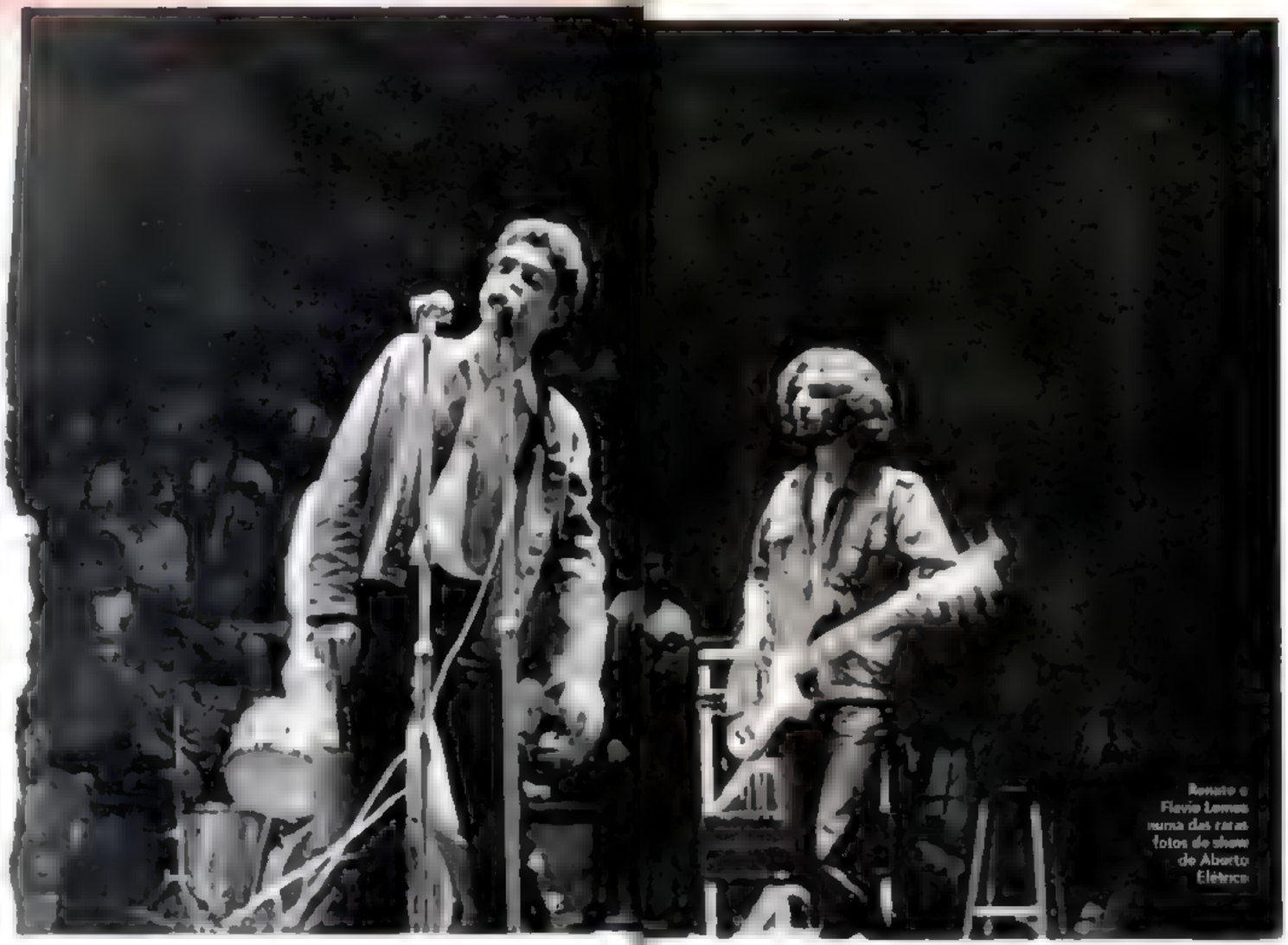
Tarde e noite adentro Renato falou sem parar, de tudo: música, política, amor, família. E falou também de um certo caderno dele que teria ficado com Felipe Lemos, o Fê, baterista do Capital Inicial e também velho amigo de Brasília. Renato queria que Luís Fernando pedisse a Fê o caderno de volta.

Mas Luís Fernando não ligou para Fê Lemos. Na ressaca do dia seguinte, ainda abalado pelas outras coisas que ouvira do amigo, ele esqueceu o pedido de Renato. Fê só foi saber que Renato queria o caderno dois anos depois, em São Paulo, por uma estranha coincidência.

"Foi uma situação esquisita", lembra Fê. "Dei carona pra um amigo de um amigo que disse conhecer o Renato, com quem eu não falava há um tempo. Pra mim, ele tinha se tornado inacessível. Aí o cara disse, sem mais nem menos, que eu tava com um livro que era do Renato. Levei um susto. Pô, só podia ser o caderno do Aborto Elétrico!"

Fê foi procurar no fundo de um baú empoeirado que guarda recortes do início de sua carreira em Brasília e achou o caderno de letras compostas por Renato Russo para o Aborto Elétrico entre 1977 e 1981.

Três anos depois, Renato morreu sem ter visto novamente o caderno do Aborto Elétrico.



Renato e Flavio Lemos numa das raras fotos do show de Aborto Elétrico

Subindo a colina

Brasília meados de 1978 início do processo de abertura política que botou Ernesto Geisel na dura mandar Aos 16 anos Felipe Lemos filho de um professor da Universidade de Brasília voltara de uma estadia na Inglaterra com os pais para morar num conjunto de quatro prédios com vista para o Lago Norte apelidado de Colina Os apartamentos eram espaçosos e serviam de residência para os professores

Numa noite uns amigos levaram Fê a uma festa onde a vitrola tocava músicas do Sex Pistols Ramones e The Clash as mesmas que Fê Lemos ouvira na Inglaterra Querendo saber quem era o dono dos discos Fê foi apresentado a um sujeito estranho que usava calça social e andava segurando uma capanga numa mão e um guarda chuva na outra Era Renato Russo

Foi uma afinidade imediata por causa das bandas estranhas e ele passou a frequentar minha casa todo dia Lembra Fê Logo Renato estava entrosado na Colina onde uma a se formar o núcleo da maioria das bandas de Brasília No começo era apenas uma turminha de garotos que gostavam de punk rock e se reuniam para ouvir música tomar gorres de vinho Chapinha fumar baseado e cheirar benzina de vez em quando

As vezes o clima pesava Renato e Fê dopados e entediados sentaram-se na escada de serviço de um dos prédios para conversar Renato no degrau de cima e Fê no de baixo De repente sem aviso Renato começou a tacar fogo nas calças Fê quer chorado Provavelmente era o que ele queria Levanta xingando e vai pra casa Ele ficou lá todo molhado conta Fê Nessa noite como em muitas outras Renato voltou para casa a pé uma caminhada de pelo menos duas horas na escuridão da madrugada

Renato ainda não tinha 20 anos Chocar as pessoas era uma de suas prioridades

Clube da criança junkie

Renato Russo respirava música Seu quarto era um festival de colagens mais de Sex Pistols Tinha tanta coisa para ver que quem entrava podia ficar horas de olhos grudados nas paredes Havia também uma menor coleção de discos e livros e um aparelho de som com quatro caixas o melhor da cidade Era nesse quarto que ele enfrentava o tédio das tardes de Brasília

Renato era do tipo aglutinador Ligava para todos da turma marcava os encontros tinha idéias para atividades em grupo e quando começava a falar era difícil parar lo Extremamente bem informado tinha uma cultura vasta e adorava planejar o futuro de sua própria vida Tinha gente em Brasília que o achava chato Pelo menos quando bebia demais e resolvia espalhar seu excesso de amor nos bares da cidade

Ainda em 1978 Renato conheceu Andre Pretorius que andava na cidade vestido de punk e era filho de um diplomata da África do Sul Pretorius e Fê haviam combinado montar uma banda com Andre Mulder que estava morando na Inglaterra Mas Renato precipitou os acontecimentos e convidou Fê e Pretorius para tomar uma banda com ele no baixo Fê na bateria e Pretorius na guitarra

A gente tava na Colina sentado no chão pensando qual ia ser o nome da nossa banda Eu tava com um negócio de elétrico na cabeça e alguém falou Aborto elétrico Aí o Andre Pretorius falou não Aborto Elétrico recorda Fê Segundo ele a versão de que o nome da banda é por causa de um aparelho elétrico usado pela polícia de Brasília em atos de repressão não é verdadeira

Renato escreveu I want to be a junkie na parede do quarto apesar de nunca ter sequer visto as drogas realmente pesadas E começou a compor o repertório do grupo Estava formada a mãe de todas as bandas de Brasília

Puro pau punk

Os ensaios do Aborto Elétrico aconteciam na própria Colina e o primeiro show foi em 1980 no centro comercial Liberty Square num barzinho chamado Solar Fama Era um show instrumental Renato não cantava Andre Pretorius quebrou a palheta e cortou os dedos nas cordas continuando a tocar enquanto »

Estética punk: a galera de Brasília [illegible] da Colina, 1980

o sangue escorria. Foi o primeiro e único show do Aborto Elétrico com Pretorius na guitarra. Ele foi para a África do Sul servir ao exército de lá, naquela época dramaticamente envolvido na manutenção do Apartheid. Quem estava no Só Cana gostou. Nos colégios de Brasília começou a correr a notícia de que uns punks maconheiros tocavam uma música violenta. Os playboys da cidade não gostaram. Quando as turmas se encontravam, o pau comia.

Para Fê, a gente tava fazendo a pó com nossas vidas, mexendo no ambiente onde a gente vivia, e isso despertava curiosidade e inveja. Logo outros garotos seguiam os passos do Aborto Elétrico, formando bandas e detonando o fenômeno musical do rock de Brasília.

Anos mais tarde, em entrevista à Sônia Maia publicada na BIZZ, Renato disse que o Aborto Elétrico acabou virtualmente quando "Pretorius foi para a África do Sul matar negros".

Felipe Lemos, baterista do Aborto Elétrico, em Brasília, 1981

Flávio Lemos, irmão de Fê, assumiu o baixo no Aborto Elétrico e Renato pegou a guitarra. Os ensaios aconteciam na nova casa de Fê e Flávio no Lago Norte. Essa mudança para o Lago Norte também marca o começo do fim da turma da Colina, que passou a ter um novo ponto de encontro. Na nova casa de Fê, cercada por lindas árvores do cerrado, a turma fazia camisetas, cartazes e música no intervalo entre os baseados.

Renato sempre chegava com a idéia das letras e os acordes na guitarra. "Ficava fácil porque as idéias que ele trazia floresciam na banda", lembra Fê. "E ele era um puta baixista também." As músicas raivosas e radicais falavam muito em morte. Renato era um catalizador de sofrimentos na sua poesia, embora fosse doce e delicado no convívio diário.

Ainda em 1980 Pretorius voltou para umas férias em Brasília e participou dos ensaios cruciais para a criação de "Música Urbana", "Que País É Esse", "Veraneio Vascaína", "Conexão Amazônica" e "Baader Meinhof Blues", todas músicas que teriam grande impacto na história do rock brasileiro.

Em 1985, André Pretorius morreu de overdose nos Estados Unidos.

Ascensão e queda

O auge do Aborto Elétrico aconteceu em 1981. Foram vários shows com outras novas bandas de Brasília, todas originárias de alguma forma da turma da Colina. Blitz, Plebe Rude (formada pelo André Mueller), Fusão, 5ª Coluna. No meio do ano Ico Ouro Preto assumiu a guitarra do Aborto Elétrico e Renato passou a se ocupar apenas dos vocais.

O cantor, compositor e ex-guitarrista do Aborto Elétrico, Renato Russo, vivia tocando de com o seria sua carreira numa banda de rock. O grupo estava em plena atividade nas festinhas, nos colégios e em festas de aniversário. Mas, para ele, era pouco.

Renato sonhava acordado. Fê Lemos não tinha tanta urgência em deixar a inocência do amadorismo. "Nas férias, eu ia pra praia e ele ficava em Brasília, numa ansiedade muito grande de ver alguma coisa acontecer. Eu era muito garotão, a fim de curtir, tocar numa banda. Renato tinha outros planos. Ele desenhou até a capa que nosso disco ia ter. Era um enforcado num bosque. Acho que essa diferença de atitude entre nós foi um dos motivos do fim do Aborto."

O fim do Aborto Elétrico aconteceu em março de 1982. Na BIZZ, ainda falando à Sônia Maia, Renato disse que o grupo terminou numa briga por causa da música "Química", um dos primeiros clássicos da Legião Urbana. Segundo Renato, Fê lhe disse que "Química" era muito ruim e o acusou de ter perdido o jeito de fazer música. Renato respondeu que Fê só queria

Flavio Lemos assumiu o baixo do Aborto após a saída de Pretorius

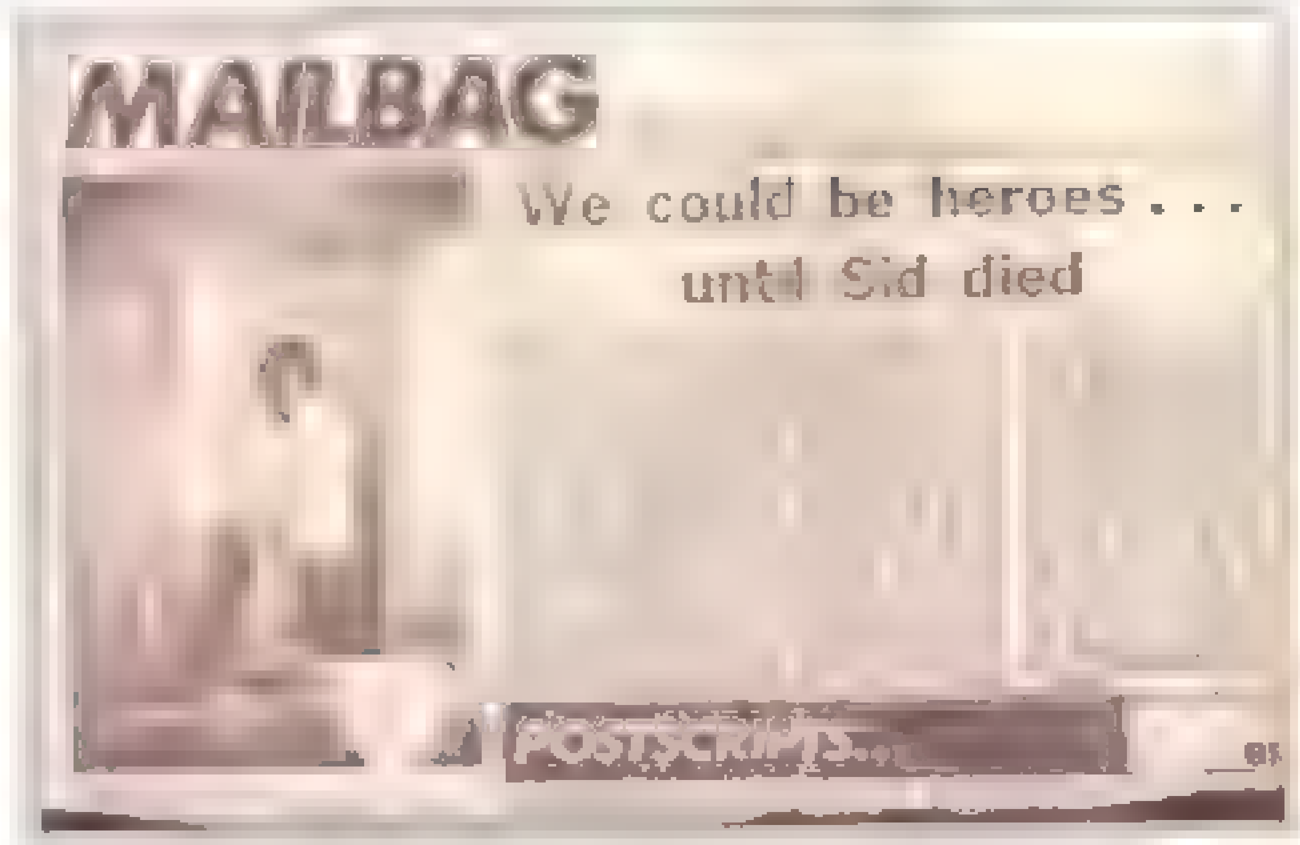
ficar fazendo camiseta e pediu o boné.

Fê Lemos concorda que foi esse o momento da ruptura, mas o clima entre os dois não estava bom havia algum tempo. "Achei 'Química' horrível. Não tinha nada a ver com o que a gente fazia, com o que a gente era. Pô, o Renato era ótimo em química, eu também. Achei que ele tava forçando a barra. Que bobagem minha! Hoje a música é um clássico."

Aconteceram outras brigas entre Fê e Renato. Uma delas foi no dia do primeiro aniversário da morte de John Lennon, um dos grandes ídolos de Renato. "Fomos fazer um show numa cidade satélite e o Renato tava super sentido. Eu fiquei com ciúme. Quando ele errou uma música, atirei uma baqueta nele e acertei na cabeça. Ele me olhou com uma cara horrível e sumiu depois do show. Aí saquei o que eu »

Deu no *Melody Maker*

Na edição de 31 de março de 1979, quase um mês depois da morte de Sid Vicious, do Sex Pistols, o lamento de um certo Eric Russell foi escolhido carta da semana. Eric era Renato Russo. Abaixo, a carta e a tradução.



MAILBAG

We could be heroes . . .
until Sid died

POSTSCRIPTS...

"Acho que meu pai sabia, ele provavelmente viu na TV ou leu nos jornais, mas não me contou. Um amigo me disse e eu não acreditei. Tive que ligar para meu professor de violão e perguntar se ele tinha ouvido alguma coisa. Aconteceu numa sexta-feira, mas eu só soube da notícia domingo à noite. Nada me atingiu do jeito que a morte de Sid me atingiu. Chorei a noite toda, e era como uma espécie de grito, doloroso, não só por Syd, mas por tudo. Perdi completamente o controle de mim mesmo. Sabe, nada acontece aqui, nunca. Eu sempre recebo as notícias duas semanas atrasado. Não se lança nada de new wave (ou qualquer outra coisa boa que interesse) aqui, eu tenho que comprar importados no Rio. Tudo é discoteca, Travolta ou samba.
Quando a coisa do punk começou, eu e meus amigos entramos de cabeça porque alguma coisa estava acontecendo. Nos envolvemos com a música como não acontecia desde os Beatles e os Stones. Era diferente. Sid, John e o Clash, eram todos heróis. Eles pensavam do jeito que a gente pensava; nem mesmo o Airplane (*Jefferson Airplane, grupo psicodélico formado em São Francisco, no auge do flower power*) tinha batido tão perto em mim. Dava um certo medo, era como dividir alguma coisa, não era apenas ser um fã burro. (...) Ele morreu por causa do que era. E como Brian (*Jones, guitarrista dos Stones*), Jim (*Morrison, vocalista dos Doors*) e Gram (*Parsons, ex-The Byrds, pioneiro do country rock que morreu em 1973, de uma overdose de morfina e tequila, em Joshua Tree, Califórnia*), as pessoas só vão entender depois de alguns anos. Alguns vão esquecer, outros não, alguns já esqueceram, mas quando um herói é de verdade (eu digo herói mesmo), ele sobrevive. Aposto que alguém vai rir lendo isso. Pode rir, você não entende. (...) Eu cresci milênios de 75 para cá. Mas ainda tenho 18 anos. Vejo as coisas um pouco diferentes agora, e odeio... Mas vou passar por isso e não vou perder (ganhar) como Sid Vicious fez. E eu vou fazer por ele porque ele fez por mim.

Eric Russell, Brasília (GANHADOR DO LP)

Renato Russo comandando a primeira formação da Legião Urbana

tinha feito. Fui na casa dele e só faltou me jogar aos seus pés. Era uma amizade muito forte, tinha um quê de mágico, porque nos conhecemos através dos discos de punk.

Renato Russo e Fê Lemos tinham 22 e 20 anos, respectivamente. Até aquele momento eram os principais líderes da turma de Brasília: os fundadores do Aborto Elétrico, a primeira banda punk da cidade, os aglutinadores do movimento. Mas o fim do Aborto Elétrico mudou destinos e separou os amigos em bandas diferentes. "Depois que a gente montou o Capital Inicial e o Renato formou a Legião Urbana, a coisa não era mais a mesma entre a gente. Acho que ele se sentiu traído. Ele esperava mais, até num sentido de amor, e eu não percebia isso. E eu guardava segredos que eu não conhecia, apesar de ter convivido com ele por cinco anos, unha e carne."

Mesmo sem Renato Russo, Fê tentou manter o Aborto Elétrico. Afinal, eles já tinham uma certa fama no circuito alternativo de Brasília. Como numa despedida oficial, Fê chamou Renato para uma última apresentação com o grupo. Renato foi e o Aborto Elétrico teve sua derradeira aparição. Seis meses depois, Fê foi convidado para entrar no Capital Inicial. Flavio foi com ele.

Era 1982 e a semente lançada em Brasília pelo Aborto Elétrico havia gerado muitos frutos em forma de bandas de punk rock. Com o fim do Aborto Elétrico, Renato Russo tinha ou se o Trovador Solitário e com um violão tocava abrindo shows de outros grupos locais e apresentando novas composições, como Faroeste Caboclo.

Mas Renato não queria seguir sozinho. Ele achava que era importante ter uma banda no mundo do rock. Nesse mesmo ano, Renato formou a Legião Urbana.

Doze dias antes de Renato Russo morrer, Luis Fernando Artigas falou com Fê Lemos sobre o caderno com as letras do Aborto Eletrico. Fê mostrou o caderno e disse que havia ligado para Renato algumas vezes, esbarrando sempre na secretária eletrônica. "Quero devolver o caderno. Quero falar com o Renato, mas não consigo!"

Segundo Fê, ele e Renato nunca deixaram de ser amigos, mesmo depois do fim do Aborto Eletrico. Em 1985, Renato foi a Pelotas, no Rio Grande do Sul, ser padrinho do casamento de Fê. Mas ultimamente parecia haver um mundo os separando. Fê sequer sabia detalhes do avanço da doença de Renato, nem imaginava que ele estava para morrer.

Em 1991, mesmo ano em que Renato falou pela primeira vez sobre o caderno com Luis Fernando, o Capital Inicial ia gravar o primeiro disco pela gravadora BMG, que insistia em ter uma música de Renato no repertório. Fê foi pedir para Renato. "Ele me recebeu na casa dele, olhou pra minha cara e falou: 'não vou dar nada pra vocês. Vocês não são mais uma banda'." Foi a ultima vez que Fê Lemos e Renato Russo conversaram.

O CADERNO PERDIDO

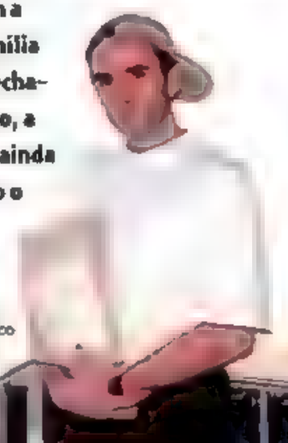
Ao virar a página, você vai ver pela primeira vez as fotos do caderno do Aborto Elétrico, escrito em Brasília por Renato Russo de 1977 a 1981, quando ele tinha entre 17 e 20 anos.

São 36 títulos de músicas, sendo 11 letras inéditas e sete gravadas pela Legião Urbana, pelo Capital Inicial e pelo Barão Vermelho, todas viraram clássicos do rock brasileiro nos anos 80. Ainda há 13 títulos de músicas em que Renato trabalhava, incluindo "Química" e "A Dança", e seis títulos de músicas instrumentais que faziam parte do repertório original do Aborto Elétrico.

A maioria das letras é um grito contra a organização social que oprimia e censurava. No final da década de 70 o regime militar dava sinais de fraqueza. Em 1978 o general Geisel derrubou o AI-5 e, um ano depois, outro general, o Figueiredo, concedeu anistia aos inimigos políticos. A linha dura das Forças Armadas reagiu com bombas na OAB e no Riocentro. Isolada do resto do País, Brasília era uma cidadela militar, dominada através da repressão pelas elites civis e militares e seus privilégios sociais.

Foi nesse cenário político que Renato Russo compôs as músicas do repertório do Aborto Elétrico. O próprio Renato volta e meia estava metido em confusão com a polícia, fosse em briga com playboys ou por causa de pichações nas paredes da cidade. Quando o grupo se desfez, o caderno e tudo que era do Aborto Elétrico ficou na casa de Fê Lemos, no Lago Norte, em Brasília. Depois que Renato morreu, Fê prometeu devolver o caderno para a família dele. Antes, fez uma cópia que guarda a sete chaves. Um dos sonhos de Fê Lemos é remontar o Aborto Elétrico e gravar as músicas inéditas do caderno.

Fê Lemos deixou SHOWBIZZ fotografar o caderno do Aborto Elétrico, mas tapou com a mão as letras inéditas, que para ele só podem ser divulgadas com a autorização da família de Renato. Até o fechamento desta edição, a família de Renato ainda não havia recebido o caderno.



Fê Lemos com o caderno do Aborto Elétrico

Comparação entre metrópoles

"Metrópole" foi gravada pela Legião Urbana no disco *Dois*, o mais celebrado do grupo. A versão original da música que aparece no caderno do Aborto Elétrico é bastante diferente

"Metropole" (Aborto Eletrico)

Faça um favor a si mesmo: cometa suicidio
Se jogue do andar mais alto de um dos seus edificios.
Assalto à mão armada, eu quero a sua vida –
eu quero ver você no chão
Pisar nas flores, destruir/construir um estacionamento
As crianças vão ter que brincar num labirinto de cimento
Eu quero acidentes, eu quero confusão: ferros e freios na contramao
Metrópole fez cinza o meu sangue

"Metrópole" (Legião Urbana, *Dois*)

É sangue mesmo, não é mertiolate
E todos querem ver
E comentar a novidade
É tao emocionante um acidente de verdade
Estão todos satisfeitos
Com o sucesso do desastre
Va passar na televisao

Por gentileza, aguarde um momento
Sem carte nnha não tem atendimento –
Carteira de traba ho assinada, sim, senhor
Olha o tumulto façam fila por favor
Todos com a documentação
Quem não tem senha, não tem lugar marcado.
Eu sinto muito, mas já passa do horario
Entendo seu problema mas nao posso resolver
É contra o regulamento, esta bem aqui, pode ver
Ordens sao ordens
Em todo caso, já temos sua ficha.
Só falta o recibo comprovando residência
Pra limpar todo esse sangue, chamei a faxineira -
E agora eu já vou indo, senão eu perco a novela
E eu não quero ficar na mao

Felipe Lemos no seu estudio em São Paulo, remexendo nos recortes da época do Aborto Eletrico e do começo do movimento do rock de Brasilia

Músicas em que Renato trabalhava

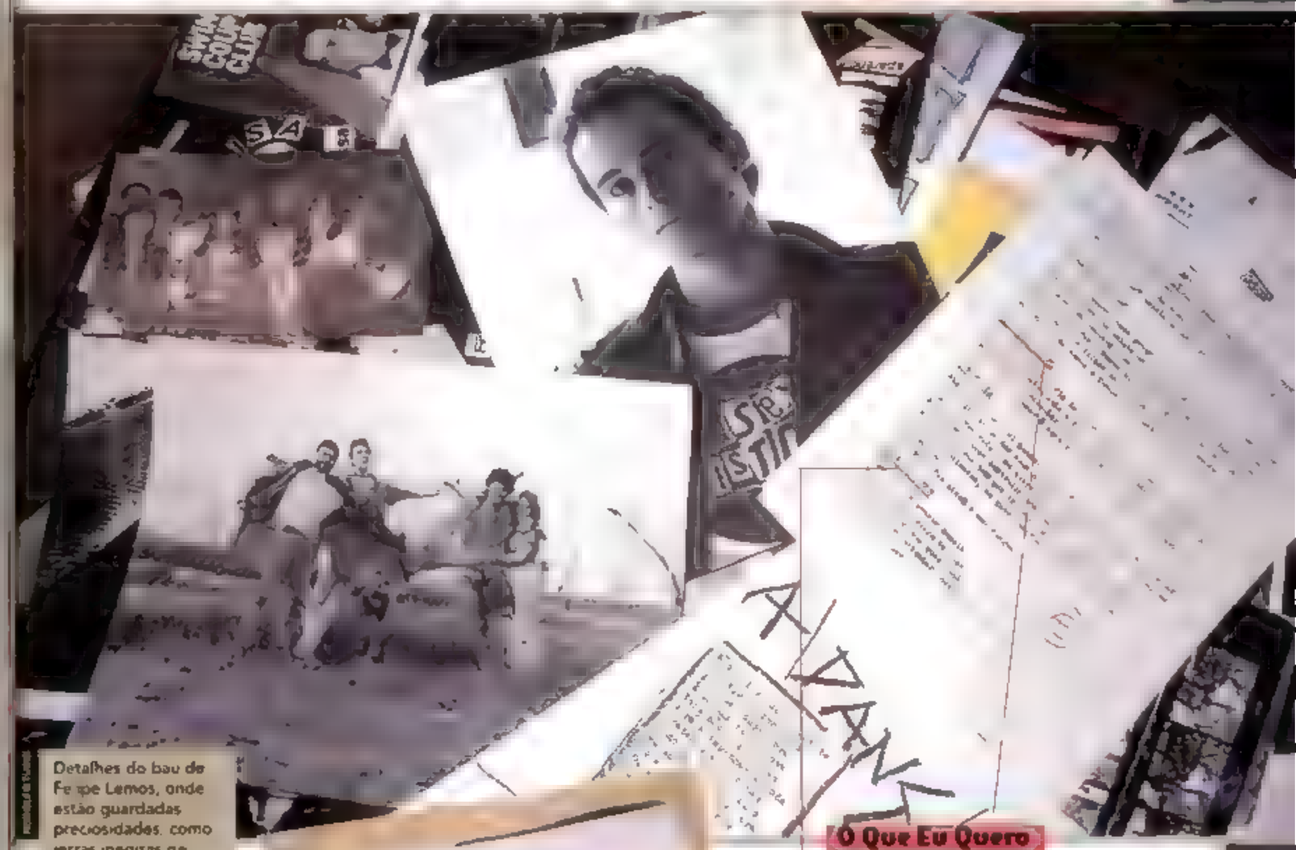
Músicas instrumentais

"All Because Of My New Sneakers"
"Blockbuster"
"Submissa"
"Aranha No Meu Suco"
"Untitled One"
"Untitled Two"

"Roubaram meu ouro. Roubaram meu sangue"

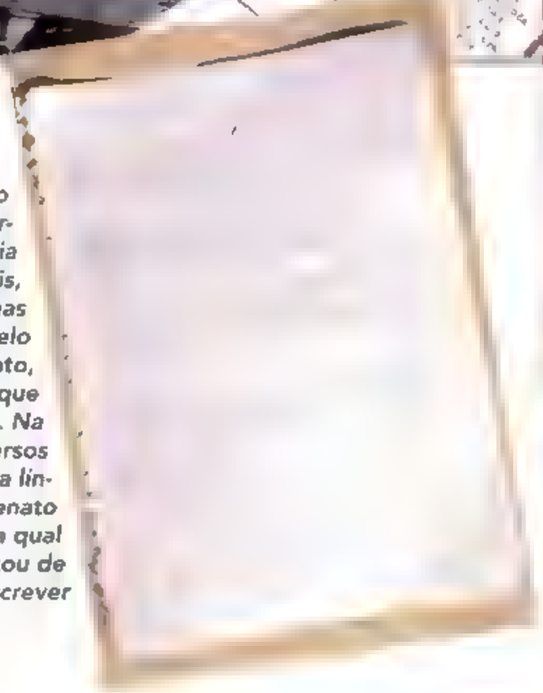
"O Despertar Dos Mortos", letra inédita de Renato Russo

Duas letras inéditas



Detalhes do bau de Felipe Lemos, onde estão guardadas preciosidades como letras inéditas de Renato Russo e fotos historicas da galera

Dentro do caderno do Aborto Elétrico havia outros papeis, incluindo folhas manuscritas pelo próprio Renato, com letras em que ele trabalhava. Na foto ao lado, versos em inglês, uma lingua que Renato dominava e na qual sempre gostou de escrever



O Que Eu Quero

Nao estou mais a fim de estudar
Nao vou fazer mais vestibular
Nao estou mais a fim de me escravizar!
Nao vou, nao vou, não vou trabalhar!
O que eu quero mesmo é agitar!
O que eu quero mesmo é agitar!

Love Song One

Você me faz pensar demais
Sempre quando quero tentar
Ser só mais um que quer voce
Ah. Nao quero entender por que eu quero saber
Nao consigo saber

As 11 letras inéditas

Renato Russo queria de volta o caderno do Aborto Elétrico, provavelmente por causa dessas músicas que nunca foram gravadas. Algumas sequer foram apresentadas nos poucos shows do Aborto Elétrico. Todas as letras são de Renato Russo.

Benzina: "Não quero cocaína, não quero benzedrina, não quero heroína, vou cheirar benzina." Em Brasília, Renato Russo cheirou benzina algumas vezes, mas ainda não tinha experimentado cocaína nem heroína quando escreveu essa letra

O Despertar Dos Mortos: Segundo Fê, uma frase da letra, "menos guerra, mais pão, vocês de direita, vocês de esquerda são todos babacas, velhos demais, vivendo intriga de tempos atrás", foi tirada de uma música do The Clash. Renato Russo estava sempre pescando influências nos grupos que admirava.

Admirável Mundo Novo: A música foi composta por André Pretorius e Renato fez a letra inconformista com "vocês tentaram e continua tudo dando errado, a sua tal experiência é coisa do passado"

Helicópteros No Céu: Estilo B-52's, uma das bandas curtuadas pelo Aborto Eletrico Era sempre tocada nos shows. Um dos clássicos perdidos do grupo.

Heroína: Foi escrita com a colaboração de um junkie muito especial: Ércole Fortuna, um primo carioca de Renato Russo. O título informal dessa música era "Quero Ser Um Vegetal". O tema é pesadíssimo

O Que Eu Quero: Bem punk, bem rápida. Só sete frases, sempre na linha do "não estou mais a fim de estudar, nem vou fazer nenhum vestibular".

Hey Menina: Não chegou a ser tocada em shows do Aborto Elétrico porque fugia da batida veloz do punk, mas foi bastante ensaiada pelo grupo

Anuncio De Refrigerante: É um retrato da repressão policial em Brasília no fim da ditadura, muito tocada pelo Aborto Elétrico. "A gente tinha uma paranóia muito grande da polícia", lembra Fê Lemos

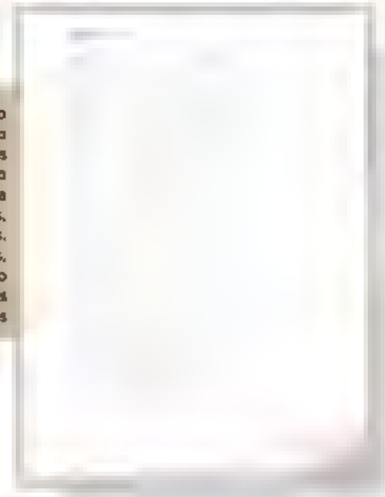
Love Song One: Dizem que a letra foi feita para Flavio Lemos, de quem Renato Russo gostou muito A música é de Flavio e Fê Lemos.

Metrópole: Renato Russo mudou completamente a letra para gravar essa música com a Legião Urbana. A versão que aparece no caderno é morbida e violenta. "Ela tinha uns riffs pancadas que você não ouve mais hoje em dia", relembra Fê Lemos.

Azul: Renato nunca musicou essa letra romântica, em que utilizou um tema sempre presente na sua obra: a necessidade de encontrar alguem, conversar com alguém.

"e aí, você por aqui? parece que a gente vive se encontrando"

"Faroeste Caboclo" o grande épico de Renato Russo , ocupa três paginas do caderno do Aborto Eletrico. Ele costumava tocá-la para os amigos, que ficavam chocados. Eram quase nove minutos, muito diferente do esquema punk de musicas curtas



Os sete grandes clássicos

Geraçao Coca-Cola: Era um dos classicos do repertório do Aborto Eletrico e no caderno aparece sem a segunda parte. Fê Lemos relembra "Ele fez partes novas quando foi gravar o primeiro disco da Legião e usou um violão que diminuiu a velocidade porque a versão original era muito agressiva "

Que País É Este: Composta em 1978, era o hit do Aborto Eletrico bem antes de se transformar no hit da Legião "Com essa a gente levantava a galera Todo mundo sabia cantar e acompanhava a gente no refrão", lembra Fê "Nossa versao era bem pesada, parecida com a da Legião mas sem o violão"

Faroeste Caboclo: O Aborto Eletrico nunca tocou essa musica, que foi virar hit quando Renato tornou-se O Trovador Solitario, logo após o fim do Aborto No caderno, "Faroeste Caboclo" aparece escrita pela primeira vez

Boomerang Blues: O Aborto Eletrico chegou a ensaiar essa musica, nunca a tocou em shows Depois, o Barão Vermelho gravou uma versao

Ficção Científica: A linha de baixo, intrincada foi composta por Flavio Lemos. Era uma das musicas do repertório oficial do Aborto Eletrico

Tédio (Com Um T Bem Grande Pra Você): Foi escrita por Renato em 1979 e gravada no terceiro disco da Legião. Nos tempos do Aborto Eletrico, era a favorita de Fê Lemos: "Até hoje eu me arrepio quando ouço a introdução: 'Moramos na cidade ..' Tocavamos muito em shows essa musica "

Veraneio Vascaina: Gravada pelo Capital Inicial Renato Russo fez a letra em cima de uma linha de baixo criada por Flavio Lemos Ele a compôs depois de mais um encontro desagradavel com a polícia de Brasília

Seattle depois do hype

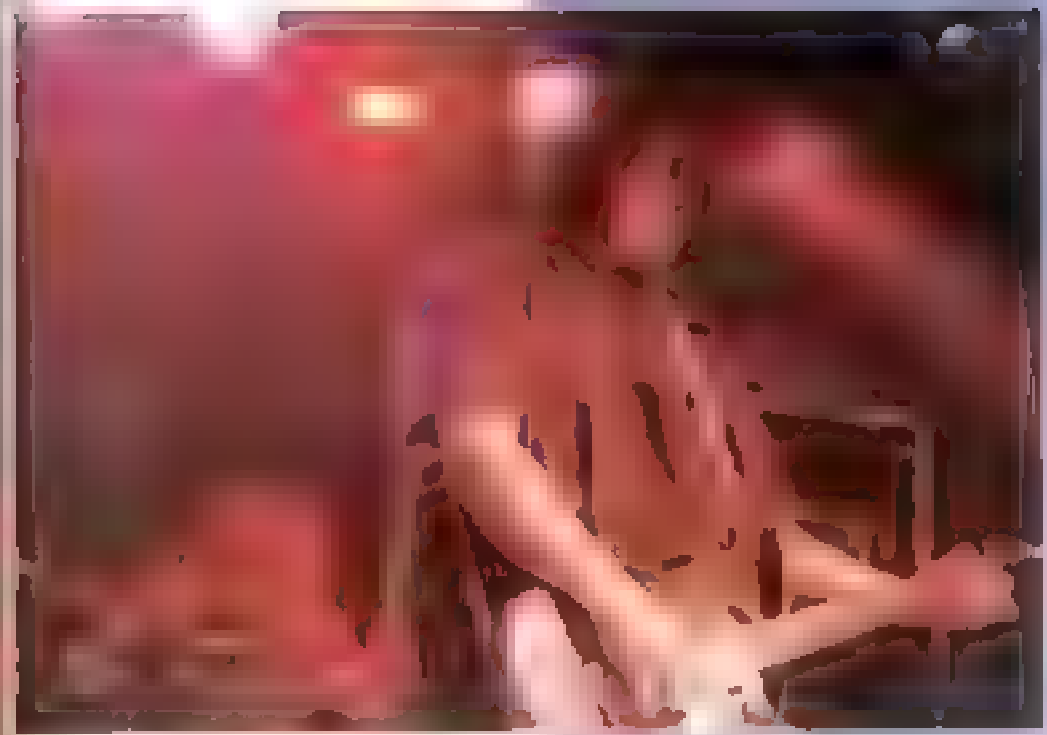
O ídolo se matou há três anos, o auê da mídia passou e o filme sobre o fenômeno saiu de cartaz, mas o rock continua rolando

Há pouco mais de três anos, quando Kurt Cobain (ou o que havia sobrado dele) estourou os próprios miolos (ou o que havia sobrado deles), meio mundo se arvorou em profeta do apocalipse e sentenciou que a tal cena de Seattle e, por extensão, o próprio rock dos anos 90 iriam pra vala junto com ele. *Bullshit*. Passado o *hype*, a cidade mostra que sobreviveu à legião de arrivistas que tentou pegar carona no sucesso das bandas locais. E ainda [illegible] sua produção musical.

É um fenômeno semelhante ao que ocorre em certos balneários brasileiros após a alta temporada. Depois que o farofeiro vai embora, o caranguejo sai da toca.

De perto, dá para perceber (ou, como diz o Falcão, é percebido sem dar [illegible]) que, longe dos holofotes da mídia, Seattle voltou ao seu [illegible] normal. Até mesmo os figurões do grunge parecem mais motivados para poderem se recolher um pouco ao anonimato e estão naquela política do "cada qual com seu cada qual". Antes de finalmente lançar o disco de estreia do Sweet 75, Krist Novoselic foi visto numa audiência pública em que artistas defendiam o direito de colar cartazes nas ruas. Courtney Love [illegible] pretende arrumar um comprador para a casa onde morou com Kurt Cobain.

Os Melvins, banda pioneira que o líder do Nirvana vivia endeusando, anunciaram sua saída da gravadora *multi* Atlantic e a volta pra casa. Ou seja, se reincorporaram ao cast da Amphetamine Reptile, um selo das antigas, anterior à Sub Pop, onde os Melvins são considerados membros honorários. Eles lançaram um disco (*Prick*) pelo AmRep só que com o nome Snivlem (Melvins escrito ao contrário), mas o retorno oficial ao selo »



Kurt (à direita, pendurado no Space Needle de Seattle) se foi, mas o rock continua rolando como antes, levado por Mark Arm (à esquerda), do Mudhoney, e Van Conner (baixista do Screaming Trees, acima em show com o baterista Dan Peters, do Mudhoney, na bateria)

MAIS SUB, MAIS POP

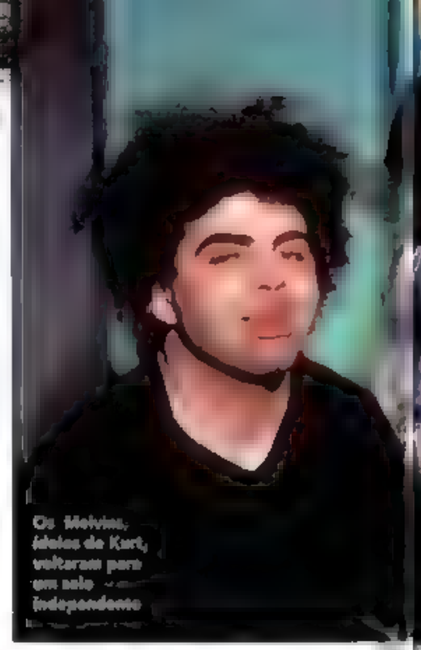
Se a cena de Seattle vai bem, o mesmo não pode ser dito da Sub Pop, gravadora que projetou o grunge. Passada a febre, o selo se viu diante de um dilema: ou ampliava o leque de opções do seu elenco, ou caminhava célere para um colapso. Jonathan Poneman e Bruce Pavitt, fundadores da empresa, optaram pela letra a. Mas a mudança esta sendo, no mínimo, traumatica. A imprensa local fala numa crise interna que resultou na demissão de quatro altos funcionarios da gravadora. De acordo com o tablóide *The Rocket*, nos ultimos seis meses a Sub Pop dispensou cerca de 20% de seus empregados.

Enquanto não encontra um rumo definido, a gravadora vai atirando para todos os lados. A banda Jale, por exemplo, é uma grata surpresa. Formada por três minas e um valete, seu segundo disco, *So Wound*, é um meio-termo entre Breeders e R.E.M.

A lojinha da Sub Pop, em Seattle: atração turística que pode não durar muito

Bacana também é Thornetta Davis, uma negona descoberta quase por acaso. Em 1991, a banda funk-rock Big Chief, de Detroit, recrutou Thornetta para fazer vocais de apoio em seu disco de estréia na Sub Pop, *Face*. Gostaram tanto da mulher que repetiram a dose no segundo album, *Mack Avenue Skull Game*. So que ai foi o proprio selo que nao a deixou mais ir embora. E Thornetta Davis fez sua estréia solo em *Sunday Morning Music*, disco em que demonstra pleno dominio do vozeirão grave que possui.

Thornetta Davis, destaque do novo elenco da Sub Pop: a gravadora que lançou o grunge investe em sons negros


Os Melvins, ídolos de Kurt, voltaram para um selo independente

Mark Arm, do Mudhoney, detona: "Kurt só matou a si mesmo."

vai ser com o album *Honky*.

Outra figura manjada da cena local, Mark Arm, vocalista e guitarrista do Mudhoney, vai participar de um projeto, batizado de Wilde Kaitz, que reúne também Thurston Moore e Steve Shelley (Sonic Youth), Mike Watt e Ron Asheton (guitarrista dos Stooges). Os caras são responsáveis pela trilha do filme *Velvet Goldmine*, de Todd Haynes. A força-tarefa constituída para essa empreitada tem explicação: o roteiro é baseado em lances da vida de dois amigos: Iggy Pop e David Bowie.

Aliás, projeto paralelo em Seattle é que nem nota de dez: todo mundo tem. O próprio Mark Arm toca numa banda chamada Bloodloss, que faz rockabilly com molho de jazz e blues. Existe também o Valis, em que o baixista do Tad, Kurt Danielson, o baterista do Mudhoney, Danny Peters, e Van Conner, baixista do Screaming Trees (assumindo, no caso, vocais e guitarra), vão às últimas consequências com o uso da microfonia.

Fora isso, há ainda um monte de bandas (assim como antes da explosão do grunge, é bom lembrar) tocando pelo prazer de tocar, bons lugares para shows e um número razoável de selos independentes. Só que agora a cena local é mais rica porque a sonoridade está multifacetada (os anos 90 não acabaram!), indo do rock ao terno, do jazz ao country, do blues ao jungle. O tempo também não mudou: continua frio pra cacete e chovendo direto.

Encontro Mark Arm num show no Crocodile Café, um dos bares mais animados do momento, sempre com duas, três bandas tocando ao vivo quase que diariamente. Eu me identifico e sou logo saudado com a expressão característica do americano espantado por conhecer alguém de um lugar tão distante quanto exótico: "Oh, Brazil?!" A pergunta está na ponta da língua: como anda a tal cena de Seattle? Ele responde indicando a platéia com o queixo: uma molecada que superlota o minúsculo bar, ignorando sumariamente a placa que estabelece como lotação máxima 63 lugares. "Mas a imagem que se tem é de que a morte de Kurt Cobain sepultou o rock por aqui", provoca. "A cena está acontecendo agora mais do que nunca", ele rebate. E, depois de ganhar um tempinho soltando uma baforada de cigarro, dispara, com sinceridade lancinante: "Ele (*Kurt*) se matou a si mesmo."

Seu colega de banda, Danny (Dan Peters), é mais ponderado, mas não menos sincero. "Quando Kurt morreu, todo mundo aqui sentiu muito. Mas isso não afetou a cena de Seattle. Tire suas próprias conclusões", sugere ele, mostrando também o público heterogêneo do bar: punks, mauricinhos, neo-hippies, gente esquisita e gente normal.

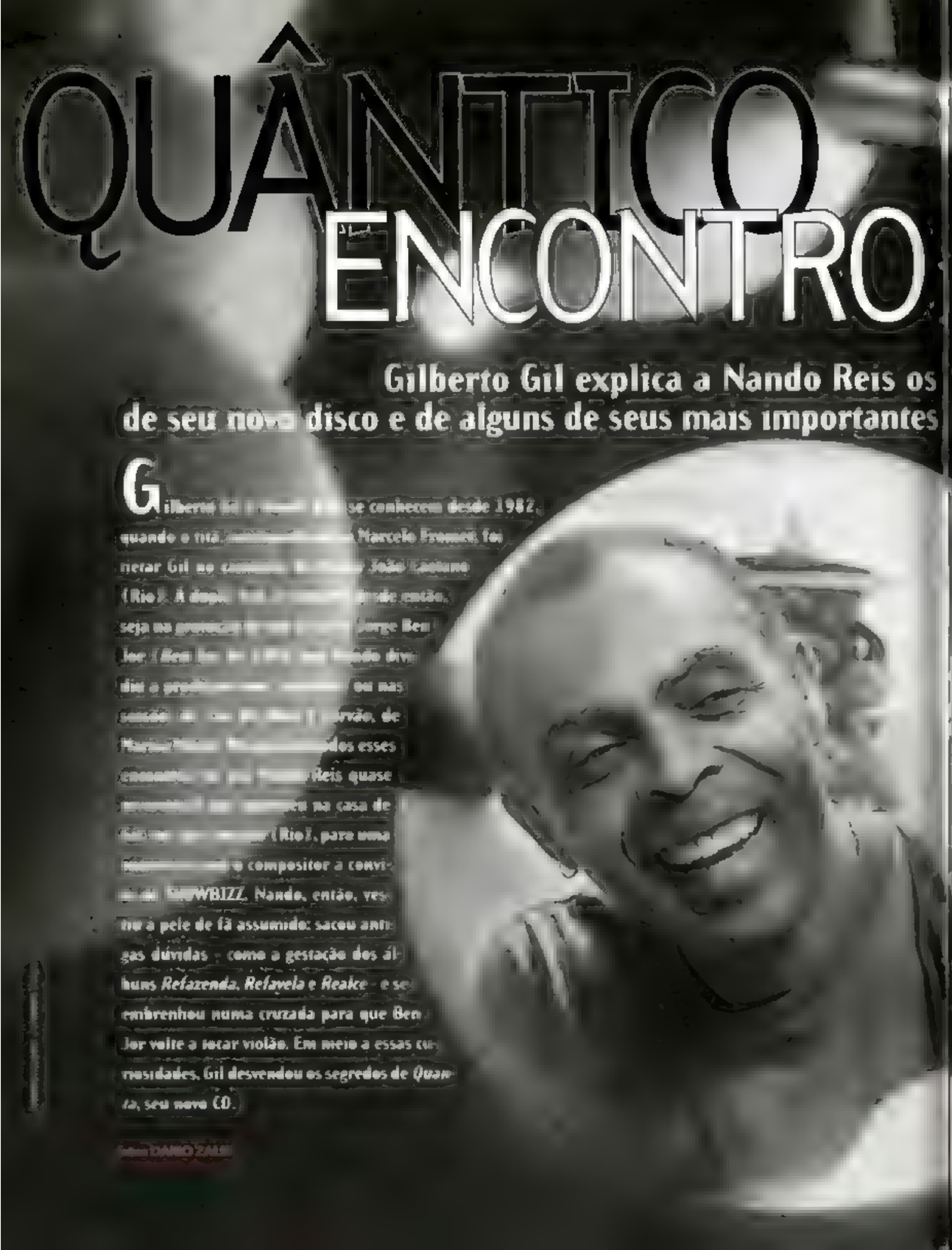
Os caras têm razão. Um bom giro por Seattle hoje resulta na constatação de que aquele gesto de Kurt, em abril de 1994, não foi mais do que uma atitude lamentável. Não mudou o mundo, nem abalou a cidade. Na melhor das hipóteses, conseguiu interromper o fluxo de farofeiros para lá, o que, aliás, talvez tenha sido sua ultima contribuição para a rapaziada de Seattle. Resumindo: Kurt fez a fama, mas preferiu deitar na cova. A festa continuou.

ONDE PULSA O GRUNGE

Programa obrigatório em Seattle é parar numa das dezenas de cafés – eles servem também de refúgio durante as chuvas e as rajadas de vento frio do Pacífico. À noite, a pedida são clubes como o Crocodile Cafe ou o Moe, onde os caras do R.E.M. e do Pearl Jam costumam bater ponto. Ambos ficam no Belltown, área mais jovem, artística e anti-convencional da cidade. Quase em frente ao Crocodile Café, na 2nd Avenue, fica o Belltown Hempery ("*hempery*", "*empire*", trocadilho com "império da maconha"). Trata-se de uma organização que apóia causas ambientalistas e a compra de produtos que seus administradores definem como "ecologicamente racionais": papel, tecidos, cosméticos, óleos e produtos comestíveis feitos à base da semente da maconha.

QUÂNTICO ENCONTRO

Gilberto Gil explica a Nando Reis os segredos de seu novo disco e de alguns de seus mais importantes trabalhos



Gilberto Gil e [illegible] se conhecem desde 1982, quando o rita[illegible] Marcelo Fromer foi tocar Gil no camarim [illegible] João Caetano (Rio). A dupla [illegible] desde então, seja na produção [illegible] Jorge Ben Jor (*Ben* foi de 1991, um grande divisor de águas [illegible] ou nas canções de [illegible] parceria, de [illegible] todos esses encontros [illegible] Reis quase [illegible] na casa de [illegible] (Rio), para uma [illegible] o compositor a convidar [illegible] WBIZZ. Nando, então, vestiu a pele de fã assumido: sacou antigas dúvidas – como a gestação dos álbuns *Refazenda*, *Refavela* e *Reake* – e se embrenhou numa cruzada para que Ben Jor volte a tocar violão. Em meio a essas curiosidades, Gil desvendou os segredos de *Quanta*, seu novo CD.

DARIO ZALIS

Gilberto Gil: As velhas canções eram refrigerantes, chegavam com aquele sabor.

Crush (risos)... Grapette. Aquele velho sabor. Chegavam com esse gosto de sabores esquecidos, mas nunca, nunca, nunca esquecidos. Você está ali diante delas e, ao primeiro gole, toda a beleza, todo o prazer especial daquilo estão de volta. Foi o caso com essas músicas antigas, como o instrumental para João Gilberto, "Um Abraço No João". Este eu tinha tentado fazer com a banda, dividir para bandolim, flauta... Não tinha ficado legal. Um dia liguei pra Caetano (*Veloso*) e ele perguntou sobre "Um Abraço No João". Expliquei que não tinha ficado legal e ele falou: "Faz só você e o violão, do jeito que você sabe." Vim pra casa com aquela dúvida na orelha. Peguei o violão, toquei a música, cheguei no estúdio no dia seguinte e disse: "Grava aí, grava aí." Gravamos.

[illegible] *Quanta* [illegible] Marcelo Fromer [illegible] "Aguera", "Nova Era".

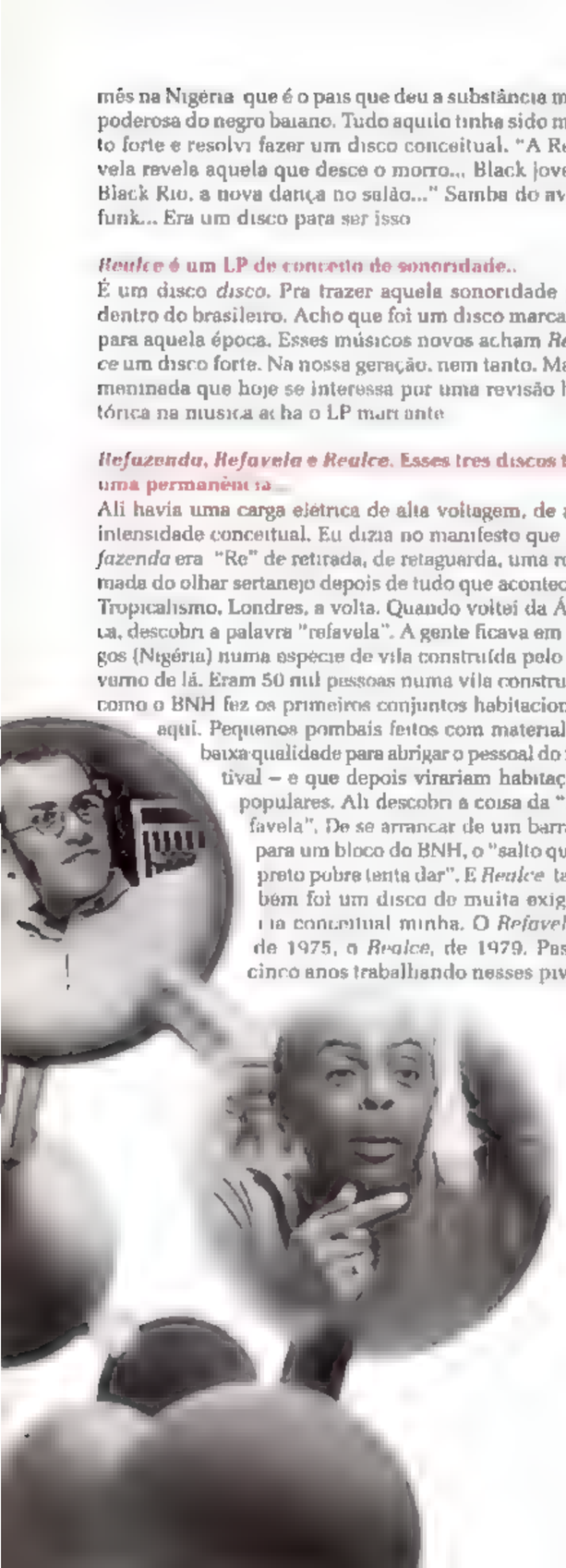
[illegible]l casual. O tema do disco era o negro, a cultura negra, sua reciclagem ao longo das várias fases da História. Eu tinha vindo da África – de um festival que reuniu negros de destaque do mundo inteiro. Já tinha ido a Angola antes e daí passei um

»

mês na Nigéria que é o país que deu a substância mais poderosa do negro baiano. Tudo aquilo tinha sido muito forte e resolvi fazer um disco conceitual. "A Refavela revela aquela que desce o morro... Black jovem, Black Rio, a nova dança no salão..." Samba do avião funk... Era um disco para ser isso

Realce é um LP de conceito de sonoridade..
É um disco *disco*. Pra trazer aquela sonoridade pra dentro do brasileiro. Acho que foi um disco marcante para aquela época. Esses músicos novos acham *Realce* um disco forte. Na nossa geração, nem tanto. Mas a meninada que hoje se interessa por uma revisão histórica na música acha o LP marcante

Refazenda, _Refavela_ e _Realce_. Esses três discos têm uma permanência...
Ali havia uma carga elétrica de alta voltagem, de alta intensidade conceitual. Eu dizia no manifesto que *Refazenda* era "Re" de retirada, de retaguarda, uma retomada do olhar sertanejo depois de tudo que aconteceu. Tropicalismo, Londres, a volta. Quando voltei da África, descobri a palavra "refavela". A gente ficava em Lagos (Nigéria) numa espécie de vila construída pelo governo de lá. Eram 50 mil pessoas numa vila construída como o BNH fez os primeiros conjuntos habitacionais aqui. Pequenos pombais feitos com material de baixa qualidade para abrigar o pessoal do festival – e que depois virariam habitações populares. Ali descobri a coisa da "Refavela". De se arrancar de um barraco para um bloco do BNH, o "salto que o preto pobre tenta dar". E *Realce* também foi um disco de muita exigência conceitual minha. O *Refavela* é de 1975, o *Realce*, de 1979. Passei cinco anos trabalhando nesses pivôs



"Tomara que Ben Jor leia esta entrevista e volte a tocar violão" (Gil)

Outros discos vieram, mas eu talvez nunca mais tenha tido essa concentração pra fazer uma trilogia

Você gravou algumas coisas para *Quanta*, depois parou... Teve isso, não teve?
Eu ia fazer um disco de 12 faixas, comum, normal. Comecei a gravar *Quanta* com a mesma banda que fez o *Unplugged* (1994). Gravamos umas 15 faixas. Mas aí eu viajei para a Europa e, quando voltei, tive vontade de rever várias coisas

Por quê?
Por várias razões. Uma delas, a minha voz. Ela parecia desgastada, com uma rouquidão crônica. Eu também não estava muito satisfeito em fazer tudo com a mesma sonoridade

"Guerra Santa" tocou em algumas rádios. Ela antecede o começo do disco?
Ela não tinha nada a ver com o disco. Era para um CD do (*festival*) Hollywood Rock. Aproveitei por causa do tema: ciência, arte, religião, filosofia; interfaces variadas que o assunto tem

Sobre o repertório chama a atenção a mistura de composições recentes e antigas
Esses dois anos de composição do disco coincidiram com a leitura do livro (Gilberto Gil-Todas As Letras, *escrito em parceria com Carlos Rennó*). Aí o baú do Gil foi aberto. Coisas de que eu tinha me esquecido. "Sala Do Som" é uma música que eu perdi. Cheguei a gravá-la pro *Refavela*. Deveria ter uma gravação na PolyGram, mas eles não acharam. Foi então que (*o jornalista e pesquisador*) Marcelo Fróes descobriu essa música na PolyGram.
Outra que eu perdi foi "O Mar E O Lago". Quando o Rennó mexeu nos arquivos, achamos a letra. Eu tentei me lembrar da música, não consegui. Aí fiz outra. Por isso resolvi colocar no disco. Com "Pílula De Alho", aconteceu a mesma coisa

É muito bonito o arranjo dela
É clássico. Um clássico nordestino. Parece muito com aquele disco, o *Expresso 2222*. Um tratamento meio blues da coisa nordestina, de "Chiclete Com Banana"

Lembrando agora do *Gil E Jorge*, acho que talvez você seja a única pessoa capaz de convencer o Jorge a voltar a tocar violão
Jorge Ben com o Trio Mocotó é espantoso. A reedição daquilo em algum nível seria de uma contribuição valiosíssima para a atualidade. Mas o Jorge parece reagir um pouco a isso

Era preciso... O *Gil E Jorge* é estupendo!
É um tributo meu a ele, porque o convite é meu, é a minha admiração, um tributo que eu pago a ele, minha segunda escola de violão – a primeira é João Gilberto. Neste disco novo, se você pegar "Água Benta", ali é Jorge Ben, é violão com palheta. É uma coisa que não tinha no samba, a palheta da *rhythm guitar* do blues e do rock. Foi Jorge quem trouxe. Sou discípulo disso

Acho um pecado ele não permitir que outros ouçam aquilo
Tomara que ele leia esta entrevista

Tomara. Mas acho que você é o canal mais próximo...
Vou dizer a ele: "Olha, eu e Nando estamos lhe pedindo para que você reedite aquele Jorge do *Samba Esquema Novo* (*Discoteca Básica nº 62*)" Quando eu ouvi Jorge, eu disse a Caetano: "Só toco Jorge, nem toco mais minha música." Durante uns três ou quatro meses eu só toquei aquelas dez músicas do *Samba Esquema Novo*. Só. Como um devoto que é convertido a uma religião. Eu talvez mais do que ninguém saiba do que você está falando, essa falta que ele faz

O instrumento mais associado à MPB é o violão de náilon. Temos grandes nomes no instrumento: João Gilberto, Baden Powell, Paulinho Nogueira
Carlos Lyra. Edu Lobo.

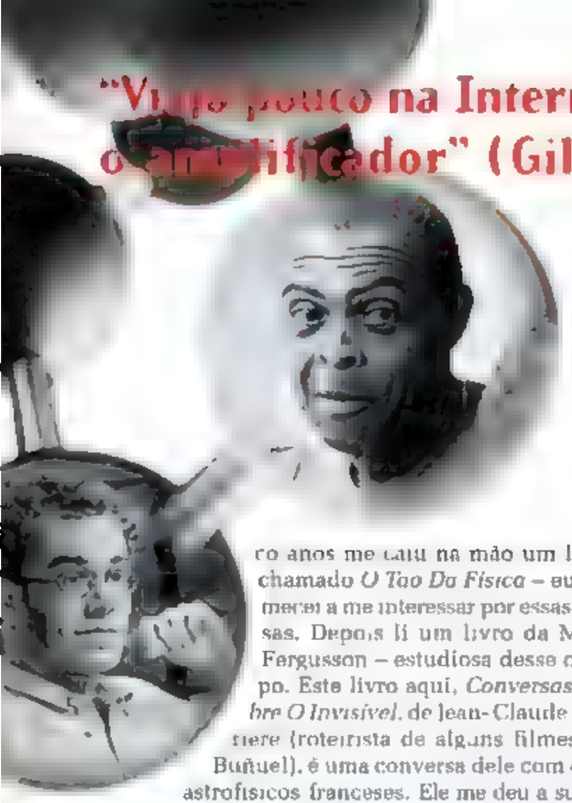
O Milton Nascimento é um mistério...
É um mistério das cordas soltas, das inversões absurdas, a batida flamenca, aquele jeito andino que vem da tradição espanhola. Ele nasce dessas coisas. O violão do Milton é uma coisa ainda a se decifrar

Fazendo até uma relação com uma música do *Refazenda*, "Essa É Pra Tocar No Rádio", como é a sua relação com o rádio?
Eu não gosto. Às vezes me imponho a disciplina de ouvir. Mas eu não gosto. O rádio me dá uma sensação nostálgica.

Você mantém a idéia do rádio ideal, que é o lugar onde as músicas são tocadas? Você que trabalha profissionalmente com música numa gravadora... Como você convive com isso?
A primeira pessoa a se satisfazer com a audição da minha música sou eu mesmo. Mas tem as outras pessoas e tenho de ter a capacidade de me colocar na perspectiva do ouvido dos outros. Aí é o rádio quem faz esse papel
Este meu novo disco tem muitos momentos que são tentativas de reprodução daquele vazio, aquele espaço onde as partículas, os prótons e os elétrons fazem suas órbitas. Mas quando eu ouço um Rolling Stones, um *Tatoo You*, um não-vazio absoluto, aquela ocupação plena do espaço sonoro, aquilo também me excita. E me leva a fazer algo como "Pela Internet". Então o rádio me dá essas influências. Quando eu coloco um arranjo de cítara em "Dança De Shiva" pra dobrar com o meu violão, é uma demanda do ouvinte no carro, que está no trânsito às seis horas na Av. Paulista (*São Paulo*). O rádio entra mais nesse sentido técnico mais do que no mercadológico

Para elaborar isso, transformar em música, como é a sua aquisição de conhecimento. Você é um pesquisador.
Olha, desde a macrobiótica, a ioga, a acupuntura, que eu venho me interessando pela Teosofia e há uns cin- »

"Viajo pouco na Internet. Eu mal sei ligar o amplificador" (Gil)



Há anos me caiu na mão um livro chamado *O Tao Da Física* – eu comecei a me interessar por essas coisas. Depois li um livro da Mary Fergusson – estudiosa desse campo. Este livro aqui, *Conversas Sobre O Invisível*, de Jean-Claude Carrière (roteirista de alguns filmes do Buñuel), é uma conversa dele com dois astrofísicos franceses. Ele me deu a sugestão da capa: foi dessa órbita que veio a capa de *Quanta*.

Eu vi uma entrevista sua com Caetano, na época do *Tropicália 2*, em que você disse que tinha uma memória boa
Cada vez pior (*risos*)

E "Cinema Novo", por exemplo, que é uma música grande, de difícil memorização, tem um encadeamento louco, como você fez?
Curiosamente eu fiz aquela música de memória. Na música, no sentido harmônico-melódico, é onde a minha memória tem sido mais poupada. Agora, no campo verbal, das palavras... Eu leio uma página de um livro ali, e meia hora depois, se você me perguntar, já esqueci. Acontece frequentemente de ligar a televisão e começar a ver um filme com a sensação clara de que eu nunca vi e, uma hora depois, filme adentro, eu percebo: "Mas eu já vi esse filme!"

Talvez tenha sido muita maconha
É, dizem que afeta. Eu fumei muito... (*risos*)

Você viaja na Internet?
Pouquíssimo. Eu mal sei ligar o meu amplificador. O gravador de DAT eu não sei ligar direito, tenho de chamar a (*minha mulher*) Flora. Eu aprendo a operar um aparelho, aí viajo, passo dois meses fora, quando volto já esqueci tudo. Falta de intimidade com tecnologia.

Que discos seus você gosta de ouvir?
Eu gosto do *Montreux Ao Vivo*, aquele que tem "Cérebro Eletrônico"; gosto de ouvir o *Gil E Jorge* porque tem aquela viagem e gosto do *Refavela*. O *Ao Vivo No Tuca*, às vezes.

Você mostrou "O Mar E O Lago" para o Mario Lago?
Não. Eu toquei ela no Jô e, no dia seguinte, o Mario Lago me ligou. Ele nem tinha visto. A mulher dele viu, contou e ele me ligou pra agradecer.

O que é a "Fraude Do Thomas"?
É o Thomas Green Norton. E a fraude é a grande interrogação não só em relação a ele mas a todo paranormal. Aquilo é fraude ou não é fraude? E eu não estou afirmando que ele é fraudulento, estou colocando uma interrogação. Eu lembro que aqui no plano doméstico algumas pessoas levantaram a hipótese de que eu estivesse sendo deselegante, descortês ou violento com ele. Mas não é: não sou eu. É a mesma questão que eu colocava naquele samba "Bob Dylan ou Bob Marley", da pichação. Quer dizer, não sou eu que estou dizendo isso. Você desloca de você para uma questão da sociedade. A questão de eu duvidar do Thomas não é pertinente. Duvida-se. É a dúvida, não é a minha dúvida.

Gilberto Gil e Nando Reis: amizade que nasceu em 1982, de uma sessão de tietagem do trio em cima do compositor baiano

Atenção: compre produtos CASIO originais. A CASIO não se responsabiliza por produtos sem o certificado de garantia nacional impresso pela empresa ELETRÔNICOS PRINCE, única representante oficial no Brasil

Eletrônicos Prince Distribuidora Oficial no Brasil - Rua Genebra, 158 - Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01316-010 - Fone: (011) 3115-0355 - Fax: (011) 607-0511
Home page: http://www.casiobr.com.br

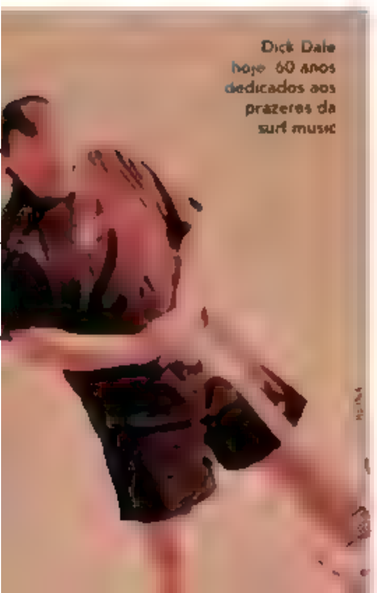
CASIO COMPUTER CO., LTD. Tokyo Japan

à onda certa

Dick Dale vem ao Brasil; está na hora de aprender o que é SURF MUSIC de verdade

por CARLOS EDUARDO OLIVEIRA

Sacuda a poeira do pranchão, separe a surrada bermuda colorida e encomende o ponche do luau. Toda reverência é pouca para saudar a chegada do Rei da Surf Music. Aos 60 anos, Dick Dale vem pela primeira vez ao Brasil para mostrar como se faz surf music. Seus shows, que deverão acontecer no mês de agosto em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Sao Paulo e Rio de Janeiro, serão uma imperdível oportunidade de conferir que Hoodoo Gurus e companhia limitada são tão surf music quanto o Papa é flamenguista



Dick Dale hoje, 60 anos dedicados aos prazeres da surf music

Os brasileiros trocam as bolas, confundindo surf music com rock australiano meia-boca e até com reggae. O conceito é amplo e subjetivo, mas não dá para misturar alhos com bagulhos. Dale, o pai da criança, deu o drop inicial na virada dos anos 50. Muita onda rolou desde então e a surf music pode ter sofrido oscilações de mares, mas nunca vacou. Atualmente, ela experimenta um revival que varre da Califórnia à Finlândia, passando até por São Paulo

A Califórnia do fim dos anos 50 era uma sucursal praiana do paraíso. Sem drogas, sem violência, só um legítimo entusiasmo pela vida, embalado pelo surf. Foi nesse contexto que alguns surfistas começaram a formar bandas para animar as caretíssimas festas de colégio e de clubes de beira de praia. O som era baseado (êpa!) no rock instrumental de guitarristas tipo Link Wray e Duane Eddy e de grupos como Fireballs e Ventures. Estes últimos eram *surf rockers* e nem sabiam. Vieram de Seattle e seu hit "Walk Don't Run", de 1960, é apontado »

Os Ventures começaram tocando em festinhas de adolescentes

Jan And Dean inauguraram a era da surf music vocal

como um dos principais precursores da onda surf na Califórnia. Justiça foi feita: o grupo teve sucesso depois, gravando o tema do seriado *Hawaii Cinco-Zero*.

Em 1961, Dick Dale espocava seu primeiro hit, "Let's Go Tripping", e inaugurava uma nova era, catalizando o rock vigente com a energia e a adrenalina do surf. Autodidata, era canhoto, mas tocava guitarra como destro. Em petardos de dois minutos e pouco, ele imprimiu à guitarra surf uma pegada leve e, ao mesmo tempo, poderosa. O fraseado de sua Fender Stratocaster tinha como marca registrada a reverberação de riffs que pareciam extraídos de guitarras havaianas – mais surf, impossível. Seu primeiro álbum, *Surfer's Choice*, lançado por seu próprio selo Deltone Records, atingiu a bela (para a época, 1962) marca de 88 mil cópias vendidas. Uma enxurrada de clássicos ("The Scavenger", "Surf Beat", "The Wedge" e, claro, "Misirlou" – um sucesso grego dos anos 40!) completou o estrago.

Com seu grupo Del-tones, Dale definiu um estilo para o qual não faltaram seguidores. Surfaris, Pyramids, Chantays, Belairs, Duals, The Pharos, Johnny Fortune, Gene Gray & The Stingrays, Dave Myers & The Surftones, The Sunsets, Annete, The Snow Men e The Revels são só alguns dos nomes que rabearam sua onda. O fenômeno rompeu fronteiras e bandas de picos como Colorado (The Astronauts) e até Minnesota (Trashmen) aderiram ao gênero com sucesso. Os Trashmen são um capítulo à parte: é deles o hino "Surfin' Bird", resgatado pelos Ramones.

O ano de 1963 foi histórico para a surf music com a explosão de artistas que jogavam na mistura o doo-wop vocal dos anos 50, caso de The Rip Chords, The Hondells e, sobretudo, Jan & Dean. A dupla, que havia inaugurado a surf music vocal em 1959, chegou ao primeiro lugar nos EUA com o sucesso "Surf City". A corrente cantada se mostraria mais influente que a instrumental por obra e graça de um grupo que abrigava apenas um surfista: Beach Boys. Se Dale é Deus, os Beach Boys foram seus apóstolos. Ao menos por algum tempo: abriam concertos de Dale em troca de cachês de 50 dólares – e regravaram "Let's Go Tripping" e "Misirlou". Em 1963, emplacaram dois de seus mais celebrados álbuns, *Surfing USA* e *Surfer Girl*. Aos poucos, o grupo desenvolveu personalidade própria, marcada por harmonias vocais belas e complexas. O resultado da evolução pode ser ouvido em obras-primas como o álbum *Pet Sounds*, de 1967, um marco do rock.

Comercial e artisticamente, a surf music foi um furacão de curto impacto e duração, de 1961 a 1965. A invasão britânica liderada por Stones, Beatles e Who varreu os ianques em sua própria praia quando Dale já havia saído de cena, desiludido com o showbiz e frustrado por não captar em estúdio o arregaço dos shows. Ele trocou a música pelo surf e pela proximidade com os leões, tigres e outros bichos que criava em casa. Nesse meio tempo, um câncer no intestino quase o derruba da prancha. "Milagre? Quem fala não sabe, quem sabe não fala", diz ele, mistificando sua milagrosa recuperação.

O ditado diz "Você tira o surfista da onda, mas nunca tira a onda do surfista". Com o tempo, a surf music provou-se de uma influência perene no rock. O punk, a new wave e o psychobilly que o digam. Em 1992, Dale voltou à ativa. Em dois anos, tirou o atraso de três décadas, lançando os CDs *Tribal Thunder* e *Unknown Territory*. Quentin Tarantino tratou de botar os pingos nos is. Em 1995, ao colocar "Misirlou" (e mais Revels, Ventures e Surfaris) na trilha de *Pulp Fiction – Tempo De Violência*, ajudou a detonar a dalemania e, de quebra, um novo swell. Redescoberto, Dale fez a primeira turnê de sua vida e passou a tocar para crowds incalculáveis. Quem viu, diz que seu show faz o Rage Against The Machine parecer grupo de escoteiros. Participou da Warped Tour, dividindo palco com Green Day e Offspring. E assinou contrato com o selo inglês Beggar's Banquet, que gerou em 1996 *Calling Up Spirits*.

O revival da surf music ratifica ao menos duas lições. A primeira: lugar de guitarra é e sempre foi no centro do palco. A segunda: à exceção dos lendários Atlantics, nos anos 60, australiano nunca fez surf music da lata. Quem acha o contrário, levou palha por lebre.

SURFOGRAFIA BÁSICA

Quatro álbuns para alimentar sua discoteca. Eles são o máximo em seu estilo e garantem um riau animado: da sutileza instrumental dos Ventures ao surf-punk dos Revels, passando pelo preciosismo vocal dos Beach Boys e a bíblia Cowabunga.

VÁRIOS
Cowabunga
Caixa com quatro CDs com os grandes nomes da surf music. Sucessos do mestre Dick Dale, canções dos Ventures, Trashmen etc.

BEACH BOYS
20 Good Vibrations
A fase liderada pelo gênio Brian Wilson interpreta os melhores sucessos da turma da praia, como "Fun, Fun, Fun", "Surfer Girl" e "Help Me Rhonda".

THE VENTURES
Walk, Don't Run
Surf instrumental tocado de maneira suave e com as guitarras mais enfrosadas que já surgiram em Seattle. A faixa-título é hit obrigatório de festinhas.

THE REVELS
Intoxica
Tocam deliciosamente mal. Destaque para sua versão surf-bossa de "Tequila".

NOVAS MANOBRAS

Paralelamente à influência sobre o punk, new wave e psychobilly, o primeiro sinal real de um retorno da surf music veio ainda em 1980, com os sul-californianos Jon And The Nightriders e The Surf Raiders. Mas o melhor ainda estava por vir. Mais de uma década depois, quilos de surf bands surgiriam, agregando ao surf de raiz os mais variados elementos contemporâneos.

À frente do movimento, selos independentes como o californiano Estrus Records, uma das poucas especializadas no assunto. Em seu cast se destaca não só o surf punk de Impala e The Monomen, mas principalmente o surf science-fiction de Galaxy Trio e de Man Or Astro-Man? (foto).

As referências siderais estão em toda parte no trabalho do Man, misturadas a diálogos de seriados, lembranças de Os Jetsons, vinhetas bizarras... Os integrantes do grupo escondem-se atrás de pseudônimos, como Star Crunch e Bird Stuff, e levam tão a sério a piada que usam nos shows legítimos trajes de astronauta, o que já valeu uma ameaça de processo por parte da NASA. "Não estamos sujeitos às leis desta galáxia", replicam os doidões.

Na mesma trip espacial gravitava também o cultuado Shadowy Men On A Shadowy Planet (que acompanhou o B-52 Fred Schneider em seu último disco). Gravitava, pois a banda foi literalmente para o espaço. Mermen é outra banda que mostra muita originalidade, equilibrando Sonic Youth sobre um pranchão. O mesmo pode-se dizer do Spies Who Surf e de seu surf jazz recheado de metais. Uma imensa legião garage surf ianque aparece ainda nos drops musicais de Neptunes, Satan's Pilgrim, The Insect Surfers, Phantom Surfers, Death Valley, Pell Mell, The Bomboras, Los Straightjackets e a nova sensação Huevos Rancheros. O atual swell bateu até na Finlândia, onde Laika & The Cosmonauts celebra um pop surf de resposta, e, claro, no Brasil, com Os Ostras e Los Sea Dux, que seguram a onda da surf music tupiniquim.

A trilha de *Pulp Fiction* tirou o gênero do ostracismo

arriba muchachos!!!

Na praia de Grumari, no Rio, Jorgito e Brunito arrepiam Pablita com seus sombreros. Como se diz frisson em espanhol?

O disco de platina pelas 250 mil cópias vendidas do album *Meu Mundo Gira Em Torno De Você* foi pouco. O Kid Abelha agora parte para invadir outras praias, lançando o primeiro disco *en español* (só para o mercado externo, sem distribuição no Brasil!).

Kid Abelha, coletânea com sucessos cantados na língua de Maradona, estava prometido desde 1994. Quase ninguém sabia, mas que estava, estava. "Quando renovamos nosso contrato com a Warner há dois anos, incluímos essa cláusula. A idéia partiu da própria gravadora", conta o saxofonista/vocalista George Israel. "Primeiro, eles pediram para que fizéssemos uma versão para 'Grand Hotel' e abandonaram um pouco o projeto. Mas nós gostamos da brincadeira e passamos a insistir no lance. Então, finalmente, eles toparam", explica Paula Toller. Agora, o Kid é prioridade da multinacional para o mercado cucaracha. Aliás, cucaracha, não! "É meio pejorativo, né?", alivia Paula. O rótulo não interessa, o que vale é que o álbum vai parar nas lojas de México, Argentina, Chile, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Uruguai e até da Espanha, onde as versões e os vocais foram gravados. "Como É Que Eu Vou Embora" virou "Por Qué Me Quedo Tan Sola?", "Eu Tive Um Sonho", "Yo Tuve Un Sueño" e "Como Eu Quero", "Como Yo Quiero". Por que Espanha? Paula explica: "Quando se fala em espanhol, há vários sotaques... O argentino é carregado, o mexicano não da para entender nada... Dizem que o mais neutro é o colombiano, mas optamos pelo clássico. Aquele que você ouve nos filmes do Almodovar". E tome dramaticidade. "É a língua inspira um tipo de canto mais passional mesmo. É é ótima para xingar. Aprendi isso lá. Dizem até que o Bebeto, depois da temporada no La Coruña, agora xinga em espanhol. 'Mas que puta madre!!!', bica Paula. "Puta madre é sensacional! Já vem com entonação... Acho que vou adotar", completa às gargalhadas, George.

Dois dias antes da entrevista, Paula, George e o guitarrista Bruno Fortunato tinham vivido uma experiência inédita: uma apresentação totalmente em espanhol, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio. Show pequeno, só para executivos e funcionários das filiais da gravadora nos países em que o disco será lançado. Resultado? Sucesso total. Mesmo em castelhano, o Kid Abelha soa absolutamente natural. E contagiante, claro. Os gritos de "orê orê orê" Paula. »

KID ABELHA reconquista o Brasil e invade as praias hispânicas

"Sedução faz parte do showbiz. A inteligência também passa pelo umbigo"

O sombrero esconde a roupa de executiva de Paula Toller. "Biquinho? Para os padrões brasileiros, isso é terno e gravata!"

Paula" cheios de sotaque são um bom termômetro para medir a que níveis a temperatura subiu no local.

"As versões realmente foram muito bem feitas" elogia Paula. Os responsáveis pela transformação do Kid Abelha são Nacho Mañó e Ignacio Ballesteros, o mesmo que fez as versões da italiana Laura Pausini. O disco é direcionado para o mercado latino e a turnê promocional por América do Sul, México e Espanha começa este mês com um show num festival em Acapulco, no México. Depois rolam mais trabalhos promocionais e eles ficam no bate-e-volta com a pátria-mãe.

O grupo não vai parar de se apresentar no Brasil. "Quase um ano depois da estréia agora é que o show está perfeito" explica Paula. E o público do Kid está renovadíssimo. "Tem uma garotada de 12, 13 anos que cresceu ouvindo Xuxa, descobriu o rock com os Mamonas e agora vai amarradona nos ver" teoriza ela. É impressionante: esses garotos estão fascinados" sublinha Bruno. Não é pra menos. É claro que não é só isso, mas ver aquela Paula toda alô ao vivo e em cores, malhadinha e com umas sainhas... **"Claro que é divertido [illegible] o público, mas é tudo brincadeira. Não temos reunião [illegible] diminuir o tamanho da minha saia.** Não tem raciocínio: tipo se ficar de biquíni vende 250 mil, de fio dental 400 mil, pelada 500 mil!" explica a vocalista. "A sedução também faz parte do showbiz. Tem gente que não explora esse lado porque acha que só deve usar a inteligência. Pô, é tudo a mesma coisa. A inteligência também passa pelo umbigo." George interfere: "Ih, Paula, essa aí vai sair grifada na revista." Ela ri e aproveita para falar do biquininho do clip de "Te Amo Pra Sempre", que deixou muito moleque em clima de besame mucho. "Biquíni? Para os padrões brasileiros, aquilo ali é terno e gravata! Essa música é meio gaiata, aquele astral tem tudo a ver..." Paula sabe das coisas: "Negui nho gosta é de vestidinho curto, né? Aí, nos shows, tira foto de cima pra baixo e fala: 'Olha a calcinha dela!'" Bruno e George se entreolham e o saxofonista não resiste: "Ela acha isso bobo..." Paula reage: "É so **uma calcinha pior seria se eu estivesse sem." George responde: "Mas, Paula, calcinha nao e um sueter, ne?** Ela se conforma, pero no mucho: "Não entendo: hoje tá todo mundo pelado e é só eu aparecer de biquíni na praia ou no encarte do disco e vira escândalo na crítica. O problema é que só tem homem no rock brasileiro e existem uns caras aí que estão mal acostumados." De qualquer jeito, hoje é raro ler algo ruim sobre o Kid.

"A cabeça dos críticos mudou muito", interfere Bruno. Ela retoma e arremata: "Acompanhei a lista que SHOWBIZZ promoveu dos vinte melhores discos do pop rock nacional e vi que deu o *Cabeça Dinossauro* dos Titãs. Esse disco agora é pop, né? Nos anos 80, a palavra pop era xingamento." Olé! Que venga el Mercosur, que venga España, que venga Mexico!

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

O Supergrass passou no teste do segundo disco

Palha acesa

Frank Zappa foi o primeiro a avisar, no título de um álbum, que a razão de tudo era o dinheiro. Já o Supergrass usa o mesmo slogan para desviar a atenção. Para eles, o público deve esquecer que este segundo álbum é também a hora da verdade, o momento que indica se o grupo tem futuro ou é fogo de palha.

O resultado mostra que o Supergrass amadureceu, o que basta para situá-lo no time de maiores vendedores de discos da Grã-Bretanha. Já se sabia que, como compositor, o guitarrista e vocalista Gaz Coombes tem momentos de Pete Townshend com gás hilariante. Ele já provou também que é capaz de cantar com o agudo histérico de um Billy Corgan. Mas o que ninguém esperava é que *In It For The Money* seria quase um compêndio de hits imaginários.

Todas as músicas do álbum têm estofo para brilhar em paradas de rádios rock e asseguram ao Supergrass o perfil de banda em sintonia com o espírito do momento. Como sempre, as músicas são curtas e tocadas em tempo acelerado. As quatro faixas de abertura – "In It For The Money", "Richard III", "Tonight" e "Late In The Day" – mostram que o grupo sabe fazer refrões que colam no ouvido.

No geral, os toques psicodélicos, os sons indianos e o punk pop de garagem do Supergrass evoluíram para um estilo mais glamouroso e comercial. Aqui e ali há instrumentos de cordas, de sopro, órgão sintetizador à la *Quadrophenia* (The Who) e vocais de apoio que lembram Beach Boys. "G Song", "Sun Hits The Sky", "Going Out" e qualquer outra composição do álbum atestam que, como compositor, Gaz Coombes nada deve a Noel Gallagher ou Jarvis Cocker. *In It For The Money* é um álbum genial de rock britânico tipo exportação. O Supergrass passou no teste do segundo disco. *Thomas Pappon*

LIVE
Secret Samadhi
Radioactive/Universal
R.E.M. clonado

• Fãs do R.E.M. podem celebrar. *Secret Samadhi*, o novo álbum do quarteto de Athens, retoma a fase de *Out Of Time*. O [illegible] de [illegible] e os arranjos esquisitos para [illegible] foco à melodia. A faixa de abertura, "Rattlesnake", mostra um Michael Stipe furioso cantando a plenos pulmões e moldurando a letra desesperada [illegible] de camadas de guitarras entrecruzadas, como só Peter Buck sabe fazer. Como? Este não é um disco do R.E.M.? Ora, [illegible] é um álbum do Live. Mas parece o R.E.M. de verdade. Tanto que o cantor Ed Kowalczyk está [illegible] de Michael Stipe – até no visual. Esclarecido isso, o álbum é legal [illegible]. E a faixa "Rattlesnake" é ótima. *[illegible] Menezes*

L7
The Beauty Process: Triple Platinum
Slash/PolyGram
Disco em forma de aborto

• Por volta de 1992, elas foram sensacionais. Grandes dentro de sua despretensão, explorando o drive emboscado Motorhead/Ramones [illegible] que [illegible] cervejadas e pau nos reaças.

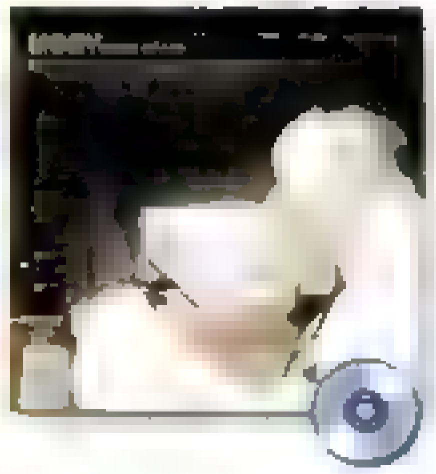
Hoje, Donita e suas mulheres de Neandertal parece [illegible]. Antes, elas tentavam se aventurar por canções de verdade. Não têm nem cacoete de melodistas. Tanto [illegible] a favor do aborto que acabaram fazendo um: este seu quarto álbum só [illegible] "Drama" cuja letra diz "Meu [illegible] azul, temos um drama" e parece falado a [illegible] de [illegible]. *Pedro Só*

VIRGULÓIDES?
Virgulóides
Excelente/PolyGram
Brasileiro até demais

• A herança deixada pelos Mamonas Assassinas é macabra. Uma banda que pregava a alegria e a baixaria desapareceu no auge do sucesso, deixando uma avenida para novos oportunistas. Os aspirantes a Mamonas vêm tentando abocanhar a fatia de consumidores famintos de duplos sentidos. O trio Virgulóides se destaca entre os concorrentes pelo tom dos sambas-rocks que produz em seu CD.

A banda se formou num bar do bairro de Cidade Dutra, São Paulo. A proposta dos Virgulóides é mais ampla do que [illegible] cantar rock, brincadeiras de escola e os palavrões dos Mamonas com a pornografia [illegible] ritmo do pagode estão lá [illegible]. O resultado é [illegible], o rock vem [illegible] com samba, as letras são divertidas e [illegible] se enraiza no folclore da periferia urbana paulista [illegible] sacanagem e humor negro.

O baterista Paulinho Juraci é [illegible] e consegue ainda se revezar no cavaquinho e no teclado. O cantor Henrique Lima parece um enxerto pagode [illegible] rock. Os temas são [illegible] sexo, samba, briga e morto, muito besteirol. Músicas como o hit "Bagulho No Bumba", [illegible] apreensão de drogas num ônibus, "Segunda-Feira", de sentido óbvio, e "Médico Safado", de um mau gosto alarmante, devem muito a Genival Lacerda e Martinho da Vila. Virgulóides é a [illegible] da brasileira além da conta. *Luís Antônio Giron*



MOBY
Animal Rights
WEA
Baleia na contramão

• [illegible] no sentido oposto à tendência que [illegible] [illegible] clubbers em [illegible] flertes com subgêneros dance, o maluco Moby vem nos atazanar agora com o desconcertante *Animal Rights*. Mas não se entregue aos bocejos diante [illegible] "Dead Sun" [illegible] dos evanescentes instrumentais à la Vangelis que encerram o CD. O que importa nesta [illegible] em que o ambíguo tecnostar americano deixa os teclados de lado para emparedar os tímpanos alheios debaixo de camadas de riffs cimentados e um escarcéu de bases rítmicas thrashcore/industriais. No mais, é esperar para ver de que modo os clubbers reagirão à releitura de "That's When I Reach For My Revolver", que o grupo Mission Of Burma legou ao mundo em 1981. Resposta que, provavelmente, será idêntica à provocada quando os alto-falantes despejarem nas pistas de dança o solo de guitarra [illegible] em "Face It", ou a massagem que o camarada inadvertidamente produziu em cima dos genes do Joy Division e do Ministry para forjar aquela aberração da natureza chamada "Say It's All Mine". *Arthur G. Couto Duarte*

SILVERCHAIR
Freak Show
Columbia/Sony Music
Imitação de má qualidade

• O rock atual pode ser dividido em dois grupos: os bons e os maus imitadores. Oasis e Bush lideram a primeira [illegible]. A segunda – que cresce a cada dia – inclui coisas como Live, Stone Temple Pilots e Silverchair.

Freak Show consegue ser ainda mais insuportável do que seu antecessor, o fraco *Frogstomp* (1995). Até quando os roqueiros vão exumar o cadáver do Nirvana? Me[illegible] em voz rouca crescendo para a explosão de guitarras no refrão e gritar continuamente. Cobain continua sendo o dono da fórmula, que não funciona quando privada de seu desespero pessoal. "Abuse Me", "Lie To Me", "[illegible] Roses": plágios descarados das clássicas "Rape Me", "Territorial Pissings" e "[illegible] Bloom") são apenas os casos mais gritantes. "Learn To Hate" e "Freak" servem para exacerbar as diferenças entre os dois grupos: os vocais de Daniel Johns são fraquíssimos e as guitarras parecem repetir eternamente o mesmo riff. Exceções: "Cemetery" e "Nobody Came", que parecem Metallica, e "Petrol & Chlorine", em que tentam soar psicodélicos. Vol[illegible] tem para [illegible]. *Marisa Adán Gil*

Entortadas à brasileira

Celebrado como o ritmo que vai ditar o verão de 98, o ska começa a ganhar atenção das gravadoras. A Excelente e a Paradoxx saíram na frente lançando, respectivamente, a banda carioca Acabou La Tequila e a coletânea *Ska Brasil*, que reúne, entre outros, Skuba, Skamoondongos e Boi Mamão, sob a produção de Clemente (Inocentes).

O Acabou La Tequila foi revelado no Super Demo, o mesmo festival em que brilharam talentos como Raimundos e Pato Fu. Pena que isso não se confirma no álbum de estréia dos caras. *Acabou La Tequila* passa longe do ritmo frenético do ska. Manda sons desencontrados, com baixo pulsando na hora errada e composições fracas. "Rita Cadillac" não reflete um décimo da importância da deusa sexual do Chacrinha e "Flaming Moe" (tirado de uma bebida famosa do seriado de televisão *Os Simpsons*) desce como uma tubaína de terceira. Exceção: os sons sacolejantes de "Eu Não Preciso De Ninguém Pra Ser Feliz".

Os curitibanos do Skuba, destaque da coletânea da Paradoxx

Ska Brasil tem uma receita mais inteligente. Tempera composições próprias das bandas ao lado de covers de Ultraje ("Eu Gosto É De Mulher"), Magazine ("Eu Sou Boy") e Paralamas ("Patrulha Noturna"). Dois talentos saltam aos olhos: a grossura lírica do Skuba (nas ótimas "Garota Regional" e "Tirado") e o mix de ska com maracatu do Skamoondongos. O restante garante umas boas umbigadas. *Sérgio Martins*

ACABOU LA TEQUILA
Excelente/PolyGram

Vários
SKA BRASIL
Paradoxx

Eficiência dançante

Tom Rowlands (esq.) e Ed Simmons: ... a "quinta entre os grandes" não é puro clichê

CHEMICAL BROTHERS
Dig Your Own Hole
Virgin Records

Reportagens recentes colocaram Tom Rowlands e Ed Simmons, do Chemical Brothers, nas alturas, chamando-os de gênios e profetas do pop. Com esse circo montado, será que você tem coragem de ouvir o novo álbum da dupla, *Dig You Own Hole*, e dizer que eles não tem nada de mais? Um conselho: é melhor não fazer isso, porque, de fato, eles são geniais.

Os Chemical Brothers são ótimos para fazer dançar. Uma vez que você aceita isso, tanto faz se o que eles oferecem tem um pouco de rock, ska, folk ou qualquer outra nuance. O que importa é que eles misturam tudo para conseguir o tal efeito de fazer mexer hipnoticamente. E, se depois disso você quiser discutir se o que e es fazem é rock, trip hop, *neo disco* ou "Block Rockin' Beats" (o novo single), o problema e seu.

Dois momentos de *Dig Your Own Hole* merecem menções honrosas. Primeiro, a transcendental "Where Do I Begin". De um vocal simplíssimo da neo folk Beth Orton, os Chemical Brothers desnorteiam qualquer expectativa e levam a música a um psicodelismo ainda não explorado. Em "Setting Sun" (ponta de Noel Gallagher, do Oasis) cítaras e sintetizadores se misturam num ritmo que, se George Harrison estivesse vivo musicalmente, morreria de inveja.

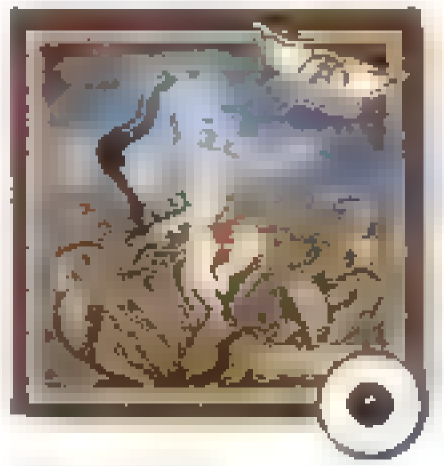
No que diz respeito à pista de dança, nada deve funcionar melhor em 1997 do que isso. O Aphex Twin ganha em modernidade. Mas Chemical Brothers é mais eficiente. Confie em seus pés. **Zeca Camargo**

JIMMY CLIFF
Higher And Higher
Island/PolyGram

Embaixador do reggae

• Não pague esse mico por Jimmy Cliff ... da era ska, a mãozinha para Marley na popularização do ritmo jamaicano no Brasil e no mundo, o apoio aos aspirantes a superstar, às publicações especializadas e aos pesquisadores do gênero – por tudo isso Jimmy Cliff é o embaixador do reggae. Mas aqui no Brasil, só aqui, se o cara come pra uma casa, aparece sempre e faz shows em palcos menores ... arroz-de-festa, carne de vaca ... atiada pelo jogo de palavras da crítica sem ... nem assim.

Daí que *Higher And Higher* periga ser tratado como disco ... Não é. Há releituras elaboradas de clássicos, como "You Can Get If You Really Want", "Many Rivers To Cross" e "I Can See Clearly Now". Há boas sacadas, como "Higher And Higher" (de Jackie Wilson, aqui produzida por Sly & Robbie), o embalo de "Ashe Music", o peso de "Crime" e "Bob Yu Did Yu Job" (para Marley, claro). A mancada é repetir, tal e qual, "Save Our Planet Earth", "Rebel In Me" e "The Harder They Come" ... das demais por um disco ... clichê. **Otávio Rodrigues**



AEROSMITH
Nine Lives
Columbia/Sony Music

Get A Grip 2, a missão

• Conheces *Get A Grip*? É um discão, obrigatório em qualquer coleção de rock que se preze. Foi o álbum que serviu, há três anos, para garantir ao Aerosmith um lugar no panteão pop dos anos 90, mesmo depois de mais de vinte anos de estrada. E *Get A Grip* ... músicas arrasadoras, que renderam um punhado de clips mais arrasadores ainda, como "Cryin'", "Amazing" e "Crazy" – que celebrizou as deusas Alicia Silverstone e Liv Tyler.

Se você ... não tem o disco ... para comprar. Se estiver em falta no estoque, não faz mal. Peça *Nine Lives*, o recém-lançado e muito aguardado novo trabalho do Aerosmith. É igualzinho. Está tudo lá: o vozeirão de Steve Tyler, a guitarra ... de Joe Perry, a percussão pesadíssima... Tudo mixado sem muita sutileza, mas está bom. O principal problema talvez seja a longa duração do álbum, com seus 71 minutos. *Rocks*, clássico da banda nos anos 70, tinha apenas 34 minutos e era o máximo. Tudo o que é demais cansa. Até o bom rock de macho do Aerosmith. **Thales de Menezes**

NICK CAVE
Boatman's Call
Mute/Paradoxx

Romantismo lúgubre

• Prestes a completar 40 anos, Nick Cave ascende de vez à condição de poeta máximo do romantismo lúgubre e da desesperança no rock, um híbrido de Elvis, Dylan e Flannery O'Connor (*Wise Blood*, ... americana ... falecida em 1964 que, de modo imperioso, vem cercando suas visões com arranjos musicais contrastantes. É o que vem à tona durante a audição de *The Boatman's Call*, coleção de singelas *love songs* em que ele e os Bad Seeds mostram-se sentimentais e nostálgicos, mas ainda assim, capazes de evocar sensações impregnadas por uma espécie de trágica violência.

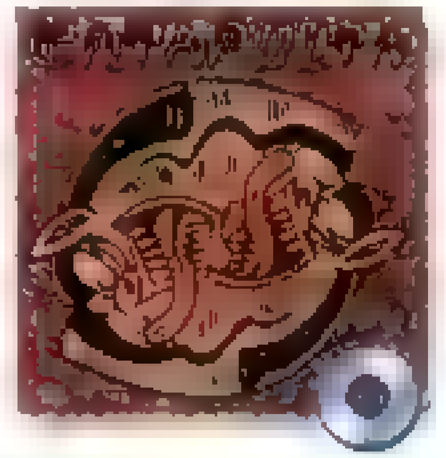
O lado misantropo de Cave para sem disfarces sobre a balada "People Ain't No Good". Em "Where Do We Go Now But Nowhere?" ele vem nos confrontar com imagens de ossos que se despedaçam como giz e um bolo recheado de cacos de vidro e navalhas. "Far From Me", que os Cowboy Junkies adorariam ter gravado, canta a perda da mulher amada em meio a constatações de impotência e perplexidade. O ponto alto do disco talvez seja o agônico blues "Idiot Prayer", em que Cave descreve, com herético senso de humor, as impressões de alguém conformado em aguardar a própria execução. **Arthur G. Couto Duarte**

DAFT PUNK
Homework
Virgin Records

Funk primal e primata

• Os DJs/músicos franceses Thomas Bangalter e Guy Manuel de Homem-Christo fizeram uma viagem ao passado com uma idéia na cabeça: compor as músicas que o Chic teria feito se pudesse inspirar-se na house e no tecno. Sua matéria-prima é o funk despido à essência: bateria bate-estaca e riff de baixo protuberante. O duo acrescenta ... samples, teclados e ruídos para transformar ... mos ... Eles estudaram a fundo o trabalho de seus mestres (a lista vai de Brian Wilson a Dr. Dre) e aprenderam a combinar texturas e melodias usando o mínimo de recursos.

Homework foi gravado em oito canais num estúdio caseiro. Os arranjos complicados deram lugar a idéias simples e pragmáticas. "Da Funk", por exemplo, tem um baixo de uma nota só, uma bateria que um chimpanzé poderia ter tocado, um tecla lo mongolóide e loops de sintetizador. Outros sons legais, como "Revolution 909", "Phoenix", "Fresh" e "Around The World", seguiram moldes semelhantes. Sintomaticamente, "Rollin' & Scratchin'", "Rock N Roll", "Burnin'" e "High Fidelity", as faixas que soam mais tecno, são as menos instigantes. O "novo", em *Homework*, está no resgate artificial de sons, cheiros e sabores e no espírito alto-astral do passado da dance music. E os franceses provaram uma teoria maluca: a de que funk hoje é possível, mesmo sem uma única guitarra. **Thomas Pappon**



CATAPULTA
Catapulta
Original/Roadrunner

Falta de conteúdo

• O disco de estréia do trio baiano Catapulta (Moisés, Markus Kiêta e Bué), produzido pelo brôdi Carlos Eduardo Miranda, tem percussões do balaco, guitarras ferozes, melodias grudentas e punch, muito punch. A turma teen vai adorar bater a cabeça e se esbaldar no *stage diving* ouvindo porradas como "Puêra" ("Não vô deixá entrá puêra ... de refrão ... e solos de berimbau e "Cabeça De Vento", uma tempestade sônica com percussão de primeira e vocais melódicos. O crossover hardcore/regionalismo não é mais novidade – a mistura é definitivamente marca registrada do rock brazuca safra 90 – mas é bem executado. A repetição que incomoda é a de versos como "Menina, me dá ... seu ... Deixêu cair ... seu ... O meu coração é pequeno/ Mas não se preocupe que meu pau é bem maior" (em "Tãi Do Mê"). A pobreza de conteúdo está ficando insuportável. **Marcelo Ferla**

SOCIAL DISTORTION
White Light White Heat White Trash
Columbia/Sony Music

Punk maduro

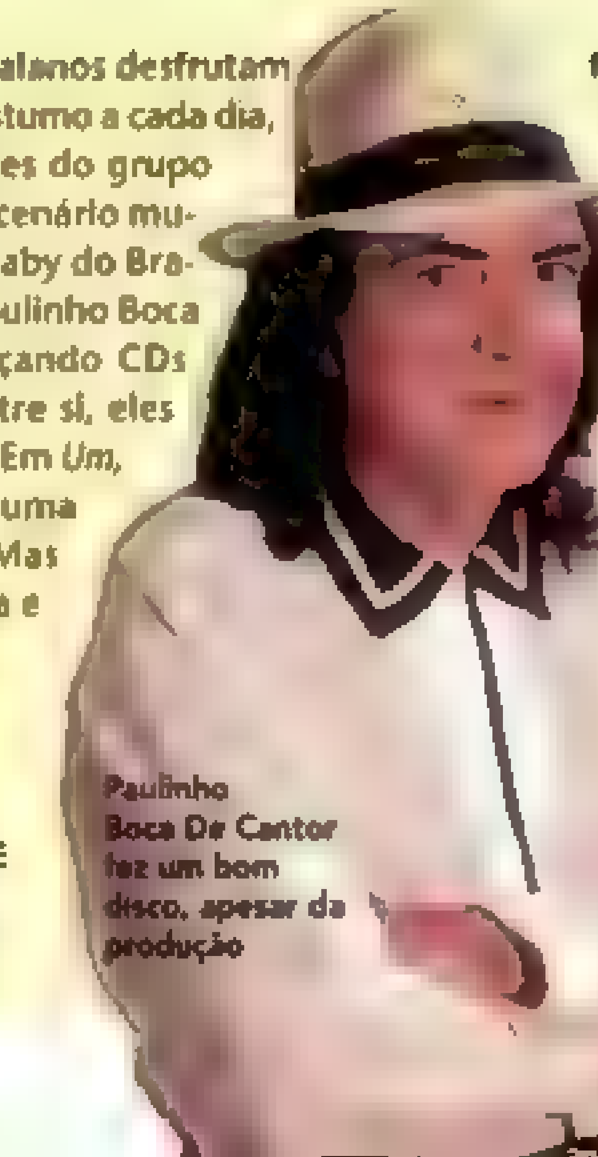
• O Social Distortion surgiu em 1979, na periferia de Los Angeles. Seu primeiro disco, *Mommy's Little Monster*, de 1983, foi uma das cartilhas do punk milionário de Green Day e Offspring. Este *White Light* é apenas o quinto disco do grupo, cuja carreira teve altos e baixos. A maior parte deles por conta do vocalista e guitarrista Mike Ness, que injetava heroína, cadeia, álcool e muita porradaria em sua vida. Hoje ele deixou de lado as influências country que marcaram *Prison Bound*, de 1988, e *Somewhere Between Heaven And Hell*, de 1992, e sentou o pau. O Social em 1997 é mais vigoroso do que o punk atual. Ness não tem medo de falar de amor e vai mais fundo do que os revoltad ... que influenciou. "I Was Wrong" é punk maduro, autocrítico. "When The Angels Sing" fala de presidiários e junkies: "Seja forte, sinta a dor quando os anjos cantam". Punk de sujeito homem. **Pedro Só**

Baianos redivivos

Enquanto os Novos Baianos desfrutam mais e mais prestígio póstumo a cada dia, alguns dos ex-integrantes do grupo ensaiam seu retorno ao cenário musical. Agora é a vez do Baby do Brasil (ex-Consuelo) e de Paulinho Boca de Cantor. Embora lançando CDs totalmente distintos entre si, eles permitem comparações. Em *Um*, Baby mostra que tem uma voz das mais originais. Mas deu de ficar moderninha e fez dance music à brasileira, somando sintetizadores bate-estaca a berimbau e percussão, em boa produção às vezes desperdiçada em rap-do-crioulo-doido. Baby teria concebido o álbum do ano se realizasse o que Paulinho fez em *Todos Os Sambas* – um trabalho dedicado à história do samba, passando por Ataulfo Alves, Cartola, Zé Keti e Novos Baianos (inclusive uma inédita com Moraes Moreira, "Samba Dos Novos Baianos"). Pena que a produção tenha revestido composições irrepreensíveis, com coros desmodulados e o repertório inclua um pagodão em concessão à gravadora popular. **Pedro Alexandre Sanches**

BABY DO BRASIL
Um
BMG Brasil

PAULINHO BOCA DE CANTOR
Todos Os Sambas
RGE


Paulinho Boca De Cantor fez um bom disco, apesar da produção

As irmãs Nina e Louise comandam o rock "de macho" do Veruca Salt

Rock das Aranha

Bandas de garotas são cult para muito moleque por aí. Ver uma tremenda gatinha berrando e tocando guitarra com cara de malvado mexe com a libido do sujeito. Antes dos anos 90, pioneiras como Suzi Quatro e Chrissie Hynde enfrentavam a barreira machista do rock. Atualmente, o difícil é achar uma banda que não tenha pelo menos uma menina em sua formação. Tudo isso está dito aqui para que ninguém pense que o Veruca Salt será a sensação da temporada apenas pela presença das guitarristas e vocalistas Nina Gordon e Louise Post. Veruca Salt é, definitivamente, uma grande banda de rock'n'roll. Letras espertas, muralhas de guitarras pesadas e muita gritaria para fã do Nirvana nenhum colocar defeito. O que já era bom no álbum anterior da banda ficou ainda melhor. Um grande responsável por essa façanha é o produtor Bob Rock. Não é à toa que o cara pôs a mão em alguns dos álbuns mais bem-sucedidos dos últimos tempos (*Slippery When Wet*, do Bon Jovi, o disco preto do Metallica etc). Seria idiota dizer que Bob Rock mudou o som do Veruca. Tudo que a banda já mostrava nos shows em 1993 está nesse trabalho, gravado com muito pique. "Volcano Girls", o primeiro single, é forte candidata a música do ano. Mas cada ouvinte pode escolher sua favorita neste álbum, que soa como um *greatest hits*. Destaque para a descolada "With David Bowie", na qual Nina e Louise declaram seu amor e tesão pelo camaleão. Veruca Salt é melhor do que Elastica, Hole e Belly juntos. Ah, o grupo também tem dois garotos competentes no baixo e na bateria. Mas você só precisa prestar atenção em Nina e Louise.

Thales de Menezes

ASH
Live At The Wireless
Death Star
Pirata que satisfaz

• Disco pirata tornou-se artefato que até as bandas estão entrando nessa. O Ash se prevalece desse estado de uma rádio australiana os principais hits do álbum anterior, *1977*, lançado há menos de um ano: "Goldfinger", "Kung Fu", "Girl From Mars", "Darkside Lightside" e "I'd Give You Anything". Se esses três hits não são vontade de fazer tudo diferente ou desejo incontrolável de quebrar algum estereótipo, mas é esforço possível de quem parece ser mais acessível. Mas também Gary Glitter e T.Rex que emplacaram não são medalhões a serem perdidos num single lançado no final do ano passado. Se a primeira se encaixa perfeitamente naquilo que se classifica – não sem ironia – como *Noelrock* depois de Noel Gallagher, "T.Rex" é uma ótima amostra do pop-punk do Ash. Fora isso, em "Petrol", rock setentão do primeiro disco da banda *Trailer* e "A Clear Invitation To The Dance" uma prada psicodélica. Tudo tão previsível que a única surpresa do disco é uma cover de "What Deniger Was Talking About" do Ween.

Fernando Luna

DODGY
Free Peace Sweet
London/PolyGram
Jovens tardes de domingo

• Pelo menos a guerra entre Blur e Oasis tem em comum tanto Noel Gallagher quanto Damon Albarn se declararam fãs do Dodgy. Duas teses: *Free Peace Sweet* é o terceiro disco da banda formada em 1991 e entenda por quê. É inegável a qualidade rock melódico dos anos 60 para os 90. Um prato cheio para os nostálgicos. Nigel Clark (vocais e baixo), Andy Miller (guitarra) e Mathew Priest (teclados) rabiscam com seus esfuziantes arranjos nos veteranos Kinks, The Who e The Beatles. Nas entrelinhas, desencantados toques existencialistas e/ou psicodélicos, além de vocais soul aqui e ali.

A melhor faixa é "Am I Not Looking", Asking", com sua mescla de ritmos e efeitos que chega a lembrar Beck. Outros destaques ficam para as baladas ("One Of These Things", "If You're Thinking Of Me").

Há ainda a euforia de "In A Room" e "Trust In Time", com momentos simplesmente geniais. Um pouco abaixo estão "Good Enough" – a balada da banda na Inglaterra – e "Jack The Lad". Para ouvir nas segundas-feiras.

Marina Abreu Gil

KORN
Life Is Peachy
Columbia/Sony Music
Um pau atrás do outro

• Endeusado pela crítica e pelo público após o lançamento de seu álbum de estreia em 1994, o Korn estabelece relação segundo disco. Na banda, Head (guitarra), Munky (guitarra), Fieldy (baixo), David Silveria (bateria) e Jonathan Davis (vocais) apresentam-se em *Life Is Peachy* com letras completamente [illegible]

CAKE
Fashion Nugget
Capricorn/PolyGram
Desleixados batem bolão

• Roupas e caras do tipo "pego a mesma calça jeans do meu irmão" e instrumentistas [illegible] bom, e do tipo "pego a que é bem ruim), os cinco integrantes do Cake não se levam a sério – e isso é louvável. Dentro do gênero mal gravado-com-estilo-e-vocais-falsetes-e-um-jornalista-chamado-o-grupo-fez um segundo álbum bem interessante. A começar por dois acústicos covers malucos: o hino hollywoodiano "I Will Survive" e o bolero "Perhaps, Perhaps, Perhaps", que antes de ser tocado por Doris Day chamava-se "Quizás, Quizás, Quizás", e "Sad Sad Waltz". [illegible]

O Cake fica sólido quando tenta o hip hop à la Beck mas cresce fazendo paródias de country e canções spaghetti com letras esquisitamente inteligentes ("Frank Sinatra sabe o que é [illegible] e outras esquisitices). O saldo é positivo. Melhores faixas: "Friend's A Four Letter Word" e "Italian Leather Sofa".

Pedro Só

NENHUM DE NÓS
Mundo Diabo
Velas
Mercosul musical

• [illegible] sobrou para os gaúchos do Nenhum De Nós a bandeira da integração: o Mercosul musical. Se os tambores de Carlinhos Brown apontam para a África e as idéias do recentemente falecido Chico Science voltavam para a sua [illegible] da *Grooveletrônica Da Fome* de Josué de Castro – o Nenhum De Nós fala da linha que separa o português ao espanhol, começando pelo título (*Mundo Diabo*), passando pelas composições ("E Tubidero" e [illegible] tratando com o [illegible] [illegible] Paço Alto, Plaza Mayor [illegible] disco do Nenhum De Nós que mais se afasta do rock mesclando a guitarra de Edu Krieger com [illegible] de João Vicente, abrindo espaço para [illegible] e sucesso imediato, como o fenômeno "Camila, Camila", do final dos anos 80.

Marcio Pinheiro

PAULO MOURA & OS OITO BATUTAS
Pixinguinha
Velas
Homenagem deliciosa

• [illegible] [illegible] [illegible]

Descida ao inferno

VÁRIOS
Lost Highway
Interscope/Universal Music

Lost Highway não é apenas a trilha sonora do último filme de David Lynch, mas um convite para uma descida ao inferno interior – aquela região sombria e ignota de onde invariavelmente escapam nossos pesadelos, nossas mais inconfessáveis aspirações. É de lá, por exemplo, que seu produtor deve ter arrancado a fórceps a inspiração para emoldurar a lânguida bossa "Insensatez" de Tom Jobim, entre um par de canções de [illegible] Marilyn Manson ("Apple Of Sodom") e Barry Adamson ("Something Wicked This Way Comes"). Outras demonstrações de arte insana estão no *dub-bump-jazz*, de Angelo Badalamenti, nas punições/sevícias atreladas ao *nazi-thrash*, da obscura banda alemã Rammstein, e nas transcrições que Lou Reed e Manson operaram em cima de "This Magic Moment" (de Doc Pomus) e "I Put A Spell On You" (do bluesman Screamin' Jay Hawkins), respectivamente. Se essas [illegible] playe[illegible] eletronicamente [illegible] em "Videodrom[illegible] a tal "The Perfect Dru[illegible] do qual o Nine Inch [illegible] Bukem é Metalhead[illegible] O prazer é garantid[illegible]

HENRIQUE ANNES & OFICINA DE CORDAS DE PERNAMBUCO
Henrique Annes & Oficina de Cordas de Pernambuco
Kuarup Discos
Anos-luz do mangue

Vem do Recife [illegible] um [illegible] gêneros. Das [illegible] Meireles [illegible] marcado [illegible] e absolutamente [illegible] Oficina de Cordas de Pernambuco [illegible] passado [illegible] Chico Science [illegible] Nação Zumbi. Eis mais [illegible] monstrar [illegible] adjetivo que Antônio Nóbrega gosta de associar a seus trabalhos. *A Pedra do Reino*, [illegible] do [illegible] do compositor [illegible] viola [illegible] de um [illegible]

O violonista Henrique Annes, professor do Conservatório Pernambucano há quase três décadas, conduz seu repertório por clássicos como "Manhã De Carnaval", de Antonio Maria e Luiz Bonfá, e Gostosão, de Nelson Ferreira. Em [illegible] nível pernambucano [illegible] como os de Pessoa de Melo, Cesara Moreno, Sivuca, Antônio Carlos Nóbrega e [illegible] Para completar, o próprio Henrique Annes [illegible]

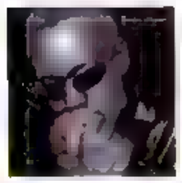
Priscila Soa

VÁRIOS
Grace Of My Heart
Universal Music
Velharia de cara nova

Grace Of My Heart [illegible] escrito pelos irmãos Mark Dinning, John Hartford e Eric Stultz retrata, popularmente, a nova [illegible] Uma [illegible] de um prédio de Nova York chamado Brill Building, lar dos compositores de [illegible] que surgiam [illegible] A casa teve [illegible] ter os [illegible] Carole King e seu marido Gerry Goffin e [illegible] Paul Simon. Todos [illegible] Da [illegible] Destas [illegible] que em *The Wonders – O Sonho Não Acabou* [illegible] Oscar de melhor canção. Os produtores de *Grace Of My Heart* [illegible] por estas pastilhas em vez de [illegible] que realmente existiram [illegible] Aretha [illegible] Dusty Springfield [illegible] com os Walker Brothers [illegible] Everly Brothers [illegible] artistas [illegible] as quarenta [illegible] Reed [illegible] Stevie Wonder [illegible] cinco [illegible] tempos [illegible] por diante.

A produção [illegible] passadas. O [illegible] Moss [illegible] Jr. [illegible] Bassam [illegible] [illegible] recebeu [illegible] Take a Ride At [illegible] Sax [illegible] que poderia ser uma excelente parceria de surf music. A banda [illegible] Beerweed Two Weasels [illegible] com Stevie Cochran [illegible] Para compensar esses erros [illegible] Pandora com a [illegible] Soa Goo Goo Muck Strength [illegible] Jessica de [illegible] Bachbachbach, que merecem uma [illegible] Nas [illegible] do primeiro álbum [illegible] Bass Drive [illegible] Mr. [illegible] Bassam [illegible] de Eric Clapton [illegible] Carmen [illegible] Os Mysterians [illegible] que recebeu [illegible] Oscar pelo [illegible] de Tarantino. [illegible] [illegible] [illegible]

RÁPIDO & rasteiro



Apesar de surgirem novos artistas a todo instante, os velhinhos do pop ressurgem para mostrar que ainda estão vivos. O mais badalados do momento são os **BEE GEES**, que estão recebendo todo tipo de prêmio e ainda ganham elogio de quem nunca se dignou a ouvi-los. Os irmãos Gibb estão lançando **Still Waters** (Mercury/PolyGram), uma digna coleção de baladas e balanços. Nada genial, mas mostra que o trio não perdeu o toque nas melodia. Isso sem contar as harmonias vocais, mais precisas do que nunca. Por falar em vocalizações, os **BEACH BOYS** inventaram de cantar música country. Em **Stars And Stripes** (Universal Music), os vovôs da praia acompanham vários artistas da música caipira, como Willie Nelson e Sawyer Brown. O repertório é calcado em clássicos dos anos 60, entre eles as pérolas "The Warmth Of The Sun" e "I Get Around". Só mesmo para colecionadores ou curiosos. Outra lenda sessentista que ainda tem muitos seguidores é **THE MONKEES**, que estão comemorando trinta anos da estréia do seriado que tinham na TV americana. Além de turnês e especiais no horário nobre, o quarteto solta **Justus** (Paradoxx). A produção modernha não disfarça que essas músicas tem gosto de anos 60. Um dos pontos alto do CD é a regravação de "Circle Sky", uma das músicas mais fortes do grupo e que saiu originalmente na trilha do filme *Head*, de 1968. Bela tora é o novo disco de **LUTHER VANDROSS**, chamado "Your Secret Love" (Epic/ Sony Music). O cara se atola na baba e nem regravações de músicas impossíveis de serem estragadas (como "Going Out Of My Head", de Little Anthony), ou participações especiais (Deidra "Spin", do Salt'N'Peppa) livram a reputação do moço. Quem saiu literalmente da tumba foi **KAREN CARPENTER**, que com seu mano Richard fez parte da dupla romântica mais bem- sucedida dos anos 70. Depois de sua morte, em 1983, os fãs da cantora viviam clamando por material inédito. **Karen Carpenter** (Polygram) foi um projeto que ela começou em 1979, mas nunca viu à luz do dia. Apesar de pouco comercial, o disco tem bom momentos, como uma versão impecável para "Still Crazy After All These Years", de Paul Simon.

Pedro Cavalcanti

Bolsa de discos

		Claudio L. de Souza	Eduro Lisboa Garcia	Marcelo Faria	Marcelo Froes	Pedro A. Sanches	Pedro So	Sergio Martins	Tatola	Tonimho Rapacchio	Zeca Camargo
8.1	U2 Pop Island/Polygram	9	7	8	7	8	8	9	9	9	9
7.0	MARIANNE FAITHFULL 20th Century Blues RCA/BMG Brasil	•	8	•	8	8	6	8	•	8	7
6.6	THE FREEWEELERS Waitin' For George Americana/EMI Brasil	•	•	•	9	5	7	7	4	8	•
6.1	PAT BOONE No Moore Mr. Nice Guy Hip Records/Lumiere	•	4	•	5	•	8	9	6	5	•
5.6	OFFSPRING Ixnay On The Hombre Columbia/Sony Music	5	5	6	9	2	7	4	8	7	3
5.4	GUINGA Chaos Og Ordem Iglu	7	7	•	6	6	•	7	0	5	5
4.8	BOND MELODY Mico Capitol/EMI Music	6	•	•	8	•	3	0	7	6	4
4.4	CORAÇÃO TRIBAL [illegible] Virgin Records	0	4	4	7	3	6	4	•	6	6
3.7	BABYFACE The Day Columbia/Sony Music	•	4	5	7	4	1	2	3	•	4
3.5	THE PRESIDENTS OF USA II Columbia/Sony Music	0	5	6	8	2	5	0	2	•	4

O pé funciona.

Feet You Wear

A tecnologia "Feet You Wear" adidas copiou o sistema de amortecimento da sola do pé. A entresola macia garante maior sensibilidade e amortece impactos onde o pé necessita.

A tecnologia "Feet You Wear" adidas copiou a aderência natural do pé, o que garante maior agilidade, velocidade e segurança em qualquer superfície.

A tecnologia "Feet You Wear" adidas copiou o arco do pé que permite movimentos independentes entre as partes traseira e dianteira e garante maior suporte e estabilidade.

A tecnologia "Feet You Wear" adidas copiou o funcionamento dos ligamentos tendões e músculos do pé, que atuam juntos realizando movimentos lineares, verticais e laterais.

A gente apenas copiou.

www.adidas.com

adidas

the brand with the three stripes

CORPO ESCALDADO, ALMA LAVADA

Reverendo do soul, Al Green concilia cantos espirituais com músicas de temática sexual

Último dos grandes cantores da soul music, talvez o melhor dotado tecnicamente, o reverendo AL GREEN equilibra suas interpretações entre o desejo carnal e o amor espiritual. Ninguém sublima essa te(n)são de modo tão... sublime. É só checar clássicos elevados como "Here I Am (Come And Take Me)" e "Take Me To The River". Ou barroquismos diretos como "Belle": "É você quem eu quero, mas é d'Ele que eu preciso." Não há falsete mais natural e suave do que o desse iluminado neguinho nascido há 51 anos no Arkansas. E chegou a hora de correr a sacolinha. O irmão que contribuir com algo em torno de 80 reais leva ANTHOLOGY (Hi Records), caixa importada com quatro CDs e um livreto de 64 páginas. Alma lavada ou o dinheiro de volta: os grandes sucessos, o filé de seus melhores álbuns (o que exclui quase tudo da fase gospel que o engoliu – no bom sentido – a partir dos anos 80), faixas inéditas, raridades, versões ao vivo de concertos para a TV, trechos do filme *Gospel According To Al Green*, tá tudo aí.

O rapaz chegou com categoria, como mostra a estreia "Back Up Train" (1967). Mas só foi aprender a esticar a voz e parar de emular o soulman Otis Redding depois que encontrou o produtor Willie Mitchell, da Hi Records, em Memphis. Já num dos primeiros contatos da dupla, Al se apossa de "I Wanna Hold Your Hand", dos Beatles, tripudiando nas divisões. "Yeah, we got the feeling now!", comemora ele, antes de uma antológica gravação ao vivo no estúdio.

A banda reunida por Willie para acompanhar o soul tardio/setentista de Al Green é histórica e merece ser parcialmente escalada: Teenie Hodges (guitarra), Leroy Hodges (baixo), Charles Hodges (teclados) e Howard Grimes ou Al Jackson (bateria). Os arranjos sempre abriam espaços para a voz se esparramar, majestosa e, por vezes, acompanhada de belas cordas que o saxofonista James Mitchell (hoje vigia noturno, veja só que crime!) ajambrava. Nos vocais de apoio, um anticlichê: as alvíssimas Donna e Sandy Rhodes e o louro saxofonista Charlie Chalmers, que foi chamado para engrossar o caldo em "Tired Of Being Alone" e acabou ficando para todos os sucessos posteriores.

Quando Al canta, o amor está no ar: Charlie e Sandy, por exemplo, se enrabicharam e são casados até hoje. O livreto compensa uma diagramação confusa com informações como essa. E o repertório da caixa concilia a sofisticação de "Always", balada que parece um standard, com incursões *disco* e funks sacudidões.

Al ficou literalmente escaldado pela vida depois que, em fins de 1974, recusou uma proposta de casamento da namorada Mary Woodson. A louca jogou cereal fervendo nele e matou-se em seguida. Dois anos depois, Al virava pastor e, depois de um acidente no palco, em 1979, abandonou o pop para se dedicar à música de louvor. Hoje o reverendo reviu a posição: gravou um maravilhoso disco pop em 1993 e, nos shows, repete o banho de alegria da versão de dez minutos do sucesso "Love And Happiness" incluída aqui. *Pedro Só*

Santa e trupe incendeiam a Woodstock nation em CD ao vivo

FERVURA MÁXIMA

O SANTANA sempre foi a [illegible] do rock. Ao plasmar os [illegible]cionais ritmos negros da Amér[illegible]a (rumba, salsa, merengue, etc) aos [illegible]rtifícios elétricos da música pop, ele [illegible]eve uma fusão única, pessoal e [illegible]nsferível. É o que se encontra na [illegible]pedição Live At The Fillmore '68' [illegible]mbia), um CD duplo em que o [illegible]em guitarrista chicano – então com 21 anos – lançava as bases do repertório que, um ano depois, faria a *Woodstock nation* remexer os quadris e se entregar ao transe.

Registrada ao longo de quatro noites consecutivas (de 19 a 21 de dezembro de 1968), na lendária casa de shows Fillmore East, a gravação traz um *line up* embrionário e a cozinha sustentada por Michael Carabello e Jose Chepito Areas. De todo modo, a Santana Blues Band já agitava tórridas jams – vide o frenesi rítmico de "Fried Neckbones" e os trinta minutos (!!) de total improviso que resultaram em "Freeway". Outros momentos desconcertantes do álbum: o bluesaço "As The Years Go Passin' By", de Albert King, e os riffs espiralados de "Persuasion", cuja versão mostra de que maneira o estilo de Santana conectou-se ao som ácido de Country Joe & The Fish e a outras formações da psicodelica São Francisco.

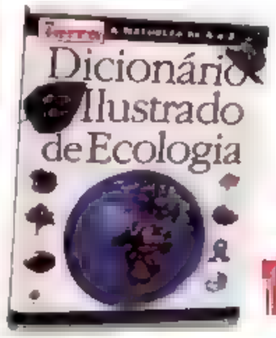
Arthur G. Couto Duarte

A NATUREZA DE A A Z GRÁTIS, EM FASCÍCULOS.

A cada edição da revista TERRA, um novo fascículo GRÁTIS para você colecionar.

A capa dura para você [illegible] bancas por apenas R$5,90

A revista TERRA está lançando seu *Dicionário Ilustrado de Ecologia*, uma obra exclusiva, que aborda os principais temas do nosso meio ambiente em 12 fascículos. São 192 páginas, com mais de 500 verbetes recentemente ilustrados. Preparado pela própria equipe que faz a revista TERRA, o *Dicionário* é indispensável para estudantes, professores e todos os que querem ficar por dentro da mais nova ciência do planeta: a da preservação do nosso próprio mundo.



Não perca o 1º fascículo junto com sua revista TERRA desse mês.

REVISTA Terra

A SUA LOJA DE CDS NA INTERNET

Entregamos para todo o Brasil

Lançamentos Nacionais, Importados, Raridades, e CD singles

CD EXPRESS
www.cdexpress.com.br

CD's • VHS LD's

SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO

LONDON CALLING

RARIDADES DE:
• U2 • DURAN • PURPLE • • MADONNA • DEPECHE • • PET SHOP • BLUR •
E TODOS OS ESTILOS

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

ENVIAMOS PARA TODO PAIS. ACEITAMOS CARTÃO

TEL-FAX: (011) 223-5300

RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

Quem se espanta com a postura elogiosa do Planet Hemp em relaçao à maconha é porque não entende nada de musica jamaicana. Erva sagrada (segundo os rastas), com fortes propriedades medicinais (para alguns entendidos) e um incenso poderoso, a maconha é a materia-prima da coletanea **Big Blunts 2 – More Smokin' Reggae Hits** (Tommy Boy/WEA), que brotou nas lojas. A seleção passa a bola para os DJs, essa rapaziada insolente que hoje manda na terra de Bob Marley. Temos a ladainha esperta de **BOUNTY KILLER** ("Eyes A Bleed"); as intervenções de **BEENIE MAN** para "Under Mi Sensi" e o coisa-nossa **PATO BANTON** em "Don't Sniff Coke". Mas é velha-guarda quem traga com sabedoria e expira bagulhos de boa safra, como "Police In A Helicopter" (do canario **JOHN HOLT**) e "Ganja Smugglind" (EEK-A-MOUSE). *Big Blunts 2* tem apenas um efeito colateral. a larica o fará pedir pelo terce ro volume da coletânea, que deve desembarcar nos próximos meses

Sergio Martins

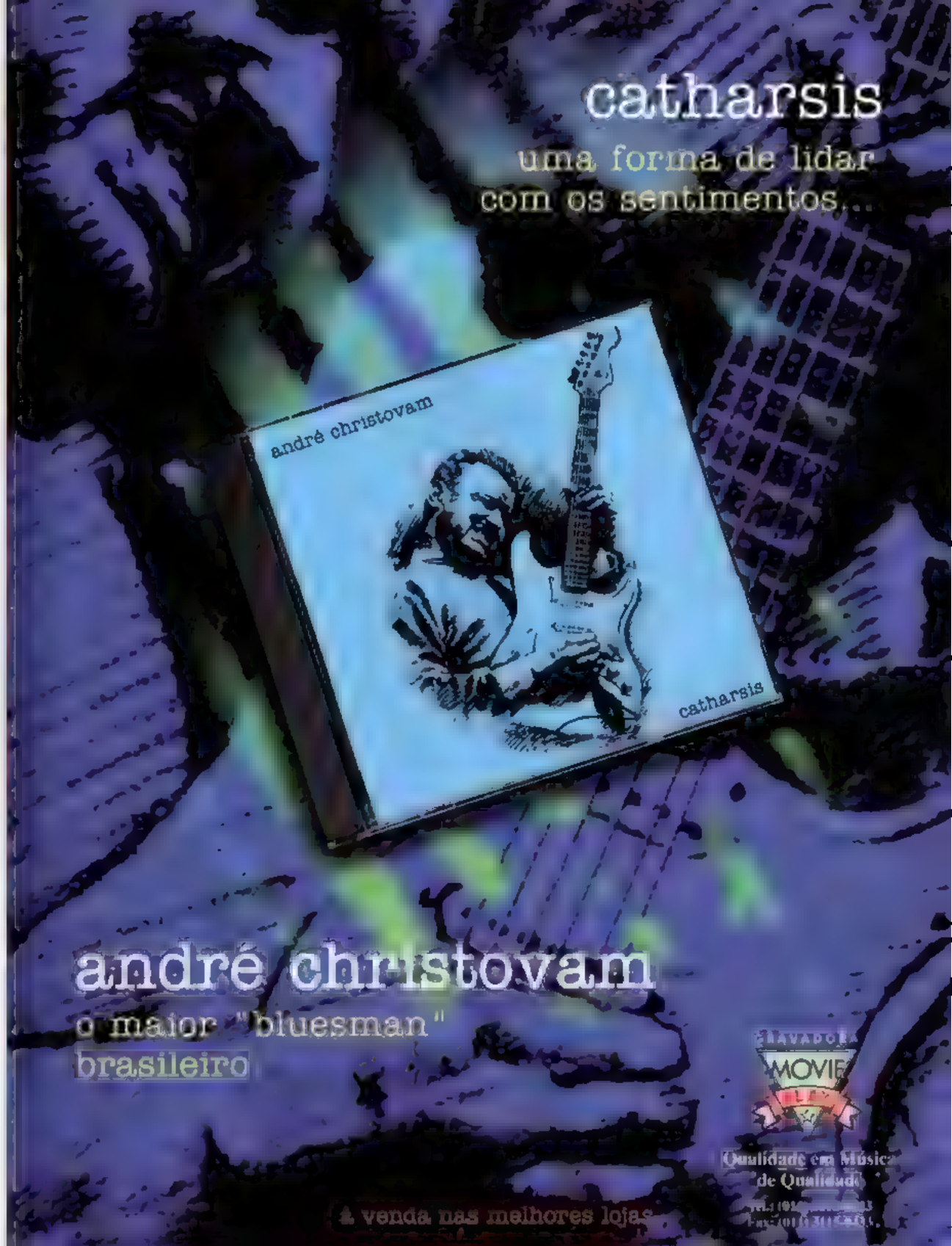
Patrimônio cubano

Falar de musica cubana e falar de **BENY MORE**. Ele é desses artistas que forjam a identidade musical de um país, como são Ary Barroso e Dorival Caymmi. Pena que sua musica tenha sido banida pelo governo de Fidel.

Bartolomé Maximiliano Moré (1919-1963) inventava a melodia em cima do ritmo. A frente de sua Banda Gigante, por ele criada em 1952, conheceu sua melhor fase arranjando as proprias canções, sem ler partituras, de forma intuitiva, cantando o som de cada instrumento. Regia de costas, aos requebros e urros. De repente, virava-se e pedia, no momento exato, a batida do macho, tambor menor das congas. Inesquecivel para quem viu e ouviu. Apesar da precariedade de algumas gravações, **Beny More De Verdad** (Velas) dá uma ideia do que este ex-cortador de cana nos engenhos de Santa Isabel De Las Lajas era capaz de fazer. Salsa!

Alvaro Da Costa E Silva

M. SHOWBIZZ



Podreira pré-histórica

Eles não tocavam nada. Reg Presley, o cantor, tinha o timbre da Dercy Gonçalves. Mesmo assim, marcaram mais do que grupos da mesma época que preferiam abordar temas sérios em suas letras. Estou falando do quarteto inglês **THE TROGGS**, que agora tem todos os discos de seu período áureo relançados pelo selo inglês Beat Goes On. Até o momento já saíram os clássicos **From Nowhere...**, **Trogglodynamite**, **Mixed Bag** e **Celophane**.

O primeiro álbum é *From Nowhere...*, lançado em janeiro de 1966. Ele traz petardos como a clássica "Wild Thing", "I Just Sing" e "Evil". Em seu trabalho posterior, *Trogglodynamite*, o grupo não abandonou o estilo rústico, mas deu para fazer experiências musicais. A lúgubre "Cousin Jane", por exemplo, falava sobre incesto.

Depois disso o Troggs teve outro grande hit, que foi a balada "Love Is Around" (regravada pelo Wet Wet Wet para a trilha de *Quatro Casamentos E Um Funeral*). Foi o carro-chefe do disco *Celophane*, de 1968. A esta altura a formação original do grupo começava a degringolar, mas ainda teve força para lançar *Mixed Bag*, cujos destaques são o *bubblegum* "Hip Hip Hooray" e a psicodélica "Maybe The Madman". O grupo se separou, voltou e até hoje está por aí detonando suas "coisinhas loucas" – que podem ser devoradas nesses relançamentos essenciais. *Paulo Cavalcanti*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, Tel. (011) 867-3000, Fax (011) 867-3300, São Paulo - SP.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231, sala 2503, Castelo, Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Caixa Postal 4818, Tel. (021) 532-0313, Fax (021) 532-1486, 532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda., SDS Ed. Venâncio III, sala 292 - CEP 70300, Brasília/DF, Tel. (061) 321-0305, Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press Com. e Representações Ltda., Rua Antonio Cesarino, 967, CEP 13015-291, Campinas/SP, Tel./Fax (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação, Rua Edgar Borges, 18, sala 103, CEP 60060-000, Fortaleza/CE, Tel. (085) 254-1666, Fax (085) 231-4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Ltda., Av. Getúlio Vargas, 3030, sala 1101, Ed. Wall Street, CEP 30110-907, Belo Horizonte/MG, Tel. e Fax (031) 335-8789
Paraná: M L C - Representações Comerciais, R. Cândido de Abreu, 526, cj. 804, Bloco B, CEP 80530-905, Curitiba/PR, Tel. (041) 253-4048, Fax (041) 252-2644
Rio de Janeiro: Segmento Editora, SP, Rua [illegible], Av. Marechal Câmara, 160, 9º andar, sala 929, CEP 20020-080, Telefax (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul, Av. da Azenha, 1502, cj. 208, CEP 90060, Porto Alegre/RS, Tel. (0511) 223-9528, Fax (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza, Rua Dr. Alfredo Daura Jorge 9 - Cond. Village II, Florianópolis/SC, Tel./Fax (048) 232-0519
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda., Rua Fábio Rusch, 42-A, Bento Ferreira, Espírito Santo, Telefax (027) 324-1174

Enjoy it

O pretão que ainda satisfaz

O charme insuperável do vinil em bolachas que permanecem inéditas no formato CD

NOVOS BAIANOS
Novos Baianos F.C.
Sucessor do essencial Acabou Chorare, este disco traz os baianos arrebentando em faixas instrumentais e mandando o clássico "Com Qualquer Dois Mil Réis"
R$ 20

RAUL SEIXAS
Eu Raul Seixas
Rock-astro de um show de 1982, foi lançado pelo fã-clube do cantor. Raro, porem, com péssima qualidade técnica
R$ 35

JOHN LENNON & YOKO ONO
Two Virgins
Disco experimental de 1968 época em que John e Yoko não saiam da cama nem para gravar. So ruídos e gritaria para o deleite de beatlemaniacos mais fanáticos
R$ 50

ROLLING STONES
American Tour 81
É o disco Still Life numa versão ranssima e cheio de faixas e mais. São três vinis e um encarte luxuoso, com a banda detonando seus maiores hinos.
R$ 40

ONDE ACHAR

São Paulo
Nuvem Nove – (011) 820-7051
Baratos A'una (011) [illegible]
Sebo Red Star – (011) 881-8497/881-4385

Curitiba:
Temptation Records – (041) 224-0402

Belo Horizonte:
Discoplay – (031) 271-4897
Bolsa do Disco (031) 225-4589

Rio de Janeiro
Corredor Cultural (021) 533-4509/ 533-6746
Toc Discos – (021) 222-2524
Moto Discos – (021) 232-3020
Satisfaction (021) 521 2893
Rarity (021) 242-4164

Letras traduzidas

Smashing Pumpkins

O grupo regravou um hit de Alice Cooper que soa mais atual hoje do que no ano em que foi lançado, 1980

Clones (We're All)

(David Barron)

I'm a clone
I know it and I'm fine
I'm one and more are on the way
I'm 2 doctor
3's on the line
He'll take incubation another day

I'm all alone, so are we all
We're all clones

All are one and one are all
All are one and one are all
We destroyed the government
We're destroying time
No more problems on the way

I'm thru, doctor
We don't need your kind
The other ones
Ugly ones
Stupid ones
Wrong ones

Six is having problems
Adjusting to his clone status
Have to put him on a shelf
All day long we hear him crying so loud
I just wanna be myself
I just wanna be myself
I just wanna be myself, be myself, be myself

© 1979 Mount Hope Music (ASCAP)
WARNER CHAPPELL MUSIC EDIÇÕES LTDA

Clones (Todos Nós Somos)

Sou um clone
Sei disso e tudo bem
Sou o um e tem mais a caminho
Sou o 2, doutor
O 3 está na fila
Ele vai ficar na incubadeira mais um dia

Eu estou sozinho, todos nós estamos
Somos todos clones

Todos são um só e cada um é todos
Todos são um só e cada um é todos
Nós destruímos o governo
Estamos destruindo o tempo
Nenhum problema no caminho

Acabei, doutor
Não precisamos de gente como você
Os outros
Os feios
Os burros
Os errados

O seis está com problemas
Ajustando-se à sua condição de clone
Tivemos de colocá-lo de lado
O dia inteiro escutamos ele gritando tão alto
Eu só quero ser eu mesmo
Eu só quero ser eu mesmo
Eu só quero ser eu mesmo, ser eu mesmo, ser eu mesmo

MAMMA MIA!

A ovelhinha Dolly nasceu sem a ajuda de papai e mamãe. É um clone, aquele ser geneticamente idêntico a outro mas criado artificialmente. Seu pai é o cientista escocês Ian Wilmut, que a gerou a partir de células extraídas da mama de uma ovelha dá o outro do animal. Homenagem à peitada cantora americana **Dolly Parton**.

GLÂNDULAS PREMIADAS

Dolly Parton é conhecida aqui pela trilha de [illegible] do sucesso "Nine To Five" e pela [illegible] de suas glândulas mamárias. Destaque [illegible] absoluto da música country, ela garantiu eternamente o Palma de Ouro das criaturas ao compor "I Will Always Love You", mega-hit na voz de Whitney Houston.

NEW NEW WAVE

Os Smashing Pumpkins [illegible] na lista de new wave e tomaram um porre. No site Bubblegum de Bunny Wah Butterfly Wings, o grupo [illegible] como "Dressing" (Bauhaus), "You're A Woman, I'm A Machine" (The Cars) e "Destination Unknown" (Missing Persons). Tudo isso e mais [illegible] podem ser encontradas na casa.

LUZ DEL FUEGO HARD ROCK

Alice Cooper cantava "Clones" no [illegible] de 1980. A música incorporava influências de grupos new wave. Ele estourou nos anos 70 cantando com cobras vivas e terminando a ópera decapitando Alice (o modelo é de **Salvador Dalí** que pintou uma mulher sem a cabeça da Vênus De Milo com uma moldada).

FAROFA ART

O pintor espanhol Salvador Dalí (1904-1989) foi um dos mestres do surrealismo, escola artística que incorporava as idéias de Freud sobre o inconsciente. Pintou telas clássicas e abalou com a cineasta Luis Buñuel em filmes como [illegible] mas a partir dos anos 60 [illegible]. A parceria com Alice Cooper é típica de sua fase artificial.

COOPER REFEITO

O cantor americano Marilyn Manson é uma versão atualizada de Alice Cooper. Canta [illegible] glorificando o sadomasoquismo e a violência enquanto rasga a pele e a unhadas. O comportamento bizarro de Manson já lhe rendeu alguns problemas. Seu LP [illegible] foi banido de algumas [illegible] americanas.

Teste

Vai encarar um ska?

O ritmo jamaicano invadiu os EUA e está entrando com tudo no Brasil

A louraça Gwen Stefani e a turma do No Doubt comandam a invasão do ska nos EUA

1 *Jimmy Cliff já era conhecido na Jamaica quando, aos 14 anos de idade, emplacou o hit "Dearest Beverley". Foi uma de suas primeiras colaborações com o produtor Leslie Kong. Cliff depois daria um empurrãozinho na carreira de certo astro do reggae ao apresentá-lo para Kong. Nome do protegido...*

a) Peter Tosh
b) Bunny Wailer
c) Bob Marley
d) Michael Rose
e) Samuel [illegible]

2 *Os Skatalites surgiram em 1963, a partir da união de diversos músicos de jazz. Em quatro anos de carreira, eles acompanharam a nata da canção jamaicana (The Wailers, The Heptones). Alguns de seus integrantes, como o trombonista Rico Rodriguez, mais tarde ajudaram a turma do 2Tone – movimento de ska que dominou a Inglaterra no fim dos anos 70. O maior hit dos Skatalites teve seu nome tirado de um filme de ação. Qual?*

a) James Bond vs. [illegible]
b) [illegible] Montecarlo
c) The Guns Of Navarone
d) Rasta [illegible]
e) [illegible]

3 *Toots Hibbert foi o primeiro artista a utilizar o nome "reggay" numa canção. Mas toda sua carreira está ligada ao ska. Acompanhado dos Maytals, ele dominou as festas da Jamaica por muitos anos. Um de seus hits seria regravado por um ex-integrante de uma banda de rock famosa. Nome da música e de quem a cantava*

a) [illegible]
b) Pressure Drop – Izzy Stradlin
c) Smoking – [illegible]
d) [illegible] Nylon shirt – Ian Gillan
e) [illegible] – Bruce Dickinson

4 *Desmond Dekker se tornou um dos primeiros jamaicanos a estourar na Inglaterra. Isso rolou em 1969, com "Israelites". Qual a profissão anterior de Desmond?*

a) [illegible]
b) [illegible]
c) [illegible]
d) [illegible]
e) [illegible] Bob Marley [illegible]

5 *"Gangster" virou o primeiro single do Special A.K.A. – mais tarde rebatizado Specials –, banda que liderou a febre inglesa de ska nos anos 70. O grupo costumava abordar em suas letras temas sociais. Um famoso líder negro virou canção dos Specials. Seu nome e o título da música.*

a) Celso Pitta – [illegible]
b) Martin Luther King – [illegible]
c) Malcolm X – [illegible]
d) Nelson Mandela – "Free Nelson Mandela"
e) Fernando Henrique Cardoso – Mulato Assanhado

6 *The Beat era apenas mais uma banda inglesa de punk rock quando conheceu o ska e mudou tudo. Depois de cinco anos de ótimos trabalhos, o grupo rachou e deu origem a duas outras formações. Fine Young Cannibals e General Public. O primeiro hit do Beat foi "Tears Of A Clown", cover de um famoso soulman. Qual o nome dele?*

a) Smokey Robinson
b) Cassiano
c) Marvin Gaye
d) Tony Tornado
e) Al Green

7 *O Madness tirou seu nome de uma canção de Prince Buster, velho astro do ska jamaicano. Em 1979, o grupo lançou One Step Beyond, álbum que ficou mais de um ano nas paradas britânicas. Depois do fim do Madness, o vocalista Suggs virou empresário de uma banda dance-brega. Qual?*

a) [illegible] Beat
b) [illegible]
c) [illegible] Dance
d) [illegible]
e) The Farm

8 *O Selecter se diferenciava das outras bandas de ska da Inglaterra por ter uma mulher nos vocais, Pauline Black. Depois dos hits "Three Minute Hero", "On My Radio" e "Missing Words", o grupo encerrou atividades em 1981. Qual o rumo tomado por Pauline mais tarde?*

a) Virou apresentadora de programa infantil
b) [illegible] The Remains
c) [illegible]
d) Fez shows no Brasil [illegible]
e) Virou dona de casa

9 *O grupo americano Mighty Mighty Bosstones representa a nova geração de astros do ska. Mistura som jamaicano com hardcore, já participou de uma coletânea em homenagem ao Kiss - Kiss My Ass - e fez ponta num badalado filme. Qual?*

a) [illegible]
b) As Patricinhas De Beverly Hills
c) Romeu e Julieta
d) [illegible]
e) Jerry Maguire

10 *A mais nova sensação do ska atende pelo nome de No Doubt. Tragic Kingdom, seu terceiro disco, vendeu seis milhões de cópias. O irmão da deliciosa Gwen Stefani, Eric, deixou o grupo para desenhar um famoso personagem de televisão. Qual?*

a) [illegible]
b) [illegible]
c) [illegible]
d) [illegible]
e) Ren & Stimpy

EM QUAL CATEGORIA VOCÊ SE SKAIXA?

[illegible] acertos – DESKACETADO – Você sabe tudo de Specials e The Beat. E quem sabe tudo, quando ouve Skatalites e outras velharias jamaicanas, vai logo perdendo o prumo.

[illegible] acertos – SKALAVRADA – Mandou bem, continue dançando. Só tome cuidado com o ritmo. Umbigada é bom, mas tire o piercing antes, por favor.

[illegible] acertos – DESKASKADO – Você já tirou a embalagem, mas precisa fazer movimentos repetidos e constantes para chegar lá. Botar um CD do Madness vai ser uma experiência altamente recompensadora. Aaaaah!

[illegible] acertos – SKAIDAÇO – Pelo jeito, você acha que foi o No Doubt que inventou o ska. E prefere a balada, né? Vai ser atolado assim num show de Alan Parsons.

[illegible]

REGGAE DANCE NIGHTS

Apresenta

INNER CIRCLE

A MELHOR BANDA DE REGGAE DO MUNDO
NO SEU NOVO SHOW "DA BOMB"
500.000 DISCOS VENDIDOS NO BRASIL

AKUNDUM

A BANDA REVELAÇÃO DO VERÃO EM SEU 1° CD
À CAMINHO DO DISCO DE PLATINA
"EMACONHADA"

BRASIL TOUR
VITÓRIA - 15 DE MAIO - GINÁSIO PEDRO ÁLVARES CABRAL
SÃO PAULO - 16,17 E 18 DE MAIO - PALACE
BRASÍLIA - 23 DE MAIO GOIÂNIA - 23 DE MAIO
CURITIBA - 28 DE MAIO JOINVILLE - 29 DE MAIO
FLORIANÓPOLIS - 01 DE JUNHO
RIO DE JANEIRO - 3 e 4 DE JUNHO - IMPERATOR
PORTO ALEGRE - 7 DE JUNHO - GIGANTINHO

POLADIAN PRODUÇÕES
TEL. 011. 8532544

ONZE PERGUNTAS

STEWART copeland

Depois de compor - de graça - a trilha sonora do filme *O Que É Isso, Companheiro?*, o baterista arma uma volta do Police

por ANDRÉ LUÍS BARROS

Você tem se encontrado com Sting e Andy Summers, ex-companheiros de Police?
Encontro Sting em cidades esquisitas, durante as turnês dele. Outro dia, na Holanda, estava na plateia e ele me fez subir para tocar (*cantarola*) "Every move you make... Every breath you take...", um troço desses, você conhece não? Foi incrível! E outro dia almocei com Andy Summers em Nova York. Na verdade, adoraria que o Police voltasse a tocar junto o mais rápido possível. Quero muito isso.

Você concorda com os que dizem que o Police foi a cara do pop dos anos 80?
O U2 foi a cara do pop 80. O Police, era o pop do final dos 70. Misturamos rock com pitadas de reggae, uma batida forte, um pouco de ska. Deu no que deu.

Dizem que o rock de baixo-guitarra-bateria é uma fórmula esgotada. O que acha disso?
Isso é besteira, o rock básico nunca vai acabar. Tenho visto muita coisa boa provando que o rock se transforma, se renova. Adoro Rage Against The Machine, Dog Eat Dog, Beck, Green Day, . Todos influenciados pelo Police.

O que acha dos Paralamas, que chegaram a ser acusados de imitar o Police?
Sou amigo do Paralamas. Estive com eles na turnê que o Police fez no Brasil e falei isso para eles: não havia imitação, tinha influência.

De música brasileira, o que você gosta mais? E por que nunca fez nada com ritmos brasileiros, exceto trechos da trilha de *O Que É Isso...*?
O grupo brasileiro de que mais gosto é o Olodum, que produz suas próprias percussões e tem uma sonoridade incrível. Mas nunca me atrevera a fazer músicas em ritmos brasileiros. Para o álbum *The Rhythmatist*, estive com músicos do Quênia, Zaire, Tanzânia e Burundi. Mas a cultura do Brasil é muito forte, vocês já têm músicos e compositores que transitam bem em seus estilos. Não gostei do que David Byrne fez: soa como imitação. Vocês têm uma grande identidade cultural, uma autenticidade rítmica. Eu não teria por que me meter.

Hoje você se dedica a trilhas sonoras...
É a óperas. Sim, fiz três óperas, alguns balés e música sinfônica para o Channel Four (*TV britânica*). Das óperas, duas eram com música erudita, como você vê nos teatros tradicionais e outra era uma ópera-rock.

Você estudou música sinfônica e composição a fundo?
Durante o colégio, estudei música, da leitura à composição. Depois entrei na universidade para cursar Música e descobri o rock, por isso meus conhecimentos teóricos ficaram em suspenso. Só fui usá-los depois, em trilhas, e, mais intensamente, nessas óperas.

E como foi a repercussão das óperas?
Considero ótima, pois ou os críticos amavam ou odiavam. Não havia meio-termo. E eu já esperava por isso, pois estava invadindo a área dos eruditos, eles não podiam mesmo aceitar um roqueiro assim, de uma hora para outra.

No cinema, como foi sua trajetória?
Quando comecei a fazer trilhas, poucos compositores entendiam de guitarras e baterias, eram pessoas como John Williams, só para dar um exemplo, que não admitiam outra coisa senão música sinfônica. Hoje temos compositores mais jovens e isso é um fenômeno de renovação, porque os próprios diretores são cada vez mais jovens. Estou trabalhando agora com o Stephen Elliot, que fez *Priscila, A Rainha Do Deserto*, na trilha de seu novo filme, *The Big Red*. Não tem drag queen, mas é muito louco e festivo.

Quantas trilhas você costuma fazer por ano?
No ano passado fiz quatro, o que é uma média comum. Na verdade, o diretor Bruno Barreto me chamou para fazer a trilha de *Atos De Amor*, seu filme anterior. Mas eu estava trabalhando em outro filme, e ele adiou o convite. Outro dia, meu agente me pediu para que eu reorganizasse minhas melhores trilhas sonoras em uma fita demo e, a princípio, eu estava achando aquilo meio chato, mas, depois de reouvir, sabe que gostei? Assim surgiu um CD com minhas melhores músicas para filmes, que está para sair.

Como foi compor a trilha de *O Que É Isso, Companheiro?*
Levei seis semanas para fazer. *Six Weeks In September* foi em setembro do ano passado (*o nome do filme em inglês é* Four Days In September)! Nunca demorei tanto, mas o trabalho foi ótimo, fiz de graça, por amizade. Tive a ajuda dos percussionistas brasileiros Paulinho da Costa e Jorge Cleber, que me ajudaram a diferenciar o ritmo típico do Rio, o samba carioca dos outros ritmos brasileiros da Bahia, Recife, Nordeste...

"Estive com Sting e Andy Summers recentemente. Quero muito tocar de novo com eles, o mais rápido possível!"

Ao Vivo

Pepeu Gomes, Moraes Moreira, Baby do Brasil e Paulinho Boca em noite iluminada

baianidade nagô

Novos Baianos encantam São Paulo em meio à pretensa era tecno

NOVOS BAIANOS Palace (São Paulo) 18.04

Enquanto críticos inutilmente discutiam se o tecno é ou não a música do futuro, o Palace (São Paulo) recebeu uma seleta platéia para uma boa dose de nostalgia. Reunidos sob o pretexto de comemorar os 50 anos de Moraes Moreira, os Novos Baianos brindaram seus antigos fãs, seduziram a garotada mais nova e arrebanharam um séquito de prováveis incrédulos. Foram pouco mais de duas horas de show, o suficiente para o grupo mostrar um repertório infalível cheio de hits e sustentado pelo poder da guitarra fenomenal de Pepeu Gomes & filhos musicais.

A noite começou com Moraes Moreira e banda. Depois entrou Armandinho (A Cor Do Som). O virtuose da guitarra baiana acompanhou Moraes em "Meninas Do Brasil" e fez o primeiro dos muitos solos da noite.

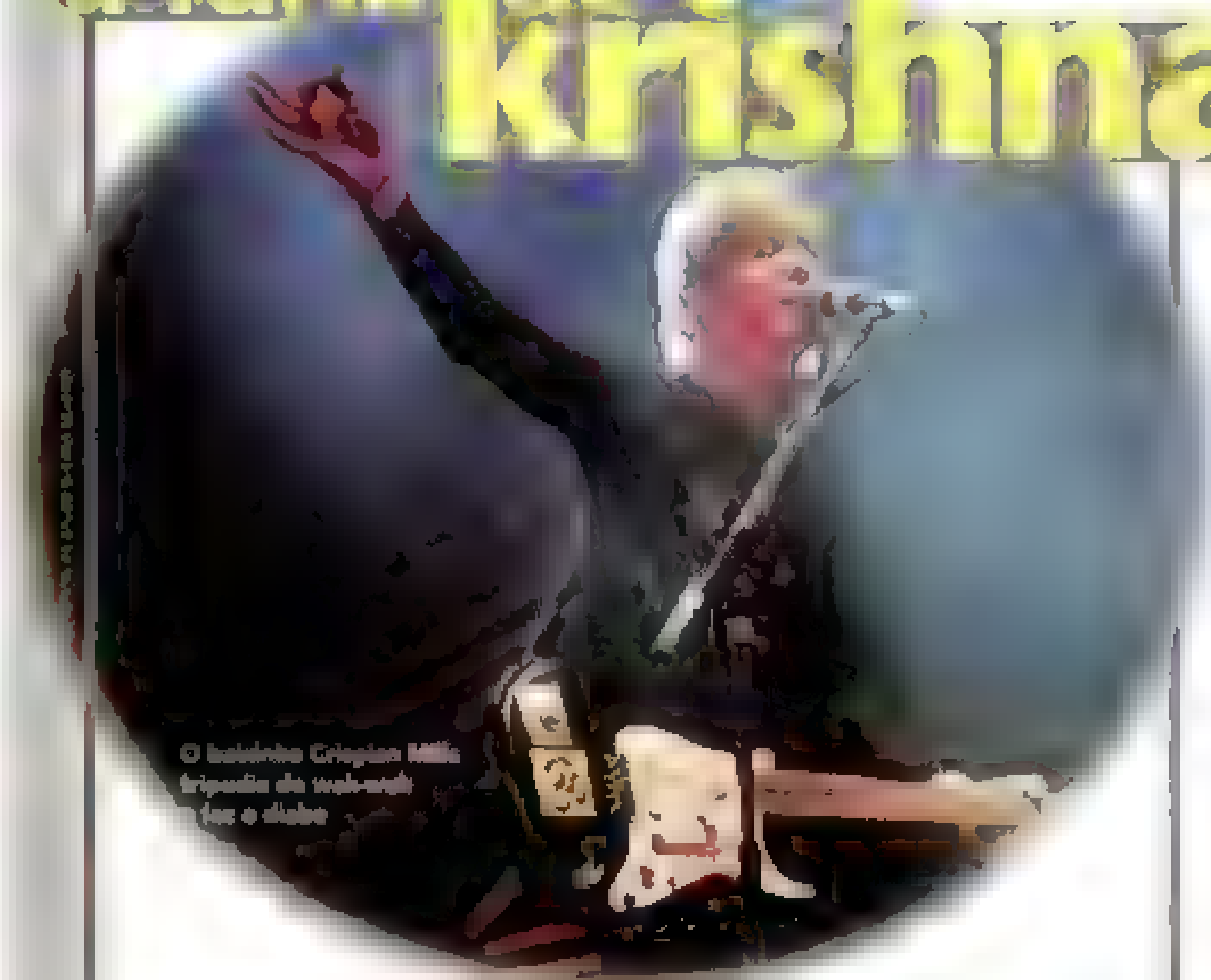
O palco, em seguida, foi dominado por Novos e novíssimos Baianos. Da nova geração fazem parte Davi Moraes, filho do homem, e a recém-convertida Marisa Monte. Mas os baianos originais é que mereceram todas as atenções. Moraes, Pepeu Gomes, Baby do Brasil, Paulinho Boca de Cantor, Dadi e Jorge Gomes, somados ao poeta Galvão, fizeram uma apresentação histórica.

Os momentos inesquecíveis vieram aos borbotões: um poema alucinado de Galvão, Pepeu Gomes entrando de mansinho para o solo de "Acabou Chorare", fazendo o diabo na guitarra, ao lado da bateria soberba de Jorge Gomes e do baixo mágico de Dadi (como é que gente perde tempo com esses pretensos virtuoses do exterior, meu Deus!). Baby cantando "Tinindo Trincando" acompanhada de Pedro Baby (fruto carnal/musical do casamento com Pepeu; Paulinho interpretando "Mistério Do Planeta" e "Swing Do Campo Grande", Galvão lembrando a época em que ser novo baiano era chave de cadeia.

Pode parecer impossível, mas o show seria ainda melhor: faltaram composições de *Ferro Na Boneca* e *Novos Baianos F.C.* – será que os baianos só têm olhos para *Acabou Chorare*? – e seria legal conter a percussão e a performance mágica de Charles Negrita dando consistência ao som do grupo, detalhes que poderiam ser consertados para os próximos encontros. Enquanto isso, nos debates tipo "o tecno é o futuro da música" que pululam por aí.

Sérgio Martins

a fúria de krishna



O baixinho Crispian Mills tripudia do wah-wah faz o diabo

Kula Shaker Irving Plaza (Nova York) 19.04

Os americanos estão doidinhos para ver o primeiro show (como *headliner*) do grupo inglês Kula Shaker nos EUA. Compraram todos os ingressos com semanas de antecedência e fazem fila de dobrar quarteirão na porta do Irving Plaza. Os cambistas pedem sessenta mangos numa entrada que, inicialmente, custava US$ 12,50. E o pior é que vale a pena.

Acredite, ao vivo, o Kula Shaker soa ainda melhor do que em *K*, o arrasador primeiro álbum da banda. Superbem tocadas, as músicas ganham ainda mais força e justificam por que o quinteto é considerado um dos grandes nomes do novo rock britânico. A massa sonora compacta que vem do palco é dançante e pesada. Uma porrada de puro rock n roll. Já em "Hey Dude", a primeira canção do show (e do disco), o guitarrista/vocalista Crispian Mills tripudia do wah-wah (pedal imortalizado por Jimi Hendrix) e apesar da aparência meio frágil, faz o diabo. Cruel, muito cruel... No repertório estão todas as músicas de *K* pontuado por hits (pelo menos na Inglaterra) e uma homenagem. "Dedico parte do show a George Harrison e outra à maior banda de rock de todos os tempos, Deep Purple". Na sequência, o Kula ataca uma versão encapetada de "Hush", gravada no primeiro disco do DP. "Tattva", uma das composições do grupo com letra em sânscrito, fica pro final. Nos bis, uma hora e meia depois de terem subido no palco, tocam o que a platéia pedia desde o primeiro segundo de show: "Govinda". Apoteose. A música, que no disco tem clima relax, começa no mesmo pique, mas ganha uma levada funkosa, com tablas sampleadas. É a síntese do que é o Kula Shaker cara a cara.

Robert Halfoun

domingo LEGAL

Skank, Nenhum De Nós, J. Quest
Praça Charles Miller (São Paulo) 13.04

Uma mistura de bom tempo e música de qualidade arrastou mais de 60 mil pessoas à Praça Charles Miller (Pacaembu) para um bailão com J. Quest, Nenhum De Nós e Skank. O evento arrecadou mais de 10 mil toneladas em alimentos para organizações assistenciais e matou as saudades do Skank dos palcos brasileiros. Comprometido com uma carreira internacional, o grupo não se apresentava por aqui há mais de dois meses.

J. Quest e Nenhum De Nós fizeram bons shows que esquentaram a platéia. E Samuel Rosa entrou endiabrado: dedicou "Pacato Cidadão" aos PMs de Diadema, berrou que "não era Flamengo" na versão de "País Tropical" (Jorge Benjor) e sambou - no melhor *jeitim mineirim* - durante "É Hoje". Teve até sexo ao vivo, através de mensagens assanhadas transmitidas na música "Zé Trindade. Que coisa!

Letícia Calmon

VAI ROLAR...

Inner Circle
16, 17 e 18.05 São Paulo Palace
25.05 [illegible]
[illegible] 28.05 Curitiba [illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible] Porto Alegre [illegible]

Ten Years After
[illegible] Rio de Janeiro Metropolitan

Gilberto Gil
[illegible] São Paulo Palácio [illegible]

Skol Rock
Show Bar [illegible]
[illegible]
[illegible] Brasília

Concrete Blonde
16 e 17.06 São Paulo Palace
18.06 Rio de Janeiro Metropolitan

RIMAS do MEDO em DIADEMA

Na Favela Naval, rappers operários fazem versos que denunciam: "A polícia é marginal"

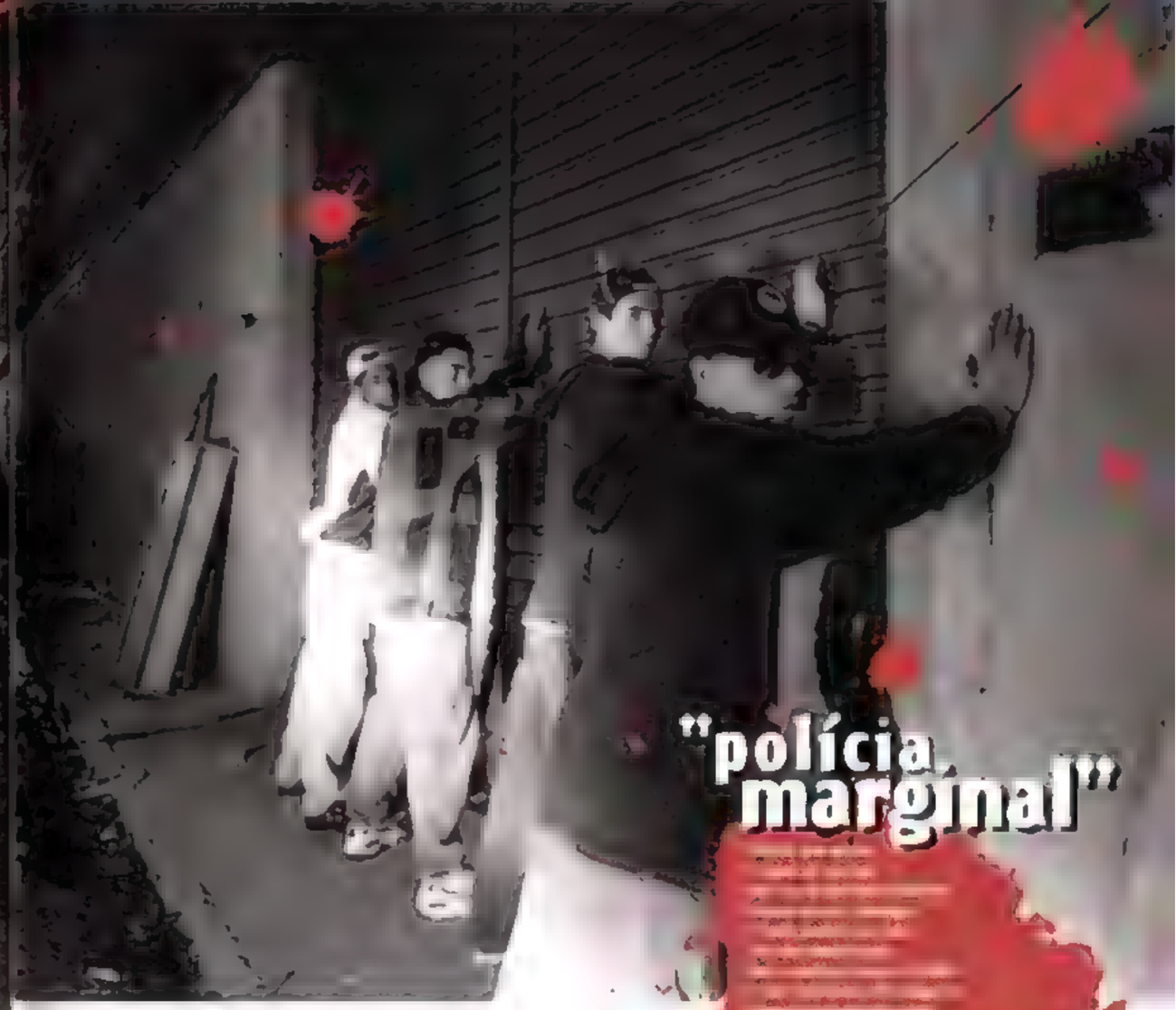
por LETICIA CALMON foto MARCOS MUZI

No hip hop é assim. O que vale, às vezes mais do que os méritos artísticos, é ser da rua ter sobrevivido a um passado de violência e barra-pesada. E nesse quesito que os rappers costumam chamar de "realidade", poucos são páreo para o MC's do Rap, grupo que nasceu na Rua Naval, principal via da favela de Diadema (SP) que ficou famosa internacionalmente graças a um certo vídeo amador. "Polícia Marginal" (*veja letra ao lado*), composta por Sidney Aparecido de Césaro Palazan ("mas chama de Nev ou MC Jay") em 1993, é a trilha perfeita para as imagens que aumentaram a audiência do Jornal Nacional.

Ajudante de produção e primeira voz do MC's, Nev, 21 anos, sabe direitinho como ficou sua pele depois de um encontro com PMs. "No fim de 1995, eu e os mano tavamo tudo tomar cerveja no intervalo de um ensaio da escola de samba, quando chegaram uns PM procurando bagulho", conta ele, no mesmo bar-local onde foi assassinado o conferente Mário José Josino. Sem camisa, instrumentos nas mãos, Sidney e os garotos apanharam de cassetete e chicote durante uma hora e meia. Só os rostos foram poupados. "O horário da ronda acabou e eles deram três segundos pra gente correr. E pra correr com a perna tremendo?"

"Polícia Marginal" foi apresentada não só na Favela Naval, onde o MC's do Rap tirou terceiro lugar num campeonato realizado no Clu pp Papo (boteco das proximidades). "Nos apresentamo em muita casa por aí. Quase fomo pra Argentina, mas acabou furando..." lamenta, comendo os ossos. As dificuldades financeiras atrapalharam a carreira do grupo, que tinha encerrado as atividades até ser (re)descoberto por SHOWBIZZ. Romero Silva, que dividia os vocais com Nev, converteu-se e virou pastor. Paquito, um dos dançarinos, foi impedido, pela sua esquentada esposa, de participar até mesmo da sessão de fotos desta reportagem. Os dois DJs, Pedro e Ed, simplesmente "sumiram". Mas outros três integrantes, todos com 18 anos, querem agora reviver o MC's do Rap. O balconista Paulo Edson de Souza, o Poeta ("às vezes faço umas poesias"), substituiu o pastor Romero nos vocais. Os ajudantes de produção Alexsandro de Césare Palazan (mais conhecido como Carequinha, irmão mais novo de Nev) e Anderson dos Santos Moreira, o Canso (tem um baita de um pescoço), incumbem-se da dança nas apresentações.

Carequinha, Canso, Nev e Poeta (da direita para esquerda) no local exato do assassinato de Josino: batida policial era [illegible]



"polícia marginal"

O "pedágio" cobrado pela PM hoje é só uma (má) lembrança. "Agora que todo mundo já sabe que eles são piores que nós, perdemos o medo de mostrar a nossa. Meu irmão até disse pra vender pros nossos ídolos Racionais. Mas eu sou mais é cantar!", anima-se Nev. As perspectivas melhoraram – e não só para os rappers. Hoje, a Rua Naval tem até meninas jogando vôlei após as dez da noite. "Quem diria que a gente ia tirar foto aqui às duas da madruga?", espanta-se Canso.

Mande demos e CDemos para: Democracia - Caixa Postal 6617, CEP 05315-970, São Paulo - SP

Marruda (no centro) volta com músicos da Baixada em nova banda: Cabeça De Nêgo

Explosivo da Baixada

Uma espécie de Trenchtown fluminense, o município de Belford Roxo gerou bandas como Cidade Negra, Negril e, por tabela, O Rappa. Agora abençoa o reggae boa-praça do Cabeça De Nego. Liderado pelo ex-vocalista da Banda Bel, Ronnie Marruda, o grupo manda um chacundum com apelo pop. Os caminhos de Ronnie e do Cabeça se cruzaram ha dois anos. Na epoca, a banda bata hava espaço como Soul Do Beco. Com a adição do vocalista, ganhou, não só um porta-voz, mas tambem uma especie de irmão mais velho. "Sou do tempo do Agostinho Dos Santos e da Hebe Camargo. Passo a minha experiencia para eles", exagera Ronnie, do alto de seus 42 anos. "Eles me consideram um highlander da musica negra."

A primeira demo do Cabeça De Nêgo foi produzida por Nilo Romero (Kid Abelha) e tem boas composições proprias, como "Estou Perdido" e "O Pequenino", alem de "Faz Parte Do Meu Show" (Cazuza). "Mas nao representa nossa força ao vivo. Somos bem mais pesados no palco", adianta Marruda. Contatos: (021) 521 5169 ou (021) 541-1550.

À PROVA DE INTELIGÊNCIA

"Montamos a banda ha cinco anos para descolar xoxotas e fazer barulho. Não conseguimos nem uma nem outro." A frase lapidar é do vocalista-figura Larry Anta, define *Um Palmo O Lacraia*, estréia em CD do punk-core Sex Noise. O quarteto carioca bateu martelo com o Tamborete Entertainment (e-mail para contatos: acr@highway.com.br), *joint(éha!) venture* dos selos Panço, Azeitona e Pogo Loco, dirigido pelo baba cósmico Rafael Ramos. "Nossas musicas provam que o Sex Noise nao é inteligente", assume Anta. O album, pesadão, traz musicas como "Consumo", que fala de umas crianças "pidonas", "Elefantes Temem Pulgas", "Talquinho", ("paródia de 'O Barquinho' queremos fazer Tom Jobim rolar na tumba") e três letras que falam de iogurte!! "Vamos detonar um sucesso nacional e a intenção é arranjar um patrocínio de iogurte!" Se não der certo, a trupe já tem outro plano: fazer uma cover de "Garoto Maroto", hit de Alcione, e montar uma linha de cosméticos para rejuvenescimento de selos. É mole?

Larry Anta (no extremo direito) mantém a banda e seus colegas [illegible]

Alma Reggae já assinou com a Rock It! de Dado Villa-Lobos

Grave é o groove

A situação é grave. O baixo também. Ou, se você preferir, é um recado, no imperativo. A banda carioca Gravel tem significados pra dar e vender. Os vocais, a cargo de Daniel, seguem a escola Chico Science. O mesmo Daniel segura o baixo ininterrupto para sustentar as distorções de guitarra da dupla Juliano Buarque e Léo Kvra e a ótima percussão de Marcelo Hadj.

A banda surgiu no começo de 1996 com influências confessas de Living Colour, New Power Generation, muito reggae, Rappa e Chico Science. Agora, eles preparam a incorporação do DJ Bruno, no palco e no estúdio. "Pra manter o groove sem perder o peso natural", explica o guitarrista Juliano. Equilíbrio é a palavra. Como diz a letra de uma das músicas do grupo, "sem o grave o agudo não é nada". Contatos: (021) 512 1616, com Juliano e (021) 267 3372, com Leonardo. (Bruno Zeni)

Reggae de montanha

"É, a gente faz um reggae de protesto com levada pop. Mas eu gosto mesmo é de reggae de raiz. O que pega é o roots." Pelo telefone, a voz de Bira tem o mesmo balanço das musicas em que o Alma Reggae expõe suas raizes e suas razões.

A banda tem dois anos de reggae feito em Petrópolis, na imperial região serrana do Rio de Janeiro. Reggae de montanha? Estranho? "É bom, tem cachoeira. E a gente sempre desce pra praia para fazer musica", explica Bira.

Completam o time: o baterista Marcão e o baixista Marquinho. Os metais ficam por conta de músicos convidados e as letras são do vocal Bira. Destaque para as faixas "Maria Joana" (ah...), "Cilada" e "Geribá". Esta, com uma levada roots, tem o grande mérito de marcar uma referência de lugar inspirador do grupo: Geribá, praia de Buzios.

Contratados pela gravadora Rock It, eles lançam em junho um EP com quatro musicas, entre elas "Jah Vai Providenciar", musica de Bira já gravada pelos companheiros do Cidade Negra.

Existencialismo pé-no-punk

Saca só: "Seus olhos tranqüilos e colonizados/ beijos em bocas sempre são adaptados/ burgueses novos colonizados". Não lembra a fase heroica do punk brasileiro, de Cólera e Garotos Podres? "É, a gente tem um pezinho no punk, mas tem também um certo existencialismo desencantado", autodisseca-se Claudio Bull, vocalista da banda brasiliense Divine. O gosto por techno, jungle e pelos vocais do extinto Fellini completa a mistura com o punk.

A atual formação da Divine (que conta ainda com Wilton Rossi, guitarra, Wagner Rossi, baixo e Thiago Bouza, bateria) já tem dois anos e a banda prepara o primeiro CD. Cansados da falta de espaço na gloriosa capital federal, seus integrantes estão montando um selo próprio, o Batum-Hum. Contatos: Claudio no fone (061) 226-0769 ou no e-mail divine@conbrac.com.br.

OVNI AMARELO

Os Pin Ups do Alto da Elkano (música) [illegible]

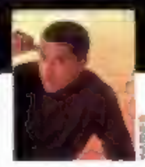
O grupo paulistano Pin Ups dá marcha a ré e reforça o vinil "ufonde". Lançado pela Fishy Records na atual onda retrô de resgate dos LPs, *Single* é um bonequinho amarelo de sete polegadas com apenas três canções. O som da banda também mudou. Está mais para o pop inglês de Teenage Fanclub e Sleeper do que para a barulheira de antes. A baixista Alê assumiu os vocais. "Tô adorando cantar", vibra ela, faceira. Alê, Luluzinha em meio aos Bolinhas da banda, ganhou agora a companhia da guitarrista Elaine, 18 anos. Em breve, o Pin Ups ressuscita seu primo quieto, o Cash, projeto paralelo vagando como My Bloody Valentine e comportado como corrinha de igreja.

pipoca moderna

por JOSÉ EMILIO RONDEAU, de Los Angeles

ROLLING STONES EXPERIMENTAL

● Os manobristas do estúdio Ocean Way, em L.A., estão fazendo serão com tanto entra e sai nas gravações do novo álbum dos Rolling Stones. Motivo: o trabalho, com lançamento previsto para julho/agosto, tem pelo menos três produtores. Além de Don Was, que pilotou os recentes *Voodoo Lounge* e *Stripped*, os Stones estão trabalhando com o *grammyado* Babyface, dizem, responsável por uma balada de primeira. A terceira colaboração é dos Dust Brothers, a mesma dupla por trás da sonoridade de Beck e do trio de rap Beastie Boys. A influência dos "irmãos poeira" no trabalho tem sido considerada excessivamente experimental para os velhos homens do rock.



Keith Richards, Mick Jagger, Ron Wood e Charlie Watts (da esq para dir.) trabalham com três produtores no novo disco. Um deles é Babyface (ao lado)

JUNTOS PELO MORCEGÃO

● Kindamoorid e Michael Stipe (R.E.M.) são os co-autores e co-intérpretes de "Batman". A música faz parte da trilha sonora das novas aventuras do morcegão. Outra faixa do álbum que merece sua atenção é "The End Of The Beggining Of The End", a nova dos Smashing Pumpkins, que contam com a participação do baterista Chris Vrenna (ex-Nine Inch Nails).

OLHO NELES

A voz de ERIKAH BADUH, uma texana de 26 anos já foi comparada à de Chaka Khan e à de Billie Holiday, mas o que se vê em *Baduizm*, o primeiro álbum de Erikah, é uma tessitura rica em soul com elementos de hip hop e jazz, que a coloca na linha de frente da geração composta por artistas como D'Angelo e Toni Braxton.

Se Joni Mitchell e Liz Phair pudessem ter uma filha juntas, ela seria ANI DIFRANCO, a *folk rocker* de Buffalo (cidadezinha no interior do estado de Nova York). Atual ídolo dos universitários americanos graças a um sem-fim de álbuns lançados independentemente pelo selo de Ani, ela lança *Living In Clip*, seu décimo disco. Duplo e ao vivo, é um bom cartão de visitas para quem perdeu tudo o que veio antes.

RAPPER DE CABELO NA MÃO

● Depois que o mundo descobrir o site de ice-t vai ter cabelo crescendo na mão de muito internauta por aí. Isso porque o rapper se associou à produtora de vídeos pornô VCA e está oferecendo cyber-sacanagens das mais variadas. Tem de "transas" individuais a surubas intensas. O endereço é www.icet.com., mas, cuidado: sua conta bancária diminuirá proporcionalmente ao aumento de sua libido: o cara está cobrando 10 dólares ao dia.

JOÃOZINHO FERVE

● Acredite, se quiser: John Lydon volta em junho com seu álbum solo. *Psycho's Party* foi concebido, gravado e engavetado há três anos. Depois Moby, Chemical Brothers e Leftfield remixaram algumas faixas para deixar o disco com um jeitão tecno. É meio *démodé*.

E LÁ VEM ELE COM ISSO?

Você vive muito bem até agora sem saber, mas é sempre bom fazer informado

Não é mole convencer os outros de que precisam comprar algo que já têm. É isso que as gravadoras fazem, ao relançar versões aprimoradas de clássicos do rock, com som melhor e faixas adicionais. Naturalmente, existem caça-níqueis no lote e a adição de faixas-extras não significa um disco melhor. Mas alguns casos de relançamentos justificam sua existência e fazem a delícia não do ouvinte casual – aquele que ouve música lavando cuecas –, mas do consumidor interessado em aproveitar o disco em sua qualidade máxima.

Aproveitando-se das novas tecnologias de masterização, o produtor Eddie Kramner e Iggy Pop recuperaram alguns clássicos do rock e chegaram à sua melhor forma, com a sonoridade cujo o artista pretendia passar para o público. Tudo sai enfabizado, até os defeitos. A distorção soa melhor, as freqüências mais altas chegam a machucar o nervo do dente. É o caso dos discos lançados por Jimi Hendrix e de *Raw Power* (o álbum de Iggy Pop, de 1973, que o próprio Iggy se encarregou de remasterizar). Parece que você está ouvindo tudo pela primeira vez.

Uma proposta às gravadoras brasileiras: por que não desencavar as filas-mestras dos nossos clássicos, como *Acabou Chorare*, *Tropicália*, *Expresso 2222*, entre outros, e remasterizar tudo para valer? Vai a dica: o próprio Eddie Kramer me disse que está louco para trabalhar no Brasil.

BROWN CANTA SANDRA BULLOCK

● **Quando você for assistir à Velocidade Máxima 2, não se espante com aquele baiano vestido de egípicio cantando a bordo de um navio cruzeiro. Ele não é outro senão Carlinhos Brown e a música, "A Namorada", faz parte da trilha do filme estrelado por Sandra Bullock.**

A 89 VAI DAR PRA VOCÊ A MOTO MAIS ROCK'N'ROLL DO PLANETA!

Compre seu ingresso para o ROCK'N'ROLL PARTY no FLORESTA e ganhe um cupom, preencha e deposite na urna. Quanto mais vezes você for, mais chances de ganhar! Resultado dia 25 de Junho no FLORESTA.

•Todas as quartas • Mulher até 24h não paga•

89 FM A RADIO ROCK

floresta

Rua Funchal, 500

Patrocínio

HARLEY-DAVIDSON MOTOR CYCLES

IZZO HARLEY-DAVIDSON DO BRASIL

Daily Micha

Made in Europe — Maio, 1997 — Editor irresponsável: Michael Kaulmann

PELA PERUCA DA TITIA!

Elton John dá pinta, faz festa, mas não entra na dança de Boy George

Elton John encontra Boy George em festa londrina di-vi-na. Uil

"Micha, nunca houve nada igual ao espetáculo promovido por Elton John num caminhão ao entrar na festa do pintor Olivier Mourão em Londres", comentava a correspondente da Globo, Beth Lima.

Ao ser introduzido (sem duplo sentido, fique entendido, *please*!) no imenso caminhão *bordeaux* saindo de sua casa no aristocrático bairro de Holland Park, o popstar teve de cerrar 10 centímetros de seu sapato. Explica-se: a imensa peruca, três vezes maior do que a que costumava usar Luís XIV (ui, tinha!), não permitia sua introdução (sem duplo sentido, fique entendido, *please*!) no veículo. É claro que estava acompanhado de dois viris mancebos (ora, se não...) e de confesso namorado David Furnish (ora, se não...), em peruca lilás (ora, se não...), dando mais pinta que ele (ora, se não...).

...Ainda Mrs John... É aquela velha história: popstars ingleses com seu *noveaurrechismo*, tentando imitar aristocratas britânicos. Elton (Bibba) John não faz por menos: comemora seus 50 anitos com *party* no London's Hammersmith Palace. Na festa (com direito a presença da mamãe e tudo), o assunto não era outro senão a trepada de Liam Gallagher (Oasis) e sua Patsy na casa da TV *beauty* Kimberly Coweel. A cópula teria, segundo a anfitriã, arrebentado sua cama avaliada em 3000 libras. A beldade quer uma nova cama! A beldade clama por um novo leito! Liam não quer pagar. Eu posso?

Ah, sim: embora convidados (e ansiosamente esperados), Rod Stewart, Mick Jagger e George Michael não disseram presente.

hot news hot news hot news hot news hot news hot news hot news hot news hot news

Brasil *calling* I: ao momento em que os tablóides ingleses não param de receber telefonemas de ex-namorados das Spice Girls (oferecendo, em troca de dinheiro, entrevistas a cerca de sua sexualidade), a bela [redacted] flerta com brasileiro, playboy, filho de banqueiro, ex-*affair* de princesa residente em Mônaco, atualmente namorando (escondido) gordinha (e casadinha) estilista paulista. Precisa dar o nome ao boi? Ou preferem o nome da vaca?

Brasil *calling* II: cartazes espalhados por toda Paris comunicam espetáculo de [redacted], no Hot Brass. Entrevistada na *Groove, Melody Maker, Funk* e mais e mais... E se (segredinho!) foi anteriormente um fracasso, durante a apresentação na Bélgica, Fernandinha deu a volta fazendo (mais uma vez!) trepidar o público francês, normalmente gélido em shows. *Potin* da noite: paira no ar possível desentendimento com a empresária Denise Romano. Ao encontrar o fotógrafo Ico Ouro Preto (irmão do nosso Dinho), teria resmungado: "Não posso só ficar pensando em Fernanda, Fernanda, Fernanda! Tenho outros clientes para cuidar..." E Ico com isso?

Grande *frisson* por estas plagas em torno da chegada do lendário DJ [redacted], aquele que, além de ser dos melhores do mundo, ficou famoso por sua latinidade e (pasmem!) por nunca ter viajado de avião. Vai ter festa nas docas de Londres com dez horas de duração. Em tempo: o segundo vôo de Vasquez será para o Brasil. Quem mandou dar asas à cobra?

Também agitará a cidade a Tribal Gathering, o festival (house) inglês. Traduzindo: Wood-stock a 120 bpms (batidas por minuto), com dias e dias de som, marcando o retorno do imbatível Sascha, além do grupo alemão K[redacted] do inglês Orbital, etcetera e tal.

Celebridade do momento em Paris é [redacted], filha do *beatle* Paul. Convidada para substituir, como estilista, o *kaiser* Karl Lagerfeld na grife francesa Chloé, não sai mais de Paris.

E olha só o Jamiroquai fazendo *entrée* apoteótica (gatas mil) no Budah Bar! Trata-se, decididamente, do *point* mais concorrido e fervido da cena parisiense. Vieram estrear espetáculo no Bercy. Carismático, o líder [redacted] chupa pirulito no centro da mesa. Pirulito? Vanessa Paradis e Prince estão fazendo escola. Slurp!

VÁ PRA WALT DISNEY WORLD® COM A REVISTA CARÍCIA

Se a sua carta for sorteada, você vai para Walt Disney World® e ainda ganha:

- camiseta, boné, máquina fotográfica
- hospedagem no complexo Walt Disney World®
- ingressos para os parques
- traslados e alimentação

▶ **E MAIS:** o grupo vai participar de uma edição da revista Carícia Mais, contando tudo sobre a viagem.

A revista Carícia vai sortear 10 viagens de 7 dias para Walt Disney World®. Com tudo pago!

REVISTA carícia

EDITORA AZUL

CERT. AUT. 08/02592 MJ

"Sempre gostei de música brasileira, mas admito que levei um choque quando, no final dos anos 80, conheci *Maria Fumaça*, da Banda Black Rio. É um LP ousado, que influenciou bastante o meu trabalho no Incognito. Tanto que tocamos 'Mr. Funky Samba' nos shows que realizamos no Free Jazz."
(Jean Paul Bluey Maunique, Incognito)

MARIA FUMAÇA
Banda Black Rio

Tio Sam ainda confundia samba com rumba naquela época, mas a tal mistura de chiclete com banana cantada por Jackson do Pandeiro – e posteriormente por Gilberto Gil – ganhou a sua melhor expressão na Banda Black Rio. Samba, funk, jazz, gafieira: uma arrebatadora simbiose sonora como poucas vezes se ouviu no Brasil.

Exatos vinte anos depois, *Maria Fumaça*, álbum de estréia do grupo, continua insuperável. Tanto que agora, nos anos 90, DJs e músicos londrinos da cena acid jazz descobriram seu som. A Band Black Rio é uma das fontes onde beberam grupos como Incognito, Brand New Heavies e James Taylor Quartet, que vagam nas ruas de Portobello Road, em Londres, à procura de álbuns da trupe carioca. Pena que a Black Rio tenha encerrado suas atividades em 1984, quando seu fundador e mentor, o saxofonista Oberdan Magalhães, morreu num acidente de automóvel.

O álbum de estréia da banda traz uma simbiose sonora arrebatadora, como poucas ouvidas no Brasil

No Brasil, apesar de cultuada por alguns poucos, a banda penou para sobreviver. E sofreu ataques pesados de críticos xenófobos que não percebiam a singular e original receita criada por aqueles cobras. Para rebater tais cobranças nacionalóides, Oberdan Magalhães costumava lembrar Pixinguinha e seus Oito Batutas que, já nos anos 20, também beberam do jazz sem demérito algum. Formado na tradição dos grupos de bailes nos subúrbios cariocas, Oberdan liderou nos anos 60 o Impacto 8. Depois passou pelo grupo Abolição, do pianista Don Salvador (músico que a partir do início dos anos 70 se radicou nos EUA), no qual também tocavam o baterista Luis Carlos, o trombonista Lúcio e o trompetista Barrosinho. Com eles, o saxofonista partiria para a Banda Black Rio, completada pelo guitarrista Cláudio Stevenson (o único branco da turma, que também morreu precocemente, em 1985), Jamil Joanes (baixo) e Cristovão Bastos (teclados).

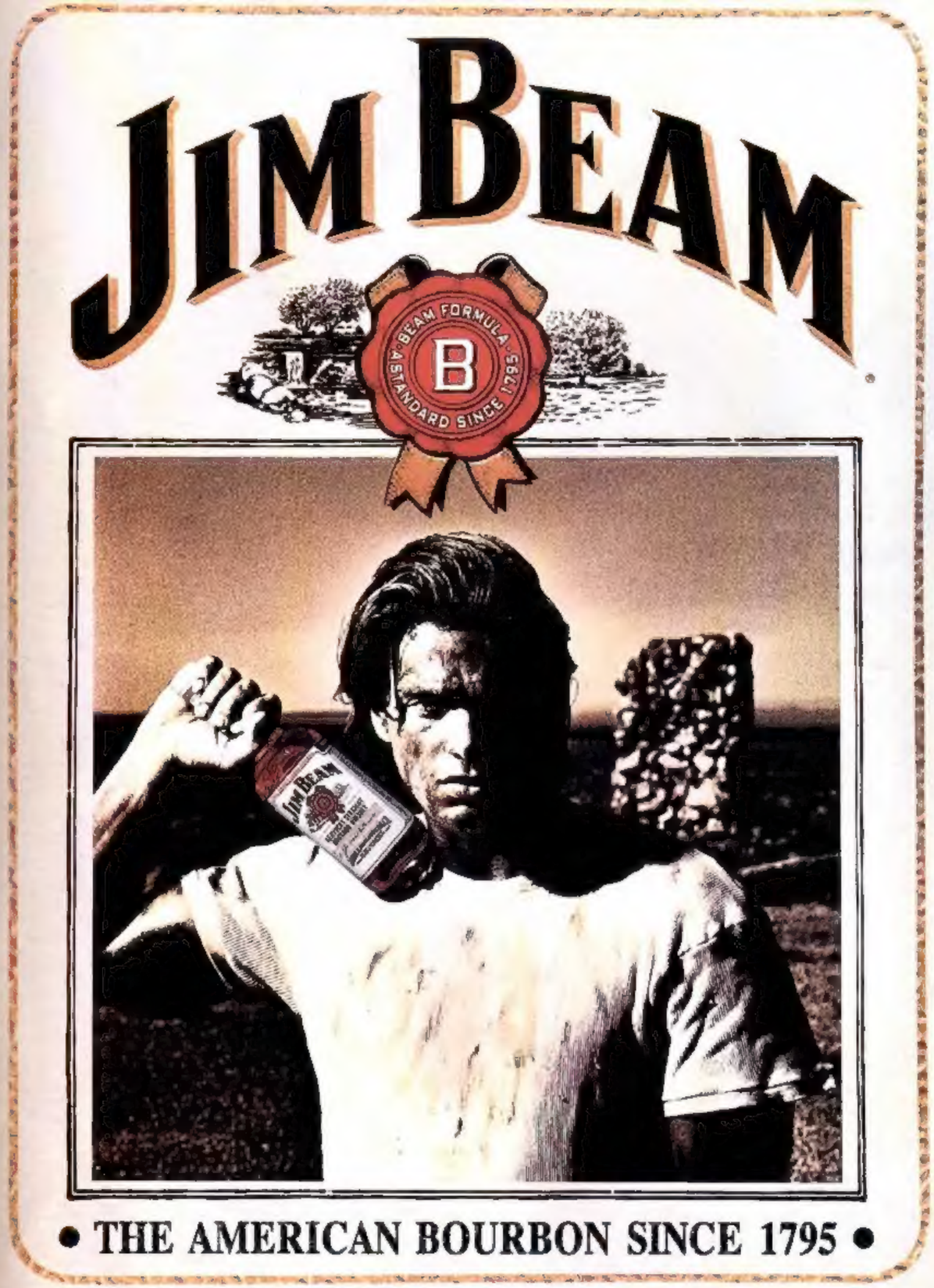
A primeira e melhor formação da BBR gravou, entre o final de 1976 e o começo de 1977, este *Maria Fumaça*. Liminha, que depois se afirmaria como o principal produtor do pop brasileiro, tinha acabado de entrar para a então nascente Warner brasileira e cuidou da produção. No disco ele está creditado como diretor de estúdio. A faixa-título e de abertura, assinada por Oberdan e Luiz Carlos, dá uma boa noção do que o álbum traz: naipes de metais suingados trocando figurinhas com a guitarra soul carioca de Stevenson e a cuíca de um dos quatro percussionistas da sessão rítmica; o baixo funk manemolente de Jamil; a bateria nota dez de Luiz Carlos e os teclados jazzísticos de Cristovão (que na época já tocava com Paulinho da Viola e hoje também trabalha com Chico Buarque e Edu Lobo). Eles alternaram temas originais, como "Mr. Funky Samba", "Caminho Da Roça" (Oberdan e Barrosinho), "Metalúrgica" (Stevenson e Bastos), "Leblon Via Vaz Lobo" (Oberdan) e a balada "Júnia" (Jamil), com clássicos da MPB. "Na Baixa Do Sapateiro" (Ary Barroso), por exemplo, é a síntese do samba-jazz-funk que marcaria a receita da Banda. Enquanto "Casa Forte" (Edu Lobo), com sua alternância de ritmos, concretiza muito do que os adeptos de fusion algum dia sonharam fazer.

Depois de *Maria Fumaça*, a primeira formação da Banda Black Rio começaria a se desfazer. Até seu fim, em 1984, mais de 15 músicos passaram pelo grupo, que lançou ainda *Gafieira Universal* (1978) e *Saci Pereré* (1980). Ambos com ótimos momentos, mas sem a magia e a perfeição do seu clássico de estréia. *Antônio Carlos Miguel*

Performance

Ano de lançamento: 1977
Direção de estúdio: Liminha
Produção: Mazzola
Técnicos: Andy P. Mills e Don Lewis
Faixas: "Maria Fumaça" • "Na Baixa Do Sapateiro" • "Mr. Funky Samba" • "Caminho Da Roça" • "Metalúrgica" • "Baião" • "Casa Forte" • "Leblon Via Vaz Lobo" • "Urubu Malandro" • "Júnia"

Na época em que fazIam este disco, os músicos da banda gravavam o álbum de estréia do cantor e compositor Carlos Dafé, outro expoente do chamado movimento black Rio. Em 1977, o grupo foi chamado por Caetano Veloso para acompanhar o lançamento do álbum *Bicho*. A BBR teve direito a um set seu, chamado Bicho Baile Show, tocando sete faixas de seu álbum de estréia. O álbum ganhou uma edição em CD no ano de 1994, mas se encontra fora de catálogo.



Jim Beam ® Kentucky Straight Bourbon Whiskey. ©1998 Jim Beam Brands International Co.

Para casais que irão passar horas inesquecíveis neste dia 12.

MAGNUM

Esquente ainda mais seu dia 12. Dê um Relógio Magnum de presente.